KRISHNAMURTI E OS RAJAGOPAL

Mary Lutyens

Tradução: Amadeu António

KRISHNAMURTI E OS RAJAGOPALS

MARY LUTYENS 1996

PREFÁCIO

Gostaria de expressar a minha gratidão a Erna Lilliefelt pelas informações que ela forneceu sobre os processos judiciais mencionados nestas páginas. Ao condensá-las, infelizmente tive de omitir muitos pormenores relevantes, mas os registos dos três casos estão nos arquivos da Fundação Krishnamurti da América, em Ojai, Califórnia, onde podem ser estudados.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para dizer que foram a Sra. Lilliefelt e o seu marido que, durante dezassete anos, suportaram o principal fardo e a ansiedade desses processos judiciais, sem nada a ganhar para si próprios para além da correção de uma grande injustiça para com a obra de Krishnamurti.

Estou igualmente grata a Mary Zimbalist por me ter permitido citar excertos dos seus diários e agradeço a Gabriele Blackburn a autorização para citar excertos das suas cartas para mim.

Todas as citações deste livro, salvo indicação em contrário, provêm dos arquivos de Adyar e Ojai e das cartas de Krishnamurti à minha mãe.

UM

Esta é uma resposta pessoal ao livro *Lives in the Shadow with J. Krishnamurti*, de Radha Rajagopal Sloss (Londres, 1991).

Os editores deste livro afirmam que o mesmo foi escrito «num espírito de ternura, justiça, investigação objetiva e não pouco remorso», mas a autora raramente perde uma oportunidade para menosprezar Krishnamurti; a obra contém muitas declarações de factos erróneas, inferências falsas e

insinuações sarcásticas, revelando-se fortemente tendenciosa numa tentativa de justificar os pais da autora à custa de Krishnamurti.

Radha Sloss (RS doravante) deu-se a tanto trabalho para demonstrar que K (como passarei a chamar-lhe) era um mentiroso, que qualquer coisa dita pelos amigos de K sobre o que este lhes contara pode, implicitamente segundo RS, ser descartada como mentira. A autora chega ao extremo de escrever que a minha mãe, a amiga mais antiga de K, que o conhecia desde 1911 até à sua morte em 1964, o tinha apelidado de «um mentiroso congénito».

Jamais acreditarei nisto sem uma prova escrita. Conhecia demasiado bem os sentimentos dela por ele. Supõe-se que devemos assumir que tudo o que Krishnamurti disse e a que os Rajagopal se opuseram era mentira, ao passo que tudo o que eles optam por dizer, sem fundamentação, é a verdade.

A principal acusação de RS contra Krishnamurti é a de que ele manteve uma relação física durante muitos anos com a mãe dela, Rosalind Rajagopal, enquanto mantinha «uma imagem casta». A relação física não é contestada e não deveria causar choque. Certamente não me surpreendeu nem me chocou quando K me falou dela. Eu sabia do seu relacionamento com Rosalind antes de escrever o último volume da minha biografia, mas não me tinha apercebido de que Rosalind queria que o seu adultério fosse divulgado ao mundo. Sempre sublinhei que Krishnamurti era, fisicamente, um homem perfeitamente normal.

Quanto ao facto de ser um caso secreto, supunha-se que K andasse por aí a dizer que Rosalind era a sua amante? Era um assunto que dizia tanto respeito a ela como a ele. E ele nunca se «apresentou» como sendo celibatário. De acordo com os dogmas da Teosofia de Leadbeater, o celibato era essencial para qualquer aspirante ao Caminho do Discipulado, mas K rompeu inteiramente com a Teosofia e os seus dogmas em 1929 e, a partir daí, falou frequentemente em público contra o celibato. Eis algumas citações das suas palestras publicadas para provar este ponto: «Os chamados homens santos têm defendido que não nos podemos aproximar de Deus se nos entregarmos ao sexo, por isso afastam-no, embora sejam

carcomidos por ele. Mas, ao negarem a sexualidade, apagam os seus olhos e cortam as suas línguas, pois negam toda a beleza da terra.

Esfomearam os seus corações e mentes; são seres humanos desidratados; baniram a beleza porque a beleza está associada à mulher.» E ainda: «Penso que deveríamos compreender o que são o amor e a castidade. O voto de castidade não é, de todo, castidade, pois por baixo das palavras o desejo continua, e tentar reprimi-lo de diferentes maneiras, religiosas ou outras, é uma forma de fealdade que, na sua própria essência, é incasta. A castidade do monge, com os seus votos e negações, é essencialmente mundanismo, o qual é incasto. Todas as formas de resistência constroem uma muralha de separação que transforma a vida num campo de batalha; e assim a vida não se torna, de todo, casta.» E mais uma vez: «Negar o sexo é outra forma de brutalidade; ele está lá, é um facto. Quando somos escravos intelectuais, repetindo incessantemente o que outros disseram, quando estamos a seguir, a obedecer, a imitar, então toda uma avenida da vida se fecha; quando a ação é meramente uma repetição mecânica e não um movimento livre, então não há libertação; quando existe este desejo incessante de realizar, de ser, então somos emocionalmente frustrados, há um bloqueio. Portanto, o sexo torna-se a única questão que é verdadeiramente nossa, que não é em segunda mão. E no ato sexual há um esquecimento de si mesmo, dos problemas e dos medos de cada um. Nesse ato não existe, de todo, o eu.»

Em resposta a uma pergunta que lhe foi feita numa reunião pública, «Será possível um homem e uma mulher viverem juntos, terem sexo e filhos, sem todo o tumulto, amargura e conflito numa tal relação?», K disse: «Não se pode estar apaixonado e não ter uma relação possessiva? Eu amo alguém e ela ama-me e casamo-nos — isso é tudo perfeitamente direto e simples, nisso não há conflito algum. (Quando dizemos que casamos, também poderia perfeitamente dizer que decidimos viver juntos.)

Não se pode ter isso sem o outro? Sem que a cauda, por assim dizer, venha necessariamente atrás? Não podem duas pessoas estar apaixonadas e ser ambas tão inteligentes e tão sensíveis que haja liberdade e uma ausência de um centro que crie conflito? O conflito não está no sentimento de estar apaixonado. O sentimento de estar apaixonado é totalmente isento de

conflito. Não há perda de energia em estar apaixonado. A perda de energia está na cauda — o ciúme, a possessividade, a suspeita, a dúvida, o medo de perder esse amor, a constante exigência de garantia e segurança. Seguramente deve ser possível funcionar numa relação sexual com alguém que se ama sem o pesadelo que normalmente se segue. Claro que sim.»

Serão estas as palavras de um homem que finge ser celibatário? As pessoas que estão perturbadas e desiludidas com o facto de K ter tido um caso físico deveriam indagar-se a si próprias se não estarão a projetar nele a sua própria imagem convencional do que «um homem santo» deveria ser.

O que K teve de experienciar com Rosalind Rajagopal, após alguns anos, foi «a cauda». Ela tornou-se ciumenta, possessiva e suspeita, arruinando assim o que outrora fora uma bela relação.

A questão de saber se Rajagopal foi ou não enganado, bem como as gravidezes e os abortos, serão analisados mais adiante, tal como a mais monstruosa das acusações feitas contra K, aquelas que têm a ver com o «processo».

O aspeto mais estranho no livro de RS é a falta de interesse dos Rajagopal pelos ensinamentos de K, a sua ausência de qualquer sentido místico e de conhecimento da verdadeira natureza do ser extraordinário com quem viveram durante tantos anos, trivializando assim a história dele ao nível da sua própria trivialidade. Para compreender isto, é necessário abordar novamente as partes da vida inicial de K em que RS se extraviou gravemente de forma recorrente. (Um relato detalhado da vida de K até à morte da Sra. Besant em 1932, retirado de fontes originais nos arquivos de Adyar e das próprias cartas de K, é apresentado em *The Years of Awakening*).

DOIS

Jiddu Krishnamurti nasceu a 11 de maio de 1895, o oitavo filho de uma família brâmane de língua telugue que vivia cerca de 150 milhas a norte de Madras. O seu pai, que trabalhava para os britânicos como coletor de impostos, não vivia mal. K, sempre uma criança sonhadora, era muito

delicado; quase morrera de malária aos dois anos de idade e esteve sujeito a muitas crises da doença na infância. A sua mãe, de quem era particularmente próximo, dado que tantas vezes se vira impossibilitado de ir à escola, morreu quando ele tinha dez anos, e, a partir daí, restam poucas dúvidas de que aquilo que ele mais ansiava na sua juventude era uma mãe para amar. RS (p. 28) duvida erradamente da afirmação dele de não se lembrar de nada da sua vida inicial, exceto do que mais tarde lhe foi contado por terceiros.

Toda a informação sobre a sua infância proveio de um longo relato escrito pelo seu pai, Jiddu Narianiah, e por algumas pessoas que estavam em Adyar, Madras, a Sede Internacional da Sociedade Teosófica (a ST), onde K foi «descoberto» pela primeira vez. Foi o seu pai quem registou que o rapaz era clarividente e viu a sua irmã e depois a sua mãe após estas terem falecido. K, muito mais tarde, leu este relato, mas não se lembrava de nada por si próprio.

Embora tenha sido em 1907 que Narianiah, teosofista de longa data, incapaz de viver da sua pensão após a reforma, pediu um emprego à Sra. Besant em Adyar, não foi senão em janeiro de 1909 que ele veio morar para lá com os seus quatro filhos sobreviventes, dos quais K era o segundo, e não foi senão em fevereiro desse ano que K, três meses antes do seu décimo quinto aniversário, foi «descoberto» por C.W. Leadbeater (um antigo vigário da Igreja de Inglaterra e principal líder oculto da ST) como sendo o «veículo» para o Instrutor do Mundo (o Senhor Maitreya). RS fornece apenas a data de 1907, o que faz parecer que K tinha doze anos quando foi «descoberto», nem menciona que a Sra. Besant (Presidente da ST desde 1907) se encontrava ausente numa digressão de palestras na altura da «descoberta» e, portanto, não teve qualquer papel na escolha de K como o «veículo».

Mais abaixo na hierarquia do que o Senhor Maitreya — o qual, segundo Leadbeater, assumira o corpo de Jesus e, antes disso, o corpo de Sri Krishna — encontravam-se vários Mestres ocultos, dois dos quais, Morya (M) e Kuthumi (KH), supostamente tinham tomado a ST sob a sua proteção especial. O Mestre M era o Mestre da Sra. Besant e KH o de Leadbeater, que subsequentemente se tornou também o de K. Todas as

noites, após ser «descoberto», Leadbeater levava K no plano astral à casa do Mestre KH, no Tibete, que lhe dava instruções para avançar ao longo do Caminho do Discipulado. (Todas as declarações deste género deveriam ser precedidas pelas palavras «Segundo Leadbeater», mas repetir isto de cada vez seria demasiado fastidioso.)

Na manhã seguinte, K anotava laboriosamente, em inglês, notas do que se lembrava dos ensinamentos do Mestre (tendo várias pessoas de confiança em Adyar afiançado o facto de K ter escrito estas notas por si próprio, sem qualquer sugestão ou ajuda de Leadbeater). Os passos no Caminho eram a provação, a aceitação e, depois, cinco iniciações (e não seis, como afirma RS), sendo a quinta o estado de adepto, quando o discípulo se tornava virtualmente ele próprio um Mestre. Dizia-se que a Sra. Besant e Leadbeater já tinham recebido a sua quarta iniciação, ou de arhat.

Leadbeater estava, por esta altura, a aprofundar as vidas passadas de K, nas quais este fora por vezes mulher. O nome que lhe foi dado ao longo das «Vidas» foi Alcyone. As «vidas» foram investigadas e publicadas consecutivamente durante os dez meses seguintes na revista *The Theosophist*. Qualquer pessoa nova que Leadbeater conhecesse e aprovasse encontrava imediatamente um lugar nas «Vidas» e recebia um pseudónimo.

Quando a Sra. Besant, então com uns exatos sessenta e dois anos, e K finalmente se conheceram, no final de novembro de 1909, nasceu entre eles uma devoção instantânea que duraria uma vida inteira. Ela amou-o e seguiu-o até à sua morte, apesar de muitas divergências entre ambos, e, independentemente do que ele possa ter dito e pensado sobre outros líderes da ST, amou-a e reverenciou-a até à sua morte.

Por altura do encontro de K com a Sra. Besant, Leadbeater já o tinha retirado, bem como a Nitya, o seu irmão mais novo por três anos e sem o qual ele recusava ir para qualquer lado, da escola onde K era espancado quase todos os dias por estupidez, passando a ensiná-los ele próprio com a assistência de vários jovens, os quais também ajudavam a prepará-los e a fortalecê-los fisicamente com ténis, passeios de bicicleta e ginástica.

Em janeiro de 1910, dizia-se por Leadbeater que K tomara a sua primeira Iniciação. Ao assumir a custódia dos rapazes, Leadbeater foi extremamente indelicado com o pai deles, Narianiah, incorrendo no seu ódio duradouro. Devido a este mau ambiente, a Sra. Besant pediu a Narianiah que lhe transferisse a tutela legal dos rapazes. Ele fê-lo de bom grado, sob a condição de que fossem retirados da influência de Leadbeater. Esta condição não foi cumprida e Leadbeater continuou a ser o tutor real deles, guiando as suas vidas com instruções do Mestre KH.

Uma parte importantíssima da vida de K é agora omitida no livro de Sloss. No final de setembro de 1910, a Sra. Besant levou os rapazes com ela para Benares, onde possuía uma casa no recinto teosófico, perto do Central Hindu College, que ela fundara. K tornou-se muito afeiçoado ao Diretor do College, George Arundale, um homem grande e alto, de trinta e dois anos, que se tinha licenciado com distinção em Cambridge; K também se afeiçoou a E.A. Wodehouse, irmão de P.G. Wodehouse, professor de Inglês no College, que ganhara o Prémio Newdigate de poesia em Oxford.

Além de Arundale, K escolheu outros quatro de um grupo especial de seguidores da Sra. Besant e perguntou-lhe se lhes poderia ensinar as qualidades do discipulado, tal como lhe tinham sido ensinadas no ano anterior pelo Mestre KH. A Sra. Besant ficou encantada e K escreveu a Leadbeater pedindo-lhe que enviasse as notas que fizera todas as manhãs dos ensinamentos do Mestre. Antes de as enviar, Leadbeater dactilografou-as e «organizou-as» (as notas originais desapareceram). Esta foi a origem do pequeno livro *At the Feet of the Master*, que foi traduzido para mais de vinte línguas e continua a ter procura. Foi publicado sob o nome de Alcyone, com uma nota preliminar escrita por Alcyone que dizia: «Estas palavras não são minhas, mas sim do Mestre que me ensinou.» Sempre foi incerto se o livro foi escrito por K ou por Leadbeater. É, sem dúvida, escrito de forma muito simples, num estilo quase infantil.

Nesta altura, em Benares, quando K tinha quinze anos e meio, Wodehouse escreveu a seu respeito:

O que nos impressionou particularmente foi a sua naturalidade... de qualquer tipo de sobranceria ou afetação não havia o menor vestígio. Era ainda de natureza retraída, modesto e respeitoso para com os mais velhos e

cortês para com todos. Para com aqueles de quem gostava, além disso, demonstrava uma espécie de afeto entusiasta, que era singularmente atraente. Da sua posição «oculta» parecia estar inteiramente inconsciente. Nunca aludia a ela — nunca, por um único momento, permitia que o mais leve indício dela transparecesse na sua fala ou no seu comportamento.

...Outra qualidade era um desinteresse sereno. Parecia não estar minimamente preocupado consigo próprio. Não éramos devotos cegos, preparados para ver nele nada senão a perfeição. Éramos pessoas mais velhas, educadores, e com alguma experiência de juventude. Se tivesse havido nele um vestígio de vaidade ou afetação, ou qualquer pose de «criança santa», ou de autoconsciência pedante, teríamos indubitavelmente emitido um parecer desfavorável.

Tendo conhecido K desde que me lembro até à sua morte, posso afirmar categoricamente que ele nunca perdeu as suas belas maneiras, devidas a uma consideração inata pelos outros, e que, apesar de toda a adulação que recebeu, permaneceu modesto, afetuoso e apagado. Não era culpa dele que as pessoas ficassem muitas vezes tímidas na sua presença, tal como acontece ao conhecer a realeza.

Em janeiro de 1911, foi fundada em Benares uma nova organização internacional, a Ordem da Estrela no Oriente (a OEO), para congregar todos aqueles que acreditavam na vinda próxima de um grande instrutor espiritual e ajudar a preparar a opinião pública para o receber. Uma pequena revista, chamada *The Herald*, publicada na Índia, foi iniciada na mesma altura. K foi nomeado Chefe da Ordem, a Sra. Besant e Leadbeater os seus Protetores (não protetores de K, como RS continua a chamar-lhes) e George Arundale Secretário Particular do Chefe. 1

Não foram, de modo algum, todos os teosofistas que se tornaram membros da nova Ordem. Um enorme contingente de alemães, sob a liderança de Rudolf Steiner, demitiu-se da ST em protesto contra a ideia da vinda do Instrutor do Mundo, e houve protestos de muitos outros; também não era necessário tornar-se teosofista antes de se juntar à OEO.

Era agora desejo do Mestre que os rapazes fossem para Inglaterra; por isso, equipados em Bombaim com roupas ocidentais, que consideraram terrivelmente desconfortáveis, especialmente os sapatos, e tendo sido submetidos a operações dolorosas para coser os furos nos lóbulos das orelhas, chegaram a Londres a 5 de maio de 1911, acompanhados pela Sra. Besant e por Arundale, que tinha tirado alguns meses de licença do College. RS escreve (p. 31) que «as portas dos círculos mais elevados se abriram para eles, pois havia muitos teosofistas ricos e aristocráticos naquela época». Também escreve sobre «os luxos da vida no seio da alta sociedade de Inglaterra» que eles experienciaram.

Isto dá uma imagem muito distorcida. Havia apenas uma teosofista rica em Inglaterra nessa altura, a Miss Mary Dodge, uma americana que, de acordo com a minha mãe, era a «mulher mais nobremente generosa» que ela já conhecera e que vivia em Warwick House, St. James's, e não em West Side House, Wimbledon, como RS parece pensar. (A Miss Dodge não se mudou para Wimbledon senão quando a guerra começou, em 1914.)2 Quanto a aristocratas, havia apenas Muriel, Condessa De La Warr, divorciada do marido e a viver com a Miss Dodge, e a minha mãe, Lady Emily Lutyens, com trinta e seis anos, quase sem dinheiro próprio, casada com um arquiteto então pobre e a viver em Bloomsbury Square, um bairro barato e bastante indesejável naqueles dias. (K nunca entrou em contacto com os parentes mais grandiosos dela.)

A Sra. Besant, com os rapazes e Arundale, foi ficar com a Sra. e a Miss Esther Bright, a melhor amiga da Sra. Besant em Inglaterra, no número 82 de Drayton Gardens, uma casa modesta em Kensington. (As Bright também tinham uma casa de campo em Esher.) Os rapazes eram apenas ocasionalmente convidados para almoçar em Warwick House com a Sra. Besant. Nunca lá ficaram alojados.

A minha mãe convertera-se à Teosofia no ano anterior, quando eu tinha dois anos, e fora ela quem recentemente convertera a Miss Dodge e Lady De La Warr. A partir daí, a minha mãe tornou-se uma vegetariana estrita, juntamente com os seus cinco filhos, mas não o seu marido.

Dentro da ST existia uma escola interna, a Secção Esotérica (a SE), à qual os teosofistas podiam candidatar-se para ingressar apenas após trabalharem durante dois anos para a Sociedade. Este período de dois anos nem sempre era cumprido e a minha mãe foi convidada pela Sra. Besant a juntar-se à SE quase imediatamente após se ter associado à OEO, o que fez, com muitos outros, no dia seguinte ao da chegada da Sra. Besant a Inglaterra.

O Mestre decidiu agora (segundo Leadbeater, deixe-me lembrar ao leitor) que os rapazes deveriam ser educados em Inglaterra e ir para Oxford, pelo que, antes de regressarem à Índia com a Sra. Besant e Arundale no outono de 1911, os seus nomes foram inscritos para Balliol e New College. Esperava-se que K iniciasse os estudos em 1914. RS parece não se aperceber de que eles regressaram à Índia em 1911, onde um acontecimento importante teve lugar em dezembro, em Benares: pela primeira tempo, dizia-se que o Senhor Maitreya se manifestara através de K enquanto este entregava certificados a novos membros da OEO.

Os rapazes estavam de volta a Inglaterra com a Sra. Besant em fevereiro de 1912, altura em que Narianiah já tinha ameaçado mover um processo judicial contra a Sra. Besant pela custódia dos seus filhos, opondo-se à associação contínua destes com Leadbeater. Desta vez, C. Jinarajadasa (sempre chamado de Raja pelos amigos), um cingalês, cinco anos mais velho que Arundale e também licenciado por Cambridge, acompanhou-os como seu tutor. A sua erudição geral e o conhecimento de línguas faziam dele um conferencista valioso para a ST, tendo estado numa digressão de palestras na altura em que K foi «descoberto». Também com eles estava Dick Clarke, anteriormente engenheiro, que tinha cuidado do bem-estar físico de K em Adyar.

«Krinsh [como RS lhe chamava] contava histórias também da vida na escola pública (*public school*). ... No entanto, estes dias de escola não duraram muito», escreve RS (p. 32). Não sei se ela tem em mente um tipo americano ou britânico de «*public school*», mas K e Nitya nunca frequentaram nenhuma delas e, se ele de facto contou sobre os sofrimentos de ambos, devia estar a pregar-lhe uma partida. Quando K tinha vinte e um anos e Nitya dezoito, foram viver em regime de internato com um explicador particular (*crammer*) no campo, que tinha apenas outros três

estudantes com cerca da mesma idade. Podem ter passado frio ali, mas certamente não foram intimidados.

Leadbeater tinha ido à frente para encontrar um local na Europa com o magnetismo correto onde K pudesse ser preparado para a sua segunda Iniciação, já que esta não podia realizar-se em lado nenhum na Índia devido às ameaças de Narianiah. Leadbeater escolhera Taormina, na Sicília, onde a Sra. Besant, os rapazes e Raja se juntaram a ele em março. Arundale chegou dois dias mais tarde, vindo diretamente da Índia. Permaneceram lá durante quase quatro meses, ocupando todo o último andar do Hotel Naumachia. Na noite de lua cheia de maio de 1912, o grande festival oculto de Wesak, dizia-se que K e Raja tinham tomado a sua segunda Iniciação e Nitya e Arundale a sua primeira.

O processo de Narianiah contra a Sra. Besant foi instaurado em outubro de 1912, mas só subiu ao Supremo Tribunal de Madras em março de 1913, altura em que ela já tinha descoberto que um antigo inimigo seu, proprietário de um jornal de Madras, *The Hindu*, estava a apoiar Narianiah. Este homem lançou ataques violentos contra ela, Leadbeater e a ST ao longo de todo o julgamento. A Sra. Besant conduziu a sua própria defesa. O veredicto, proferido a 10 de abril de 1913, foi misto. A acusação de imoralidade contra Leadbeater e K foi rejeitada; não obstante, o juiz ordenou à Sra. Besant que entregasse os rapazes ao pai até meados de maio. As custas judiciais, no entanto, foram decretadas contra o autor da ação. A Sra. Besant recorreu imediatamente.

Para voltar por um momento a 1912. Antes de partir para a Índia com Arundale após Taormina, a Sra. Besant, receando que os rapazes pudessem ser raptados, tratou de os esconder em segurança com Raja como seu tutor permanente e Dick Clarke numa casa na New Forest, em Inglaterra, chamada Old Lodge, ficando a Sra. e a Miss Bright encarregues da gestão doméstica. Horas sérias de estudo foram exigidas por Raja, um disciplinador severo, bem como corridas obrigatórias na Forest para os rapazes todas as manhãs antes do pequeno-almoço, mesmo quando havia neve no chão. No caminho de Taormina para Inglaterra, Raja tinha levado os rapazes numa excursão turística de três dias por Roma, Florença, Veneza

e Milão, entediando-os e exaustando-os ao ponto da rebeldia. Permaneceram em Old Lodge de novembro de 1912 até abril de 1913.

A minha mãe visitava-os frequentemente ali. Ela e K já eram muito próximos um do outro, mas não foi senão no verão de 1913, em Varengeville, na costa da Normandia, que o amor deles, que começara como uma relação de mãe e filho, se tornou obsessivo para ambos. George Arundale, que tinha renunciado ao seu cargo de Diretor no Hindu College, juntou-se a eles ali como mais um dos tutores a tempo inteiro dos rapazes. Ficaram alojados numa casa desenhada pelo meu pai, que lhes tinha sido emprestada, enquanto a minha mãe, com os seus cinco filhos, alugou quartos numa quinta próxima (o meu pai nunca vinha connosco nas férias) e via os rapazes todos os dias. K tinha feito sempre de mim o seu animal de estimação especial por eu ser o bebé da família, e eu olhava para ele como minha propriedade, em grande parte como RS viria a fazer mais tarde.

Desde o momento em que deixámos Varengeville, no final de setembro, a minha mãe nunca mais foi verdadeiramente feliz longe de K, e as cartas de K para ela, bem como os seus diários, mostram que ele também nunca era verdadeiramente feliz sem ela. (Ela destruiu as cartas mais antigas dele por serem demasiado íntimas.) Ele continuou a amar e a reverenciar a Sra. Besant e nunca falhava uma semana sem lhe escrever cartinhas respeitosas, expressando sempre a sua devoção, mas contando-lhe apenas o que pensava que a agradaria, ao passo que era à minha mãe que ele desabafava todas as suas dificuldades e, frequentemente, a sua infelicidade e solidão.

RS comenta sobre a relação da minha mãe com K (p. 34): «Ser o objeto único do amor de uma mulher seria a sua necessidade vitalícia. Lady Emily foi apenas a primeira a preencher este papel.» Como ela compreende mal a natureza de K. Ele tinha uma capacidade infinita de amar, e nem sempre uma pessoa de cada vez; ser amado era de importância secundária para ele, mas no momento em que uma pessoa se tornava ciumenta ou possessiva, o amor murchava.

Houve grande entusiasmo em Varengeville, incentivado por George, quando se soube que o Mestre queria que um *Herald of the Star* ampliado

fosse publicado em Inglaterra. (K tornou-se o editor nominal, George e a minha mãe eram os editores efetivos, embora mais tarde K tenha escrito as notas editoriais durante alguns anos.) Raja tentou em vão fazer com que os rapazes se agarrassem aos estudos, apesar de ser tempo de férias e de haver muitas distrações no que tocava a ténis, *rounders* e piqueniques, e eles terem tido tão pouca diversão deste género nas suas vidas.

A minha mãe, a minha irmã mais velha, Barbie, e o meu único irmão, Robert, foram colocados em provação enquanto estávamos lá. Leadbeater adicionou-os imediatamente às «Vidas», numa relação estreita com Alcyone. Outro resultado da nossa estadia ali foi o facto de Barbie e Nitya, ambos com quinze anos, se terem apaixonado.

Regressando a Londres no início de outubro e ficando em Drayton Gardens com os Bright, K relatou à Sra. Besant na Índia que a Miss Dodge lhe tinha estipulado uma quantia de £500 por ano vitalícia e £300 para Nitya. Escreveu sobre quão bondosa a Miss Dodge era para com eles. Tinha havido fricção entre George e Raja ao longo de todo o verão e isso estava a tornar a vida muito difícil para K. Depois chegou a notícia, a 31 de outubro, de que a Sra. Besant não só tinha perdido o seu Recurso em Madras, mas que a ordem relativa às custas tinha sido revertida. Ela decidiu imediatamente recorrer para o Conselho Privado (*Privy Council*) em Inglaterra.

No dia seguinte, K escreveu-lhe: «Minha amada Mãe, lamento imenso que o processo tenha corrido contra nós. ... Receio que estejas muito cansada de tudo isto e gostaria de poder estar contigo e amar-te. Sabes que te amo muito e sou-te muito devoto. As palavras não podem exprimir a minha devoção para com a tua querida pessoa.» Ele contou-lhe então, nesta mesma carta, que George tinha escrito a Leadbeater explicando todas as suas dificuldades, que concordava com tudo o que George dissera e que ia escrever ele próprio a Leadbeater, anexando a carta de George.

Esta carta longuíssima a Leadbeater, datada de 31 de outubro de 1913, faz soar um novo tom de autoridade em K. Pode ter sido o conhecimento de que tinha agora um rendimento próprio que lhe deu a coragem para escrever como escreveu, mas George deve certamente tê-lo ajudado com a

carta, porque está escrita num estilo muito diferente do habitual. Uma parte dela é citada abaixo:

Acho que é tempo de tomar os meus assuntos nas minhas próprias mãos. Sinto que poderia cumprir melhor as instruções do Mestre se elas não me fossem impostas e tornadas desagradáveis como têm sido há alguns anos. ... Claro que cometerei erros, mas conheço de uma forma geral a natureza do meu dever. Não me tem sido dada qualquer oportunidade para sentir as minhas responsabilidades e tenho sido arrastado de um lado para o outro como um bebé....

O assunto importante seguinte seria no que respeita aos estudos. O sânscrito seria a dificuldade, pois não sinto que pudesse estudar a matéria sob a direção de Raja. ... O estudo tem sido muito negligenciado ultimamente. Para vos dizer a verdade, acho que tudo correria bem se Raja fosse dispensado das suas funções — sei que conseguiria controlar e guiar o George e o resto do grupo. Parte das dificuldades do George, como vos foi explicado na carta dele, deve-se ao facto de não me ter sido possível cuidar dele como devia.

RS aborda esta carta nas pp. 33-4. Primeiro, ela erra nas datas: K tinha agora dezoito anos e meio, e não perto de dezoito, e tudo isto aconteceu no outono de 1913, não na primavera. A Miss Dodge ainda não vivia em Wimbledon, como já foi dito, e a Sra. Besant e os rapazes nunca ficaram alojados em Warwick House, onde ela de facto vivia. RS mostra quão pouco compreende o clima teosófico da época (como poderia?) ao sugerir que George Arundale estava a fazer um sacrifício ao renunciar ao seu trabalho em Benares para se tornar tutor de K. George foi o primeiro dos cinco homens que K escolhera como seus discípulos quando foi pela primeira vez para Benares, em setembro de 1910. Qualquer um dos cinco, e muitos outros, teriam saltado perante a oportunidade de estar na relação estreita de tutor do «Veículo» do Instrutor do Mundo. O facto de George ensinar K no plano físico enquanto era discípulo espiritual de K não apresentava qualquer dificuldade. Com Raja era diferente. Ele e K encontravam-se no mesmo nível espiritual, ambos segundos Iniciados, e ele nunca foi discípulo de K, como afirma RS. Não obstante, Raja aceitara alegremente o privilégio de o instruir.

RS escreve ainda que K «não tinha intenção de abdicar da sua nova e excitante vida por estudos que o entediavam», o que é absurdo, visto que parte da sua carta era dedicada à necessidade de estudar, a qual, dizia ele, «tinha sido muito negligenciado ultimamente». Ela também escreve: «Além de detestar a crítica, Krishna também detestava a disciplina. ... Aqueles que o tratavam com mão firme cedo perdiam o seu favor. Entre eles estava o seu outrora amado tutor Jinarajadasa.» Isto é completamente falso. K haveria de suportar mais do que a sua justa quota-parte de crítica e disciplina na sua vida, e as mãos pesadas dos Rajagopal, mais tarde, não lhes fizeram perder o favor dele durante muitos anos.

Quanto a Raja, há aqui uma inferência desagradável de que K abandonaria um velho amigo por um novo. K não tinha amado Raja, ao passo que tinha amado e ainda amava George, a quem passara a conhecer antes de alguma vez ter conhecido Raja e por quem se sentia responsável, tendo-o escolhido como seu discípulo. Ele pediu o afastamento de Raja porque não conseguia suportar, e nunca conseguiu suportar, uma atmosfera de fricção e ciúme.

Raja foi afastado, mas Leadbeater não ficou agradado. Quando K se apercebeu disso, escreveu uma carta curta à Sra. Besant (e não uma carta longa a Leadbeater, como afirma RS, p. 35; ele não haveria de escrever a Leadbeater até 1915). Estava infeliz, escreveu ele, por ela o considerar ingrato por tudo o que tinha sido feito por ele, acima de tudo por ela o considerar ingrato para com ela. «Apenas quis dizer», continuou ele, «que o Raja e eu não conseguimos dar-nos bem e, por favor, não penses que sou ingrato também para com o Raja. ... Acho que o Raja está antes contente por ser dispensado da sua posição. ... Ele teve muitas dificuldades connosco e espero que fique melhor em Adyar.»

A Sra. Besant soube, no início de maio de 1914, que tinha ganho o seu recurso para o Conselho Privado, principalmente com base no fundamento de que os desejos dos rapazes não tinham sido consultados e de que estes não tinham sido representados no Supremo Tribunal de Madras. Ao saber da notícia, K saiu sozinho e comprou à Sra. Besant um alfinete de peito de pérolas como um gesto afetuoso por tudo o que ela tinha feito por ele. RS

escreve (p. 32): «Krishna ficou exultante e felicitou-a por esta vitória que asseguraria o 'seu maravilhoso futuro'.» É inconcebível que K, nesta ocasião ou em qualquer outra, tivesse escrito ou falado sobre o seu próprio «maravilhoso futuro».

Os rapazes foram então para uma casa paroquial alugada em Bude, na costa norte da Cornualha, com George Arundale, Dick Clarke e a tia de aspeto severo de George, a Miss Francesca Arundale, para gerir a casa, com admoestações da Sra. Besant para estudarem arduamente para Oxford. Em julho de 1914, B. Shiva Rao foi enviado da Índia para lhes ensinar sânscrito. Ele conhecera os rapazes em Adyar, quando estava a ajudar Leadbeater a investigar as «Vidas de Alcyone». Inteligente, alegre, charmoso e com apenas vinte e três anos, trouxe um novo elemento jovem para as suas vidas enfadonhas, mas foi recolhido quando a guerra eclodiu em agosto.

George fazia agora o seu melhor para manter a minha mãe longe de K, enviando relatórios para a Sra. Besant e Leadbeater sobre o mal que ela estava a causar à sua «natureza superior». Apesar de tudo, a minha mãe passou as férias de verão ali com todos os seus filhos numa casa alugada. Uma nova complicação surgiu quando George se apaixonou por Barbie e quis casar com ela. (Barbie tinha por esta altura reagido muito fortemente contra a Teosofia e tinha vergonha dos amigos teosóficos da nossa mãe. Ela nunca gostou de George, a quem achava «muito comum», e achava Nitya demasiado novo.) Nitya, que estava sempre a discutir com George, partiu no outono para estudar com um tutor em Oxford, onde trabalhou em excesso e forçou gravemente os olhos.

(Tinha nascido quase cego de um olho.) K, com a minha mãe agora successfully banida, exceto por uma visita muito ocasional, passou os dois anos seguintes em Bude com um George infeliz e a sua velha tia. Tiveram de mudar-se para alojamentos baratos porque a Sra. Besant, em tempo de guerra, era incapaz de manter os seus pagamentos mensais de £125 por mês para as despesas de subsistência deles. Os únicos prazeres de K eram aulas de golfe com um excelente profissional e a oferta de uma moto.

A minha mãe escreveu a seu respeito nesta altura: «Ele acreditava certamente na ideia dos Mestres e com frequência 'trazia à tona' entrevistas com o Senhor Maitreya. Ele aceitava a sua posição, mas nunca retirou qualquer satisfação pessoal dela. Nunca quis nada para si próprio — dinheiro, poder ou posição. George estava sempre a incitá-lo a lembrar-se do que tinha acontecido noutros planos: 'Por favor, traz à tona', continuava a dizer, mas Krishna permanecia impassível e só 'trazia à tona' quando se lembrava realmente de algo.» Ele estava, acreditava a minha mãe, desesperadamente infeliz. Ansiava por uma vida normal e dizia-lhe frequentemente: «Porque é que me escolheram a mim?» Só estava verdadeiramente interessado em poesia, particularmente Shelley e Keats, e em algumas partes da Bíblia que ela lia em voz alta para ele pela beleza da linguagem. Sabia *O Cântico dos Cânticos* quase de cor.

TRÊS

A Sra. Besant estava totalmente imersa agora no seu trabalho pelo Autogoverno da Índia (*Indian Home Rule*) e tinha renunciado aos seus poderes ocultos em prol disso, e Leadbeater, após uma digressão pelo Oriente, estabeleceu-se em Sydney no início de 1915, onde permaneceu pelo resto da sua vida e reuniu em seu redor um novo grupo de discípulos. Shiva Rao, que tinha total fé em Leadbeater, tinha, enquanto esteve em Bude, lembrado K de tudo o que Leadbeater fizera por ele e por Nitya no passado, e, em fevereiro de 1915, K decidiu tentar restabelecer o contacto com ele escrevendo uma carta extremamente longa pedindo desculpa pela sua ingratidão passada e contando-lhe depois detalhadamente todas as suas dificuldades presentes.

Falou-lhe sobre os seus sentimentos por Lady Emily e sobre como George tinha ciúmes desnecessários dela, pois eles não tinham interferido no seu amor por George. Mas foi o que revelou sobre Nitya que é particularmente interessante.

RS escreve (p. 36) que Nitya «amava os seus estudos e aplicava-se com um entusiasmo» em detrimento da sua saúde e que Krishna «por vezes se queixava do mau humor do seu irmão, uma perspetiva que está muito em desacordo com qualquer uma apresentada por aqueles que eram próximos

de Nitya, quer na altura, quer mais tarde». Eis o que K escreveu sobre Nitya a Leadbeater:

O Nityam e ela [Barbie] foram outrora, há seis meses, grandes amigos. Amavam-se e ajudavam-se mutuamente, mas depois o George apareceu e a Barbie gostou dele e o pobre Nityam ficou ciumento e a Barbie de certa forma deixou-o de lado e ele sente-se terrivelmente mal com isso. ... O Nityam e eu estamos agora muito mais íntimos e ele conta-me todos os seus problemas e isso ajuda-o um pouco. ... Sente-se muito sozinho, como a maior parte de nós, e não há ninguém de quem ele goste ou ame especialmente e isso torna as coisas duplamente mais difíceis para ele. Está muito amargo, duro e frio.

Quer alguém que o ame em primeiro lugar e acima de tudo e com quem possa desabafar todos os seus problemas. Quer uma mãe para amar como eu tenho a Lady Emily. Receio que ele não goste de muita gente. Tal como eu, ele de momento não está interessado no trabalho, mas penso que isso passará em breve. Cresceu, mas não está de todo bem para a idade que tem. Esteve aqui duas vezes e [uma] pequena separação de mim aproximou-nos e ele gosta de mim agora e eu também gosto dele. Irmãos, e vós podeis compreender. É incrivelmente inteligente como sempre e esperto.3

Barbie foi a única rapariga que alguma vez despertou a devoção de Leadbeater. Ele tinha escrito sobre ela à minha mãe no verão de 1913: «Fala da beleza crescente da Barbara. Posso assegurar-lhe que, se eu fosse meio século mais jovem, lançar-me-ia numa carreira qualquer com a firme resolução de ganhar riqueza e um título para depor aos seus pés, ou morreria na tentativa. Ela teve o maravilhoso dom da beleza em muitas vidas anteriores: era notório na Ásia Central, no dealbar da raça ariana.»

Por esta mesma altura, K escrevia à Sra. Besant: «Amo o George exatamente da mesma forma e o meu amor por Lady Emily será o mesmo. Ela não me afastou do George. Ele teve ciúmes ao início por causa disso e isso tem sido uma muralha entre nós dois. É realmente estúpido porque amo muito a ambos e é tolice dizer que não devo amar mais ninguém.» Esta era uma dificuldade que haveria de perseguir K toda a sua vida —

pessoas, tanto homens como mulheres, exigindo o seu amor exclusivo. Estava sempre a ser perseguido por mulheres — algumas delas, em anos posteriores, afirmando ser suas esposas. Tanto homens como mulheres romperiam com ele por ciúme e depois acusá-lo-iam de os descartar.

Por volta do fim de março de 1915, Nitya pôde ir para França como estafeta motorizado para se juntar ao Dr. Haden Guest (mais tarde Lord Guest), um teosofista e o Diretor Clínico de uma unidade hospitalar em Paris. K ansiava ir também, mas a Sra. Besant, tendo, segundo ele pensava, dado o seu consentimento, retirou-o subitamente, para intensa desilusão dele. K deixou Bude no outono de 1915, enquanto George, que se tinha juntado à Cruz Vermelha Anglo-Francesa, começou a trabalhar num hotel em Bloomsbury transformado em hospital que Haden Guest, de regresso de Paris, estava agora a dirigir. Nitya também tinha regressado a Londres, sentindo-se muito mais feliz desde que ganhara uma medalha de ouro pelo seu trabalho para a Cruz Vermelha Francesa. Os irmãos, com George fora do caminho, e vivendo em Drayton Gardens com os Bright, estudando com tutores particulares, tornaram-se muito próximos um do outro. K haveria de chamar a Nitya «um tipo formidável» numa carta à Sra. Besant, e Nitya escreveu-lhe numa carta de janeiro de 1916: «O Krishna mudou tremendamente. Tem uma grande intuição em relação ao carácter e é capaz de julgar por si próprio.

Mantém-se muito mais de pé pelos seus próprios meios do que costumava fazer e, embora não seja agressivo e nunca vá ser, algumas pessoas ficam irritadas com o que chamam a sua firmeza súbita e atribuem-na à pessoa que por acaso se encontra mais próxima dele. Penso que se esquecem de que o discernimento dele dificilmente estará muito errado. O seu amor por Lady Emily já não é uma paixão cega, mas sim um amor muito estável que não penso que mude, pois ele não é de temperamento instável.»

A acusação de ser influenciado pela última pessoa com quem estivera é outra acusação que haveria de seguir K toda a sua vida, normalmente feita por velhos amigos quando ele ousava fazer novos. Raramente se compreendeu que a influência que as pessoas exerceram sobre ele de tempos a tempos foi quase inteiramente superficial. Quando foi

«descoberto» por Leadbeater pela primeira vez, deve ter parecido a este último que a mente vazia do rapaz era o solo idealmente fértil para a plantação das suas próprias ideias teosóficas. Assim foi, mas o que não se percebeu foi que essas ideias nunca ganharam raiz.

As sementes dispersas brotaram obedientemente como pequenas plantas anuais cheias de lugares-comuns. Todos aqueles anos de estudo e condicionamento teosófico mal deixaram uma marca na mente de K. O seu verdadeiro ser esteve todo o tempo a desabrochar lenta e secretamente, oculto até de si próprio. Não foi, como RS assevera (p. 28), que ele considerasse as afirmações feitas a seu respeito «um embaraço» na sua busca por «um caminho independente para a verdade» e que «engendrasse uma saída airosa» ao afirmar não se lembrar de nada dos seus anos anteriores. Não havia nenhuma «saída airosa» para encontrar o seu verdadeiro ser, tal como não há uma «saída airosa» para fazer crescer uma árvore da floresta.

Foi por esta altura que uma nova e refrescante influência entrou na vida dos rapazes com Harold Baillie-Weaver, um advogado de meia-idade casado com uma viúva muito mais velha do que ele. Tinha sido um grande dândi antes do casamento e da conversão à Teosofia. Ensinou agora os rapazes a vestirem-se com elegância, apresentando-os ao seu próprio alfaiate, e a engraxarem os seus próprios sapatos, uma arte na qual K sobressaía e que praticou até ao fim da sua vida.

Na primavera de 1916, quando K tinha vinte e um anos e Nitya dezoito, foram enviados para um *crammer*, um tutor que preparava jovens atrasados para o exame de admissão a uma universidade. Um *crammer* aceitava apenas alguns estudantes de cada vez, que viviam como parte da sua família e recebiam ensino individual intensivo. O explicador encontrado para eles por Baillie-Weaver foi o Rev. John Sanger, cuja esposa era teosofista. Tinha uma casa grande com um campo de ténis em Kent e apenas outros três alunos com cerca da mesma idade.

Nitya estava longe de ser atrasado e esperava-se que fosse para Oxford bem antes de K. RS está errada ao dizer (p. 36) que K «como seria de prever, chumbou nos exames de admissão a Oxford». Ele nunca se

submeteu a nenhum. Logo após chegar a casa de Sanger, soube que nenhum colégio de Oxford o aceitaria, a ele ou a Nitya, devido à publicidade que o processo judicial do pai tinha recebido. O Sr. Sanger tentou então vários colégios em Cambridge, sem maior sucesso. A única hipótese agora era tentar a Universidade de Londres, para a qual foram aceites, mas o exame de admissão, a matrícula (*matriculation*), era mais difícil do que para Oxford ou Cambridge.

Os olhos de Nitya estavam tão mal agora que ele já não conseguia ver com luz artificial, pelo que tinha de trabalhar o dobro com a luz do dia. K, que descobrira em si próprio um dom para a cura, começou a tratá-los com considerável sucesso. Sempre que um dos outros estudantes tinha uma dor de cabeça ou dor de dentes, recorria a ele; portanto, como relatou a Raja, «podes imaginar que sou bastante popular».

Em novembro de 1916, os irmãos foram a Londres para o casamento de Raja com uma senhora inglesa, a Miss Dorothy Graham, que ele conhecera em Adyar. K achou o casamento «estranhíssimo»; Raja era a última pessoa em quem ele pensaria como vindo a casar-se. Na verdade, isso enviou uma onda de choque através da ST. Não se esperava que sequer um discípulo de um Mestre, quanto mais um Iniciado, casasse, e muitos casamentos existentes tinham sido arruinados pela abstinência de sexo.

QUATRO

Em janeiro de 1918, os irmãos encontravam-se novamente em Londres para se submeterem à matrícula de quatro dias. K, que tinha trabalhado arduamente sob a direção do Sr. Sanger, o melhor tutor que alguma vez conhecera, e que tinha expectativas de passar, uma vez que Sanger tinha grandes esperanças nele, chumbou a latim, a sua pior disciplina, ao passo que Nitya passou com distinção. Assim, K teve de

regressar a casa de Sanger para trabalhar para uma nova tentativa em setembro. Nitya queria estudar para a Ordem dos Advogados (*the Bar*); o seu nome foi inscrito em Lincoln's Inn e foi alugado um apartamento para ele por Lady De La Warr no Adelphi, em Londres.

K chumbou novamente no exame em setembro, desta vez a matemática, para profunda desilusão do Sr. Sanger. (Nenhum destes insucessos em passar num exame foi previsto, como afirma RS, p. 36; K e o Sr. Sanger estavam ambos muito esperançados na sua passagem.) Tendo deixado a casa de Sanger definitivamente em maio, K vivia agora com os Baillie-Weaver, que tinham alugado uma casa em Wimbledon Common. Ia para a Universidade de Londres todos os dias de autocarro e de metropolitano (*Underground*), enquanto George Arundale, que estava alojado com a Miss Dodge em West Side House, Wimbledon, e tinha um carro à sua disposição, era conduzido no seu novo e elegante uniforme da Cruz Vermelha para o hospital em Bloomsbury, perto da Universidade de Londres, sem nunca oferecer uma boleia a K. Nunca mais haveriam de ser próximos.

Que casa, pergunta-se, estará RS a referir quando escreve (p. 37) que os rapazes tiveram de viver nos anos seguintes numa casa alugada e sombria após conhecerem os Baillie-Weaver? Ela comete muitos erros sobre o paradeiro deles em diferentes alturas, nunca menciona o Sr. Sanger e engana-se frequentemente nas datas.

Os irmãos tinham passado as férias de verão em West Side House, onde dispunham de todos os luxos materiais, mas sentiam-se ali restringidos porque, embora a Miss Dodge fosse sempre a própria bondade, Lady De La Warr, uma mulherzinha mordaz, relatava todas as suas frivolidades ou pequenos deslizes à Sra. Besant. Quando esta última veio finalmente a Inglaterra, no fim da guerra, K obteve a sua permissão para ir viver para Paris a fim de aprender francês caso chumbasse na matrícula pela terceira vez. Ela concordou que agora o melhor para ele seria aprender línguas, para que fosse capaz de discursar por todo o mundo «quando chegasse a altura».

No outono de 1919, os irmãos partilharam outro apartamento no Adelphi e eu vi-os nessa época mais do que em qualquer outro momento da minha infância. Tínhamos mudado nesse ano para uma casa maior perto de Cavendish Square e divertíamo-nos muito juntos, indo ao cinema aos fins de semana, jogando jogos de salão — incluindo as Sardinhas por toda a casa — quando tínhamos amigos para o chá. Ao chegar a casa da escola, quase sempre encontrava, para minha grande alegria, os seus chapéus *homburg* cinzentos idênticos e as suas bengalas com castão de ouro sobre a mesa do átrio. Foi por esta altura que K, tendo acabado de descobrir P.G. Wodehouse e Stephen Leacock, lia estes livros em voz alta para nós, rindo-se tanto que mal conseguia proferir as palavras. Tinha um dos risos mais sinceros e contagiantes que alguma vez conheci.

K submeteu-se pela terceira vez à matrícula a 20 de janeiro de 1920. Sentindo que não tinha hipóteses de passar, dado que não tinha estado a trabalhar, deixou as folhas de exame em branco, segundo a sua própria recordação. Nitya, escassos dias antes, passara no seu exame de Direito Constitucional e História do Direito. Deixando Nitya a estudar Direito Penal, K partiu de Londres com destino a Paris a 24 de janeiro.

FEVEREIRO

K ficou a alojado, ao início, com uma viúva francesa teosofista e a sua irmã, e sentia imensas saudades da minha mãe. Estava completamente desiludido, por esta altura, com a Teosofia e com o seu papel. Escreveu à minha mãe pouco depois da sua chegada: «Nunca poderei realizar o meu sonho; quanto mais maravilhoso ele é, mais triste e inalcançável se torna. Tu conheces o meu sonho, mãe, que é estar contigo *ad infinitum*. Mas eu sou um *lusus naturae* (uma aberração da natureza).» E alguns dias mais tarde: «Oh! Mãe, eu sou jovem; terei de envelhecer tendo a dor por eterna companheira? Tu tiveste a tua juventude e a tua felicidade e tiveste aquilo que pode ser dado pelo homem e por Deus, um lar.» Doze anos mais tarde, encontrou um lar com Rosalind e Radha, apenas para o perder quando Rosalind se tornou ciumenta e possessiva.

O que ele sentia em relação à Teosofia transparece numa carta que escreveu à minha mãe após conhecer o Conde Fabrizio Ruspoli, uma

semana depois de ter chegado a Paris. Ruspoli tinha sido outro dos seus muitos tutores iniciais em Adyar. «O Ruspoli e eu almoçámos num pequeno restaurante. Nós os dois conversámos durante muito tempo. Ele está muito perturbado, tal como eu, o pobre do velho Ruspoli. ... Ele, aos 42 anos, sente-se sem lar, não acredita em nenhuma das coisas que C.W.L. [Leadbeater] ou a Sra. Besant disseram... Não sabe o que fazer, não tem ambição. Na verdade, estamos ambos no mesmo barco infeliz.»

Mas a vida de K estava prestes a tomar um rumo feliz quando conheceu a família de Manziarly. A Madame de Manziarly, ainda uma mulher bonita, era uma russa casada com um francês (que estava muito doente e prestes a morrer), com três filhas e um filho, os quais eram todos membros da OEO, mas apenas as duas raparigas mais novas, Marcelle e Yolande (Mar e Yo), de dezanove e quinze anos, estavam em casa nessa altura. (Ele já tinha conhecido o único filho, Sasha, em Inglaterra, e tinha-se tornado grande amigo dele.)

As raparigas ensinavam-lhe francês e a Madame tentava incutir-lhe alguma cultura levando-o ao Louvre, à Comédie-Française e ao balé russo, e recomendando-lhe livros para ler. No entanto, embora gostasse dela, ele «preferia muito mais as paisagens naturais», como contou à minha mãe, e ir de piquenique com as raparigas, que o tratavam com uma mistura cativante de brincadeira e reverência. Escreveu que todas elas queriam ver os Mestres, ao passo que ele «estava-se inteiramente nas tintas».

Numa visita a Paris em fevereiro de 1920, Nitya conheceu os de Manziarly e encontrou finalmente na Madame a sua «Lady Emily». Ele estivera imerso em Londres num plano lucrativo para formar uma empresa de importação de automóveis e tratores para a Índia, em parceria com dois ricos mercadores de algodão de Bombaim que tinham vindo à Europa para conhecer K, Jamnadas Dwarkadas e Ratansi Moraji. Regressando a Londres em março, Nitya escreveu à Mme de Manziarly: «Os negócios são bons demais para haver palavras.» Jamnadas já tinha voltado para a Índia e agora Nitya tomara a firme decisão de regressar à Índia com Ratansi. Telegrafou a sua intenção à Sra. Besant, «queimou as suas naus», como ele próprio referiu, em Londres e veio despedir-se de nós, trazendo consigo como presente de despedida uma enorme caixa de chocolates. Como eu

andava apaixonada por ele desde que me lembrava, senti como se o meu coração se estivesse a partir.

Ao chegar a Paris, ele recebeu um telegrama da Sra. Besant ordenando-lhe que permanecesse em Inglaterra; o seu primeiro dever era cuidar de K. Isto foi um golpe terrível; ele tinha estado tão entusiasmado com toda a aventura, porém limitou-se a registar no seu diário: «A.B., a omnipoderosa». Foi de Paris para Turim sozinho, provavelmente para cancelar algum assunto relacionado com um automóvel. O seu estado de espírito pode ser avaliado pelas entradas no seu diário enquanto esteve lá, «Inferno, Inferno, Inferno» durante três dias, e depois, num memorando, «Turim, a [cidade] mais miserável da minha vida».

O pobre do Nitya teria de ficar para segundo plano em relação ao seu irmão pelo resto da sua vida, e a sua natureza menos mística e os seus impulsos sexuais muito mais fortes tornavam-lhe muito mais difícil levar uma vida celibatária; contudo, nunca guardou ressentimento de K; ele percebia que o papel de K também não ia ser fácil: K, tímido e apagado, teria de saltar para a ribalta assim que a Sra. Besant desse a palavra, e aprender a projetar-se e a falar em público.

K esteve em Amphion nesse verão de 1920, nas margens do Lago Lemano, alojado num hotel perto de onde a Mme de Manziarly tinha alugado uma vivenda com as duas raparigas, fazendo as suas refeições no hotel mas passando o resto do tempo na vivenda. Embora estivesse a divertir-se e a aprender francês rapidamente com as raparigas, encontrava-se num estado de espírito extremamente rebelde. Não era tanto contra a Teosofia em si que ele se estava a rebelar, mas sim contra o que chamava «o assunto lamechas» em que a estavam a transformar. Sentia que, com a ajuda da minha mãe e da família Manziarly, seria capaz de mudar o mundo.

Foi em Amphion que ele soube que Raja e a sua esposa tinham chegado a Inglaterra, trazendo consigo para ir para Cambridge um jovem de vinte anos, D. Rajagopalacharia, um antigo discípulo de Leadbeater de quem se dizia ser já um Iniciado, ter sido São Bernardo de Claraval na sua última vida e ter um futuro maravilhoso como um Buda, sucedendo a K. K

nunca olhou para Rajagopal como um rival, ao contrário do que RS sustenta (p. 40). As raparigas Manziarly tinham-lhe apenas perguntado, em tom de brincadeira, se ele temia Rajagopal como um rival, nada mais. K e as raparigas troçavam, de facto, do nome dele, que era um bocado difícil de pronunciar. RS também escreve (p. 46) que K tinha «escarnecido» ao saber que Rajagopal usava luvas brancas.

Continua dizendo que Raja, como ela lhe chama, «não saberia das mofas de Krishna senão trinta anos mais tarde, quando leu sobre elas na biografia de Lady Emily». A minha mãe nunca escreveu uma biografia, apenas uma autobiografia, publicada em 1957, e nessa obra nunca menciona K a rir-se do nome de Rajagopal ou do facto de este usar luvas brancas. RS deve ter retirado esta passagem sobre troçar do nome de *The Years of Awakening*, embora Rajagopal não pareça ter ficado ofendido com isso, pois quando o livro saiu, em 1975, enviou-me um telegrama de felicitações reconfortante que eu guardei. Eu não fiz qualquer menção a «luvas brancas», no entanto, e nunca antes tinha ouvido dizer que ele as usava. Não faço a mínima ideia de onde RS possa ter tirado isto.

K supôs, numa carta à minha mãe, que agora que Raja ali estava, todas as vidas passadas e os passos no Caminho recomeçariam. Perguntava-se o que fariam com Rajagopal e esperava que não fossem *rater* [estragar] o futuro dele. «Por favor, se o vires», continuou K, «dá-lhe a minha bênção e pede-lhe a dele.»

K também soubera que Raja queria iniciar algum tipo de cerimonial na OEO e tinha fundado uma nova revista chamada *The Disciple*. Quando lhe enviaram um exemplar de avanço, aquilo fez-lhe «os cabelos ficarem em pé». «Como sabes», escreveu ele à minha mãe, «eu acredito mesmo nos Mestres, etc., e não quero que isso seja ridicularizado. Uma ideia bela ou um objeto nunca podem ser feios, mas nós, seres humanos, podemos torná-los monstruosamente pouco saudáveis», e escassos dias mais tarde: «Sujeito extraordinário, o Raja, e suponho que ele acredita no que a Lady D [De La Warr] diz sobre nós e as nossas dívidas... se ele [Raja] me tivesse dito que tinham gasto tanto dinheiro a 'educar-me' e que eu devia devolvê-lo em serviços prestados à S.T., eu dir-lhes-ia então que nunca lhes pedi

que me tirassem da Índia. Seja como for, é tudo uma solene r—a e estou fartíssimo disso.»

Após conhecer Rajagopal em Londres, no outono, K escreveu a Mar de Manziarly dizendo que tivera uma longa conversa com ele e o achara «muito simpático», e que Rajagopal lhe dissera que gostaria de trabalhar para ele. Nitya não ficou, contudo, nada satisfeito quando soube que Rajagopal, enquanto estudava para Cambridge, iria partilhar o seu apartamento, que tinha apenas uma sala de estar. Nitya passou no seu exame de Direito Penal em outubro, «embora com má nota». (K e o seu círculo chamavam sempre Rajagopal por esse nome para o distinguir de Jinarajadasa, ao passo que RS se refere ao seu pai ao longo do livro como Raja.)

SEIS

Rajagopal entrou facilmente para o St John's College, em Cambridge, especializando-se em História Europeia e Inglesa e em Direito, acabando por obter a sua licenciatura com distinção. A Miss Dodge afeiçoou-se a ele e, de acordo com RS, tornou os seus aposentos em Cambridge confortáveis, embora pareça ter sido a ST ou a OEO a pagar a Universidade. RS afirma (p. 47) que a Miss Dodge confidenciou com ele «a sua crescente preocupação com o comportamento de Krishna.

Ela não voltaria atrás no seu prometido apoio financeiro a Krishna por consideração à Sra. Besant, mas estipulou uma quantia ainda maior para Raja». Acho difícil de acreditar que a Miss Dodge discutisse qualquer ansiedade que pudesse ou não sentir em relação a K com este recém-chegado, depois de conhecer e amar K durante nove anos. Tal deslealdade não fazia parte da sua natureza.

Quanto ao seu apoio financeiro a Rajagopal, um aviso apareceu no *New York Times* em abril de 1935 dando todos os detalhes dos fundos fiduciários (*trust funds*) que ela criara para providenciar rendimentos anuais vitalícios a trinta e uma pessoas, perfazendo um total de $52 000. A anuidade para Jiddu Krishnamurti era de $5000, para o Sr. e a Sra. D.

Rajagopal era de $4000 (aparentemente em conjunto) e para o Bispo Leadbeater era de $2000.

O resto não nos diz respeito. A Miss Dodge tinha morrido em dezembro de 1934 e tinha constituído os fundos fiduciários a 7 de maio de 1931. O remanescente do seu património de $2 787 616 líquidos foi para uma sobrinha. Parece pouco provável que ela tivesse reduzido a sua anuidade a Rajagopal após este casar. O dinheiro da Miss Dodge vinha em dólares da fortuna de cobre da família na América, e as anuidades eram pagas trimestralmente no equivalente em libras esterlinas. As £500 e £400 anuais originais de K e de Rajagopal flutuaram mais tarde com a taxa de câmbio.

RS escreve: «O Krishna e o Nitya estavam cientes de que o Raja também era um protegido da Miss Dodge. O Krishna sentia curiosidade sobre se o Raja estaria a receber um rendimento comparável ao deles e questionava frequentemente o Raja sobre o dele. O Raja, que tinha sido informado da dotação deles, recusava-se a discutir as suas finanças com o Krishna.»

As palavras «recusava-se a discutir as suas finanças com o Krishna» são significativas, e por trás delas reside a razão pela qual analisei este assunto com algum detalhe. A origem dos fundos pessoais de Rajagopal e a sua recusa em discutir as suas finanças com K tornaram-se uma questão crucial muitos anos mais tarde e, a dada altura, ele defendeu que estes tinham origem em ofertas da Miss Dodge.

RS comenta que, pelo facto de Rajagopal estar a trabalhar arduamente na Universidade, ele «foi poupado ao esnobismo inglês da alta sociedade que tão seriamente tinha infetado o Krishna e o Nitya nesses primeiros anos naquela sociedade». Que esnobismo, pode-se perguntar? O único esnobismo que os irmãos encontraram foi na própria Teosofia, e esse não se limitava de modo algum a Inglaterra. Na Índia, os teosofistas perguntavam uns aos outros há anos: «Estás nas Vidas?» e, se sim, «Quão de perto estás aparentado com o Alcyone?». Se não estivesses de todo nas Vidas, eras abaixo de desprezível. Mais tarde era: «Que passos deste no Caminho?». Um discípulo aceite mal se dignava a falar com um que estivesse apenas em provação.

Todos nós nos tornámos muito afeiçoados a Rajagopal, meigo e ansioso por agradar nesses primeiros anos, embora o temperamento dele e o de K chocassem sempre. Rajagopal era extremamente prático, picuinhas e excessivamente arrumado. Ficava connosco durante as suas férias de verão, e ele e eu tornámo-nos amigos especialmente próximos, como diz RS. Ele foi o primeiro jovem que alguma vez beijei, quando tinha acabado de fazer catorze anos, e tenho a nítida impressão, pela sua hesitação, de que fui a sua primeira rapariga. Visitei-o várias vezes em Cambridge e poderia ter-me apaixonado por ele se não fosse a paixão secreta que nutria por Nitya.

SETE

Em maio de 1921, tendo Nitya ido um dia ao cinema com a minha mãe e comigo, tossiu subitamente e deitou sangue. Tinha estado a comer muito pouco e a trabalhar em demasia, e tinha acabado de recuperar de um ataque terrível de varicela. Um médico, no dia seguinte, diagnosticou uma mancha no pulmão esquerdo. K mandou-o chamar imediatamente para vir para Paris a fim de ser tratado por um Dr. Paul Carton, um naturopata francês e amigo da Mme de Manziarly, que o submeteu a uma dieta rigidíssima e disse que ele devia ser cuidado como se estivesse nos últimos estádios de uma tuberculose.

A Sra. Besant foi a Paris em julho para uma Convenção Mundial Teosófica, seguida do primeiro Congresso da OEO. Nitya teve permissão para assistir ao Congresso, que a Sra. Besant e K abriram juntos em francês, após o que K tomou tudo nas suas próprias mãos, deixando a Sra. Besant e Nitya atónitos com a forma brilhante como o conduziu. Confiando nisto, a Sra. Besant, antes de regressar à Índia, decidiu que os irmãos deveriam ir à Índia no outono, pela primeira vez desde 1912 (e não 1911, como afirmado por RS), se Nitya estivesse suficientemente bem, para K dar início à obra da sua vida.

A Mme de Manziarly levou então Nitya e K para Boissy-Saint-Léger, perto de Paris, para uma casa que lhe tinha sido emprestada. A minha mãe,

com a minha irmã Betty e comigo, as raparigas Manziarly e Rajagopal, juntou-se a eles em Boissy, numa casa primitiva alugada pela minha mãe.

O longo descanso curou os olhos de Nitya, mas como ele ainda tinha febre no início de setembro, K mudou-o para Villars, nos Alpes Suíços, com Rajagopal e John Cordes, um austríaco robusto de cabelos brancos que estivera encarregue do desenvolvimento físico de K em Adyar, em 1909.

Em meados de setembro, K, deixando Nitya em Villars com Rajagopal e ao cuidado de Cordes (e não ao cuidado de Rajagopal, como diz RS), foi à Holanda a convite do Barão Philip van Pallandt, que se oferecera para doar à OEO a sua residência ancestral com fosso, o Castelo Eerde (com a data de 1715 sobre a porta), juntamente com 5000 acres de bosque. Durante a quinzena em que esteve fora, K conheceu e apaixonou-se por uma rapariga americana de dezassete anos, Helen Knothe, que estava hospedada com a sua tia teosofista holandesa em Amesterdão enquanto estudava violino.

No ano anterior, K tinha consultado a minha mãe sobre se seria «a coisa certa» apaixonar-se por Mar de Manziarly, que o atraía imenso, acrescentando: «Claro que nunca casarei nesta vida.» Agora não houve questionamentos. Estava compulsivamente apaixonado por Helen e não hesitou em contá-lo à minha mãe, enquanto lhe assegurava que o seu amor por ela «nunca poderia cessar». A minha mãe naturalmente sofreu por já não ser a primeira na vida dele após oito anos, mas superou o seu ciúme tornando o seu amor por K maior e tornando-se amiga de Helen quando finalmente a conheceu.

Dado que Nitya foi agora declarado curado por um eminente especialista suíço, ficou decidido que os irmãos embarcariam de Marselha para Bombaim a 19 de novembro. K teve ainda mais uma oportunidade de ver Helen novamente em Amesterdão antes de partir. Escreveu à minha mãe no dia 17: «Estou muito miserável por vos ir deixar, a ti e à Helen, por muito tempo. Estou incrivelmente apaixonado e é um grande sacrifício da minha parte, mas nada mais pode ser feito. Sinto como se tivesse uma ferida terrível dentro de mim. ... Nunca tinha percebido tudo isto antes e o que tudo isto significa.»

Os irmãos não chegaram a Bombaim nos seus «fatos da Savile Row», como RS quer fazer parecer. Tinham levado consigo para a Europa roupas indianas, que às vezes vestiam ao final do dia, pelo que envergaram trajes indianos antes de chegar. A única adição foi um turbante de cor malva que foi atado em redor da cabeça de K.

Em Benares, para onde foram primeiro para uma Convenção, e onde K teve de proferir uma das quatro palestras da Convenção, o que o aterrorizou, encontraram George Arundale novamente. No ano anterior, George tinha causado sensação ao casar com uma belíssima brâmane de escassos dezasseis anos, Rukmini Devi (irmã de um futuro Presidente da ST, N. Sri Ram).

K ficou horrorizado com o casamento, não só porque ainda se opunha firmemente ao casamento em geral, mas porque Arundale era agora um homem corpulento de quarenta e dois anos; seja como for, não confio nas recordações de Rukmini sobre o seu primeiro encontro com K, contadas a RS sessenta e quatro anos mais tarde e citadas por RS: «O Krishna aproximou-se de George, que tentou apresentá-la como sua noiva. Mas o Krishna limitou-se a interjetar: 'George, o que se passa contigo e com o Jinarajadasa?'», através do que Rukmini adivinhou «que o Krishna desaprovava o casamento de ambos».

RS comenta que este «primeiro encontro, no qual ela [Rukmini] se sentiu muito rebaixada, afetaria a relação entre o Krishna e ela até ao fim das suas vidas». K nunca teria sido tão descortês ao ponto de a ignorar por completo, mas Rukmini, sendo tão bonita, provavelmente esperava alguma atenção especial da parte dele. Ela e K nunca, em altura alguma, tiveram qualquer tipo de relação para ser afetada. O casamento de Raja tinha, como sabemos, tido lugar em 1916, pelo que dificilmente K se teria referido a ele ao encontrar George novamente pela primeira vez e, além disso, ele nunca teria chamado a Raja «Jinarajadasa».

Rajagopal, antes de ir para Inglaterra, afirmou através da sua filha ter ouvido acidentalmente Jinarajadasa perguntar a Arundale porque tinha deixado K em Inglaterra quando era suposto ter ficado a cuidar dele, ao que

Arundale respondera: «Não aguentei mais.» Rajagopal também afirma ter visto, muitos anos mais tarde, cartas entre os dois homens «expressando a sua desilusão com os primeiros poderes de Krishna para manipular e explorar aqueles que o tentavam ajudar». Que manipulação e exploração fez K?

Em Adyar, os irmãos receberam uma receção triunfal. A Sra. Besant mostrou-se extremamente compreensiva em relação ao amor de K por Helen, sobre o qual ele lhe contou tudo enquanto esteve lá; ela quis mesmo mandar emoldurar a fotografia de Helen para ele, uma oferta que K recusou. RS está, portanto, equivocada quando comenta que se esperava que K «renunciasse» a todos os sentimentos românticos.

Os irmãos não ficaram muito tempo na Índia. Partiram para Sydney, onde Leadbeater vivia desde 1915, para assistir ali a uma Convenção da ST em abril de 1922. O calor húmido de Colombo, de onde embarcaram, foi nocivo para Nitya, que recomeçou a tossir durante a viagem. A curiosidade ofensiva dos passageiros, do pior tipo de anglo-indianos, horrorizou K, que estava muito infeliz, sentindo a falta de Helen e da minha mãe. Escreveu à minha mãe: «Aqui estão pessoas à espera para me receber e eu a desejar estar em qualquer outro lado menos aqui... é uma vergonha que eu não seja daqueles que anseiam por este tipo de coisas e, contudo, vai ser assim toda a minha vida. ... Mãe, diz-me, o que é que eu hei de fazer?» Toda a adulação que recebera desde que chegara a Bombaim tinha sido uma tortura para ele.

Encontraram Leadbeater praticamente inalterado desde que o tinham visto pela última vez, dez anos antes, mas havia uma grande mudança; em 1915 ele tinha sido feito bispo na Igreja Católica Liberal, uma ramificação teosófica da Velha Igreja Católica que reivindicava a sucessão apostólica. A Missa seguia o ritual católico romano, mas a liturgia, compilada pela Sra. Besant e por Leadbeater, era em inglês. Leadbeater andava agora de batina vermelha com um enorme anel de bispo no dedo. Os irmãos tinham ouvido falar da nova Igreja; contudo, não estavam preparados para a grande importância que esta assumia na comunidade de Leadbeater.

Havia um escândalo muitíssimo desagradável a decorrer durante toda a visita deles, envolvendo investigações policiais sobre acusações de homossexualidade contra Leadbeater. Os irmãos testemunharam perante a polícia em defesa de Leadbeater. Nitya escreveu que lhes foram feitas «as perguntas mais terríveis» e Krishna escreveu à minha mãe dizendo que estava tão nervoso que se sentia «quase chalado».

Após a Convenção, Nitya foi consultar um médico em Sydney, que descobriu que não só o seu pulmão esquerdo estava doente, mas também o pulmão direito começava agora a ser afectado. Foi-lhe aconselhado regressar imediatamente à Suíça e permanecer lá até estar verdadeiramente curado. A.P. Warrington, secretário-geral da TS [1] na América, que se encontrava em Sydney por ocasião da Convenção, sugeriu que viajassem via São Francisco e interrompessem a viagem no vale de Ojai, cerca de 350 milhas a sul de São Francisco, aproximadamente oitenta milhas a norte de Los Angeles, e a 1.500 pés acima do nível do mar, local famoso pelo seu excelente clima para tuberculosos e onde vivia uma sua amiga, a Sra. Mary Gray. Concordaram com a sugestão e chegaram, juntamente com o Sr. Warrington, a São Francisco, em 3 de Julho de 1922.

K apaixonou-se imediatamente pela América; a cordialidade das pessoas, o sentido de igualdade e a ausência de preconceitos contra os indianos encantaram-no. No vale de Ojai, quinze milhas para o interior, a Sra. Gray possuía duas casas desocupadas: uma delas foi cedida aos irmãos e a outra, situada nas proximidades, ao Sr. Warrington. A princípio, a saúde de Nitya melhorou consideravelmente, mas, no final de Julho, sofreu uma recaída, começou a ter febre e uma tosse intensa.

Foi nessa altura que Rosalind Williams entrou nas suas vidas. Encontrava-se de visita à Sra. Gray, grande amiga da sua irmã mais velha, Erma, e, depois de os visitar um dia, tornaram-se amigos. “Ela é apenas uma rapariga de dezanove anos”, escreveu K à minha mãe em 28 de Julho, “mas estes americanos são capazes desde o momento em que nascem e, além disso, ela é muito alegre, divertida e mantém N de bom humor, o que é essencial.

A irmã dela é uma pessoa da T.S. e, por isso, sabe tudo acerca disto e, apesar de tudo isso, é muito simpática. Partiu ontem e vai perguntar à mãe se pode voltar e, de certo modo, tomar conta de Nitya." O que K não mencionou foi que Rosalind era uma rapariga muito bonita, de cabelo claro e ondulado e olhos muito azuis. Obteve autorização para regressar a casa da Sra. Gray. Ficou entendido desde o início que ela era a amiga especial de Nitya, e não de K.

Decidiu-se então que Nitya deveria experimentar um tratamento com um "Oscilloclast", um instrumento eléctrico contido numa caixa preta que escondia o seu mecanismo, inventado por um Dr. Albert Abrams, o qual alegadamente diagnosticava e curava a maioria das doenças. Algumas gotas do sangue de Nitya foram enviadas, numa folha de mata-borrão, a um discípulo do Dr. Abrams, em Los Angeles, o Dr. Strong, sem qualquer informação adicional além do seu nome. Dois dias depois, chegou o relatório: Nitya tinha tuberculose no pulmão esquerdo, nos rins e no baço.

Uma das raras máquinas foi alugada através de um amigo do Sr. Warrington; placas eram colocadas sobre as partes afectadas e ligadas à máquina, e Nitya tinha de permanecer sentado durante várias horas por dia a submeter-se a este tratamento enfadonho. O conteúdo da caixa era secreto; quando a máquina era ligada, produzia o ruído de um relógio alto, mas não provocava qualquer sensação no paciente. Após duas semanas e meia de tratamento, uma nova gota de sangue não revelou qualquer vestígio da doença.

Ao descrever a vida de Rosalind até ao momento em que conheceu os irmãos, RS comenta que era "irónico", tendo em conta o quão limpos eram os brâmanes, que Leadbeater tivesse insistido tanto em ensinar K e Nitya a tomarem banho correctamente. (O que Leadbeater censurava era o hábito dos indianos de se lavarem usando uma tanga, de modo que nunca se lavavam devidamente entre as pernas. Foi esta insistência em que se lavassem nus que serviu de base às acusações de imoralidade feitas por Narianiah contra Leadbeater e K.) RS continua: "Mais tarde, Nitya haveria de queixar-se a Rosalind da falta de asseio das raparigas inglesas que conhecera, e de como isso o afastara de uma relação mais íntima com uma delas." Em resposta a isto, não posso fazer melhor do que chamar a atenção

do leitor para a carta de K de 1915 dirigida a Leadbeater acerca do amor de Nitya por Barbie.

RS escreve também que, enquanto Nitya e Rosalind se tinham apaixonado, K se sentia "isolado do seu círculo encantado". Na realidade, K estava preocupado com algo muito diferente. Antes de deixar Sydney, uma mensagem do Mestre KH fora "transmitida" para ele por intermédio de Leadbeater, e causara-lhe uma profunda impressão. Escreveu à minha mãe em 12 de Agosto: "Tenho estado a meditar todas as manhãs durante meia hora ou trinta e cinco minutos. Medito das 6h45 às 7h20. Estou a começar a concentrar-me melhor... e volto a meditar antes de dormir durante cerca de dez minutos. Tudo isto deve parecer-te bastante surpreendente, não é? Vou recuperar o meu antigo contacto com os Mestres e, afinal, isso é a única coisa que importa na vida; nada mais importa."

Cinco dias depois de escrever isto, K passou por uma experiência espiritual de três dias que transformou a sua vida. Um relato dessa experiência, escrito por Nitya e enviado à Sra. Besant e a Leadbeater, foi publicado pela primeira vez em *The Years of Awakening*, juntamente com a mensagem do Mestre em Sydney. Existe igualmente um relato escrito pelo próprio K, citado em *Krishnamurti*, de Pupul Jayakar, bem como uma carta do Sr. Warrington, que esteve presente todos os dias, confirmando a exatidão dos restantes relatos.

Rosalind também esteve presente durante grande parte do tempo e, segundo Nitya, "desempenhou o papel de uma grande mãe". A experiência, que culminou debaixo de uma jovem árvore-da-pimenta, mesmo fora da casa, transformou não só a vida de Krishna mas também a de Nitya.

Nitya escreveu à Sra. Besant: "O mundo inteiro mudou tanto para mim desde que estas coisas aconteceram; sinto-me como uma bolha que de repente se tornou sólida, e a vida tornou-se simples, graças a Deus. Sinto como se nunca tivesse realmente vivido antes, e agora não poderia viver se não servisse o Senhor." Tanto a Sra. Besant como Leadbeater interpretaram a experiência como a receção da terceira Iniciação.

Nitya encarava a partilha desta experiência como um laço inquebrável entre si e Rosalind. Que angústia teria sofrido se soubesse que, segundo a filha dela, Rosalind viria mais tarde a desacreditar completamente o acontecimento e a declarar que não se recordava de nada. RS, sem qualquer justificação, descreve o relato de Nitya como "algo intensificado pela sua condição febril e imaginação poética". Afirma ainda que a experiência "teve lugar num contexto de intensa expectativa e excitação", quando, na verdade, ocorrera numa altura em que os irmãos viviam, pela primeira vez nas suas vidas, tranquilos e sozinhos.

Apenas um número muito reduzido de cópias destes relatos foi distribuído, a uma lista de pessoas elaborada por K. Uma cópia, dactilografada pela irmã de Rosalind, foi enviada à minha mãe, a quem se pediu que encontrasse uma pessoa de confiança para dactilografar outras cópias destinadas aos que constavam da lista. Foi ela quem escolheu Rajagopal, que aprendera a dactilografar. Ao enviar uma cópia a Ruspoli, escreveu: "Espero que isto te faça tão feliz quanto me fez a mim. Conhecendo K e a sua absoluta honestidade [itálico no original], isto torna-se ainda mais impressionante... Para ti e para mim, que sabemos quão infeliz K tem sido — não é maravilhoso pensar nele feliz e em paz, tendo finalmente encontrado a si próprio? Isto mudou certamente toda a corrente da vida para mim e espero que também para ti."

OITO

Esta experiência de três dias não foi o fenómeno a que Nitya viria a chamar "o processo". Este só começou duas semanas após o episódio da árvore-da-pimenta. O "processo" consistia numa dor terrível na cabeça e na coluna vertebral, que surgia regularmente todas as noites durante mais de uma hora, enquanto K estava fora do corpo, de tal modo que era o próprio corpo — chamado por Nitya de "elemental físico" — que sofria a dor, sem que K conservasse qualquer memória dela na sua consciência.

O fenómeno prolongou-se desde 3 de Setembro de 1922 até 7 de Janeiro de 1923, na presença de Nitya, Rosalind e do Sr. Warrington. Todas as manhãs, Nitya tomava notas minuciosas sobre o que acontecera na noite anterior, condensando-as mais tarde no que chamou "um registo

coerente" de quarenta e seis páginas dactilografadas. Este manuscrito só foi encontrado relativamente recentemente por Pupul Jayakar nos arquivos de Adyar, onde tinha sido colocado por engano. A Sra. Jayakar cita passagens do mesmo no seu livro e eu próprio pude citá-lo em *The Life and Death of Krishnamurti,* depois de receber uma cópia de Adyar.

Era terrível para os presentes terem de testemunhar tamanho sofrimento. Nitya escreveu que era como assistir a um homem a ser queimado vivo sem o alívio da asfixia. O próprio K escreveu à minha mãe sobre tudo o que estava a atravessar. RS escreve (p. 53) que, durante todo o "processo", nesse Inverno, K parecia sofrer "apenas desconfortos físicos", sem êxtase. Desconfortos físicos?

Em Novembro, o "processo" tomou um rumo novo. Depois da dor, para grande espanto de Nitya e Rosalind, K começou subitamente a falar com a voz de uma criança de cerca de quatro anos, descrevendo acontecimentos da sua infância. Durante todo o "processo", enquanto K estava fora do corpo, confundia Rosalind com a sua mãe e encontrava conforto na sua presença, como qualquer criança sofredora sente quando a mãe está junto dela.

Tanto K como Nitya acreditavam que o "processo" era necessário para preparar o corpo de K para a ocupação pelo Senhor Maitreya e que não devia ser suprimido nem interrompido. Era algo por que ele tinha de passar. Se, por vezes, a agonia se tornava excessiva, o "elemental físico" chamava K de volta. Isso irritava K, porque o tempo perdido teria de ser compensado mais tarde.

Períodos do "processo" voltariam a ocorrer com intensidade aumentada nos anos seguintes e depois, gradualmente, com menor intensidade durante o resto da sua vida. Quanto mais o corpo sofria, maior se tornava a sua capacidade de suportar o sofrimento, de tal modo que, em anos posteriores, se tratava apenas de uma dor intensa no pescoço e na coluna, por vezes durante o dia inteiro, mas que ele conseguia suportar sem "partir". A "explicação" de Rosalind para o "processo", apresentada no livro de Sloss e mencionada mais adiante, constitui uma calúnia imperdoável.

NOVE

Em fevereiro de 1923, K soube que o chalé deles e os seis acres de terreno, com outra casa maior, estavam à venda. Escreveu à senhora Besant em 28 de fevereiro: «Enviei um cabo a Baillie-Weaver dizendo que seria uma pena perder este lugar depois de tudo o que aqui aconteceu. Ele diz que o podemos comprar e que o dinheiro aparecerá. Será nosso dentro de poucos dias. Pensei que seria melhor constituir um trust para deter isto e creio que será um magnífico centro.» Baillie-Weaver estava agora encarregado de todos os assuntos financeiros de K e de Nitya. Aparentemente, não perguntaram de onde vinha o dinheiro, nem nos é dito quanto custou.

Mais tarde, foram comprados outros sete acres, oferta da senhorita Dodge. O trust chamou-se The Brothers' Association. K considerava que esta propriedade, tal como a propriedade do Castelo de Eerde, lhe fora dada para o seu trabalho, não para uso pessoal, e devia ser mantida em trust para esse fim. O comentário mordaz de RS acerca desta transação é característico: «Krishna já era suficientemente astuto para recusar possuir propriedade em nome pessoal, talvez percebendo que um jovem com o seu futuro espiritual tinha de parecer materialmente livre de encargos.»

Antes de partir para Inglaterra em junho, Nitya submeteu-se a outro tratamento de Abrams, quando se descobriu que a tensão dos últimos meses provocara um ligeiro reaparecimento da sua doença. Mais uma vez, foi declarado curado após duas semanas. Os irmãos fizeram então uma digressão pelos Estados Unidos, ficando em hotéis, para K proferir três palestras públicas por dia em vários locais. Em cada palestra angariava fundos para a educação na Índia, uma das suas paixões mais profundas e duradouras. Nitya não assistia a nenhuma dessas reuniões, nem às receções noturnas a que K tinha de comparecer depois, porque lhe fora dito que precisava de repousar. K escreveu à senhora Besant dizendo que estava preocupado tanto com a sua própria saúde como com a de Nitya: sofria constantemente de dores na cabeça e no pescoço e frequentemente saía do corpo, momento em que, aparentemente, chorava e chamava pela mãe.

(Ponho em itálico qualquer passagem em que K sofria o «processo» quando estava sozinho, tendo em vista as acusações de Rosalind.)

Foi triste para Nitya que Rosalind não os acompanhasse a Inglaterra, ao passo que K ansiava por voltar a ver Helen, que continuava em Amesterdão. (Durante todo este tempo, escrevera-lhe cartas apaixonadas.) Pedira à minha mãe que organizasse «umas férias em família» para ele depois dos Congressos da TS e da OSE em Viena, aos quais tinha de assistir.

A minha mãe escreveu à senhora Besant depois de se encontrar com os irmãos em Plymouth, a 6 de junho de 1923: «Krishna parecia exteriormente pouco mudado, embora talvez mais belo, mas sente-se a cada instante um poder imenso, concentrado e controlado, a fluir dele. [...] Nitya passou de rapaz a homem, com toda a sua doçura intensificada, mas acrescida de uma força imensa. Para ambos, agora, só o trabalho conta.»

De Viena, um grupo de nós foi com os irmãos para um chalé em Ehrwald, no Tirol austríaco, emprestado a K por um amigo de John Cordes.* O nosso grupo consistia em Cordes, a minha mãe, Betty e eu, Helen, Mar de Manziarly, Rajagopal e Ruth Roberts, uma bela inglesa muito alta com quem K flertara em Sydney, onde ela fora durante algum tempo aluna de Leadbeater. Helen não era bonita, mas tinha grande encanto e vivacidade; a paixão dela e de K um pelo outro, que nada faziam para esconder, tornava Mar profundamente infeliz, porque as primeiras cartas de K para ela podiam ser interpretadas como cartas de amor — até se lerem as verdadeiras cartas de amor que ele era capaz de escrever. Os esforços compassivos de Nitya para ajudá-la a ultrapassar esse período difícil fizeram-me gostar ainda mais dele.

Após duas semanas de verdadeiras férias e de um tempo maravilhoso, o «processo» começou novamente, ainda mais severo. Agora era Helen quem desempenhava o papel da mãe de K, e o fenómeno da criança pequena a tagarelar no final de cada sessão de agonia repetiu-se.

Todo o grupo deixou Ehrwald no final de setembro; alguns de nós, incluindo Helen, seguiram com os irmãos para ficar no Castelo de Eerde,

em Ommen, com Philip van Pallandt. Foi a última vez que o castelo seria usado como residência privada antes de ser entregue ao Trust para o trabalho de K, e o Barão era o nosso anfitrião. À noite, a minha mãe lia em voz alta para nós, e Nitya sentava-se ao meu lado no chão, segurando-me a mão. Foi a primeira vez que ele me prestou alguma atenção e tenho a certeza de que não fazia ideia dos sentimentos que despertava numa rapariga de quinze anos intensamente romântica.

RS afirma que, depois de Ehrwald, o amor de K por Helen «abrandara consideravelmente». Isso não é verdade; estava mais apaixonado por ela do que nunca, se isso era possível, a julgar pelas cartas que lhe escrevia, hoje nos arquivos de Ojai.

Os irmãos regressaram à América em outubro. Tinham sido avisados, através de uma mensagem do Mestre «transmitida» por K, de que o «processo» continuaria em Ojai com «muito maior vigor». Nitya considerou, por isso, necessário que outro Iniciado estivesse presente para ajudar a cuidar de K, e Rajagopal foi convidado a interromper Cambridge durante um ano para os acompanhar. Segundo RS, Rajagopal apaixonou-se por Rosalind ao ouvir Nitya falar dela no comboio que atravessava a América.

Ao chegarem a Ojai, os três jovens, juntamente com um amigo holandês, Koos van der Leeuw, foram viver para a casa maior do terreno que lhes fora comprado e a que chamaram Arya Vihara, enquanto Rosalind, com a sua irmã teosófica Erma, ocupava o chalé. Menos de duas semanas após a chegada, o «processo» começou novamente e foi tão grave que, pela primeira vez, Nitya ficou verdadeiramente preocupado e pediu conselho a Leadbeater.

Desta vez, o corpo permaneceu plenamente consciente nas primeiras noites para suportar a agonia, mas isso foi excessivo para K, e o «elemental físico» assumiu novamente o controlo, como antes. «Hoje em dia», escreveu Nitya a Leadbeater, «Helen não está com ele, nem Rosalind, embora ela esteja aqui em Ojai, ao lado. Ele parece não a querer; depois de a dor terminar, Krishna abandona o corpo e o corpo chora de exaustão, de cortar o coração. Chama pela mãe, e descobri que quer Helen, não

Rosalind.» Nem Rajagopal nem Koos entravam alguma vez no quarto de K enquanto o «processo» decorria. Nitya ficava sozinho com ele.

Esta rejeição foi naturalmente muito dolorosa para Rosalind, mas ela tinha a sua própria explicação, dada pela filha (p. 67): um dia, «Nitya expressou a Krishna a esperança de casar com Rosalind». K «ficara indignado com a ideia e insistira que o irmão mais novo devia dedicar-se exclusivamente ao "trabalho"»; a simples sugestão despertara a ira de K contra Rosalind. A vida de Nitya, como sabemos, era dedicada exclusivamente ao «trabalho», e, se tivesse casado com Rosalind, teria esperado que ela também se dedicasse a isso. Contudo, ela afirma agora que nunca acreditou na vida oculta, pelo que não estava a ser honesta com Nitya, que acreditava nela implicitamente. Rosalind preferiu pensar que outra razão para a rejeição de K era o facto de ele estar secretamente apaixonado por ela (sentimentos que não mostraria enquanto Nitya estivesse vivo) e via Rajagopal como «mais um rival pelo seu amor».

A sua vaidade não lhe permitia aceitar a verdade simples: K continuava tão apaixonado por Helen como sempre e não queria mais ninguém. Não satisfeita com o amor de Nitya, queria também o de K e o de Rajagopal. Não existe qualquer prova que sustente a suposição de que K sentisse algo semelhante por ela nessa altura, nem de que tivesse alguma vez tido ciúmes de Rajagopal. Escreveu à minha mãe em 24 de novembro de 1923, dando primeiro detalhes da vida quotidiana: tinham muito pouco dinheiro e estavam eles próprios a pintar o exterior da casa e a fazer um jardim; Rajagopal cozinhava, Nitya fazia as camas e K e Koos lavavam a loiça.

Continuou depois: «Nitya está bem e come como Deus sabe o quê. Não tossiu uma única vez, graças a Deus. [...] A minha coisa começou; é horrivelmente dolorosa e o meu pescoço está num estado terrível quando escrevo; mal o consigo manter direito. À noite, há três dias seguidos, vou-me embora, mas estou consciente e, meu Deus, é um pouco horrível. Rosalind, curiosamente, não me ajuda; pelo contrário, não a quero perto de mim. Mas sinto a falta da querida Helen. Ontem à noite foi o começo do verdadeiro espetáculo e não foi nada agradável. Desta vez, não só estou consciente, como parece que Rosalind e Helen nada podem fazer. Está tudo

muito bem organizado. Não consigo dar-me com Rosalind; irrita-me, embora a veja muito pouco, pois ela está a estudar, e Helen, de quem sinto tantas saudades, não pode estar aqui. Está tudo cuidadosamente bem organizado.»® (A senhora Gray oferecera-se para mandar Rosalind para Radcliffe; era para isso que ela estudava. Helen regressara a Nova Iorque para estar com a família e, se Rosalind tivesse visto as cartas cheias de amor e saudade que K lhe escrevia quase diariamente, não teria podido alimentar ilusões sobre ele estar apaixonado por ela.)

À medida que a tortura de K prosseguia, escreveu de novo à minha mãe: «Estou cada vez mais irritável e cada vez mais cansado; queria que tu e os outros estivésseis aqui. Tenho vontade de chorar tantas vezes hoje em dia, e isso nunca foi do meu feitio. [...] É horrível para os outros e para mim. [...] Gostava que Helen estivesse aqui, mas isso é impossível e provavelmente Eles não querem que ninguém me ajude. Portanto, tenho de fazer tudo sozinho.» Deu-lhe mais alguns pormenores da vida quotidiana: jogavam jogos que não conseguiam relaxá-lo, Rajagopal tentava ensinar álgebra a Rosalind e ambos «discutiam por causa disso». «Estamos tão fartos de nós próprios que nada nos diverte neste momento, ou então tudo nos diverte. Rimo-nos da menor coisa até às lágrimas.»

O «processo» continuou até ao final de abril do ano seguinte, 1924. Leadbeater, incapaz de explicar a agonia física de K, enviou «uma pessoa sensata», uma médica inglesa chamada Mary Rocke, então residente em Sydney, para se certificar de que o corpo de Krishna não estava a ser excessivamente sobrecarregado. K conhecia a doutora Rocke desde os primeiros tempos de Adyar e gostava muito dela. Ela chegou no início de abril e permaneceu durante uma semana, observando o processo todas as noites. Foi a única médica que alguma vez viu K enquanto o «processo» decorria (se um médico desconhecido viesse vê-lo, o «processo» cessava imediatamente.

Mesmo que uma presença estranha entrasse silenciosamente em casa, quanto mais no quarto, K apercebia-se e o «processo» parava). Infelizmente, não possuímos qualquer relatório da própria doutora Rocke. Temos apenas uma carta de K para a minha mãe dizendo: «Ficámos muito contentes por vê-la, porque também queríamos confirmação de que não

estamos completamente loucos. Ela ficou tremendamente impressionada com tudo isto e afinal não estamos completamente loucos.»

DEZ

Os irmãos, acompanhados por Rajagopal, só regressaram a Inglaterra em meados de junho de 1924. Ao mesmo tempo, Rosalind foi para Sydney para ser «preparada» por Leadbeater, ainda considerado a única pessoa capaz de ajudar um aspirante a avançar no Caminho do Discipulado. Estou certa de que Nitya, tanto quanto K, insistiu para que ela fosse, embora ela não o admita. Naturalmente, apenas K tem de ser culpabilizado (p. 69), porque, ao ir para Sydney, ela teve de desistir de Radcliffe. Ao concordar em partir, evidentemente não contara nem a K nem a Nitya a sua falta de crença na vida mística de K.

Após um Congresso da TS e da OSE em Arnhem, na Holanda, e o primeiro Star Camp em Ommen, a cerca de uma milha do Castelo de Eerde[10], na antiga propriedade de Philip van Pallandt, um grupo de nós — maior do que no ano anterior em Ehrwald, mas sem Mar de Manziarly — foi ficar no Hotel Castello, no topo de uma colina íngreme acima de Pergine, nas Dolomitas. Quando o «processo» começou novamente em agosto, foi mais severo do que nunca, embora isso parecesse impossível. RS afirma que K estava sozinho, como em Ojai, exceto por Nitya. Não é verdade: Helen, que viajara com os irmãos desde Nova Iorque, esteve lá todo o tempo para cuidar dele como uma mãe, e K conseguia relaxar com ela. Continuava a ser tão favorita como no ano anterior.

Nos últimos três dias em Pergine, o «processo» cessou e, em vez de ficar fechado todas as noites na torre quadrada do hotel, submetido à tortura, K, juntamente com Nitya e Helen, juntou-se a nós ao jantar no hotel, para grande alegria nossa, e depois todos cantávamos canções disparatadas, trocávamos piadas escolares e fazíamos figuras ridículas. RS escreve que alguns do grupo ficaram chocados com esta mudança súbita em K (foi apenas a minha mãe, que também ficara alojada na torre quadrada, quem ficou ligeiramente chocada), o que «encantou outros, que sentiam que ele jamais poderia ser manchado pela vulgaridade, nem sequer a sua própria, e que a própria perfeição do seu ser podia elevar tal

comportamento a um plano superior». Estas palavras dizem certamente mais sobre a autora do que qualquer comentário que eu pudesse fazer.

K queria agora que Helen, Ruth, Betty e eu fôssemos para Sydney ser «preparadas» por Leadbeater. A minha mãe escrevera a Leadbeater perguntando se ele nos receberia e obtivera uma resposta calorosa. O meu pobre pai tinha poucas hipóteses de impor a sua autoridade quando a senhorita Dodge se ofereceu para pagar as viagens de ida e volta de todas nós.

Os irmãos, a minha mãe e as quatro raparigas partiram de Veneza para Bombaim em 2 de novembro, num navio da Lloyd Triestino. RS escolhe este momento para me introduzir na sua narrativa sem qualquer razão aparente, exceto talvez para alimentar o ego de Rosalind. «Mary Lutyens, aos dezasseis anos», escreve ela, «desenvolvera uma forte afeição por Nitya, que conhecia desde os três anos de idade. Parece improvável que ele pudesse sentir por ela mais do que um afeto fraternal, pois dissera tanto a Krishna como a Raja [Rajagopal] e aos mais próximos, como Mme de Manziarly e a própria mãe de Mary, Lady Emily, que Rosalind era o amor da sua vida. Mas ainda não o dissera a Mary.» Certamente isto mal merece ser referido, uma vez que o amor de Nitya por Rosalind nunca foi posto em dúvida. Em nome da precisão, sinto que devo contar o que realmente aconteceu entre Nitya e mim a bordo do Pilsna.

Tornámo-nos bastante próximos em Pergine e, certa noite, no Mar Vermelho, num lugar isolado do convés, inclinados lado a lado sobre a amurada do navio a ver o pôr do sol, ele disse-me que me amava. Segurou a minha mão contra o peito e eu toquei o auge da felicidade humana, sem qualquer sombra de dúvida. Disse-me que primeiro amara Barbie (o que eu sabia), depois Mme de Manziarly (o que foi um grande choque para mim), depois Rosalind. («Quando vi Rosalind pela primeira vez», disse ele, «algo pareceu partir-se dentro de mim.») «E agora há-te a ti», acrescentou.

Durante os dias seguintes permaneci num estado de êxtase. Todas as noites, depois disso, encontrávamo-nos no mesmo local do convés, onde eu sentia estar completamente sozinha com ele, e voltávamos a ficar ali depois do jantar a observar as estrelas. Não falávamos muito nem nos beijávamos,

mas a sua face encostava-se à minha e ele segurava sempre a minha mão contra o peito. Disse-me que toda a sua vida era dedicada a K e implorou-me que aproveitasse o tempo em Sydney. Disse: «Quando fizeres a tua primeira Iniciação, serei o homem mais feliz do mundo», e que, depois de Sydney, gostaria que eu fosse para Cambridge.

Dois dias antes de chegarmos a Bombaim, confessou-me que nessa manhã tossira sangue, mas ainda não o dissera a K nem a ninguém; receava ter de o contar a K. Era o começo do fim para ele; menos de um ano depois estaria morto. Na nossa última noite, assegurei-lhe que nunca lhe falharia; ele disse que sabia disso e que «me amaria para todo o sempre».

Chegámos a Adyar em 24 de novembro de 1924, depois de alguns dias em Bombaim, hospedados em casa de Ratansi Moraji. Em Adyar fomos recebidos por toda a família Manziarly, que ali estava havia um mês. Nós, as quatro raparigas, ficámos com a minha mãe numa casa que ela alugara voltada para o rio, perto da Sede, e os irmãos tomavam as refeições connosco, embora vivessem no seu próprio quarto no topo do edifício da Sede.

Nessa altura já era geralmente reconhecido que Nitya estava novamente doente. Depois do jantar, deitávamo-nos no chão enquanto a minha mãe lia em voz alta para nós; Nitya e eu ficávamos lado a lado, de mãos dadas, cobertos por um grande xaile da Caxemira.

Ruth e Helen partiram para Sydney a 11 de dezembro. No dia em que partiram, K escreveu a Leadbeater dizendo que estava contente por elas irem; desde que conhecera Helen, sonhava que ela tivesse a oportunidade de estar com ele. Acrescentou depois que a parte de trás da sua cabeça e a base da coluna voltavam a estar ativas e que, quando pensava ou escrevia, a dor se tornava intolerável: «Tudo isto é extremamente misterioso e não compreendo absolutamente nada.»

A 9 de janeiro de 1925, a minha mãe, Betty e eu tivemos de ir para Deli para estar com o meu pai, que ali passava todos os invernos como arquiteto de Nova Deli. Antes de partirmos, tive duas oportunidades de ver Nitya sozinho no quarto, por baixo do dele, onde descansava todas as tardes. Na segunda ocasião, na véspera da nossa partida, beijámo-nos

apaixonadamente em despedida. [11] Duas semanas depois, ele ficou tão doente que subiu para Ootacamund, a estância de montanha de Madras, com Mme de Manziarly.

K estava terrivelmente preocupado com ele e também com as suas próprias dores, que estavam a tornar-se «cada vez piores», como escreveu à senhora Besant no dia em que Nitya partiu (ela encontrava-se em Deli, hospedada connosco). «Suponho que isto acabará um dia, mas neste momento é bastante horrível. Prossegue todo o dia e toda a noite. Além disso, quando Helen estava aqui, eu conseguia relaxar e agora não consigo. Sinto vontade de chorar até rebentar, mas de que serve isso? Gostava que Helen estivesse aqui.»

Poucos dias depois de escrever isto, foi ele próprio, com alguns amigos, a Madanapalle, o seu local de nascimento (e não enviou um amigo, como RS afirma na p. 106), à procura de um terreno adequado para uma universidade que era um dos seus sonhos fundar na Índia. Descobriu um lugar encantador no vale de Tettu, a cerca de doze milhas da cidade, a 2.500 pés acima do nível do mar, onde esperava adquirir 1.000 acres. O plano só se concretizou no ano seguinte e então conseguiu comprar apenas 300 acres, onde fundou uma escola, e não uma universidade, mudando o nome do vale para Rishi Valley. O Rishi Valley Trust foi constituído segundo as mesmas linhas do Trust de Eerde, com K como um dos administradores.

Já recolhera algumas doações na América e o restante dinheiro foi contribuído por membros da OSE. Viria a fundar outra escola em Rajghat, Benares, nas margens do Ganges, em 1928. Escreveu à minha mãe nessa altura dizendo que conseguira adquirir 300 acres nos quais seria gasto todo o capital do Rishi Valley Trust, mas «não podia ser evitado». Menciono estas escolas porque, após a rutura de K com a TS em 1930 e a morte da senhora Besant quatro anos depois, George Arundale, o novo Presidente, tentou reclamá-las para a TS, como RS relata (p. 106), com evidente simpatia pela reivindicação de Arundale.

Em meados de fevereiro de 1925, K escrevia de novo à senhora Besant dizendo que se lembrava de ir à casa do Mestre (no plano astral) e

depois de ver o Mahachohan (uma entidade superior ao Senhor Maitreya) e implorar-lhe que deixasse Nitya «ficar bom e viver. [...] Ele ouviu-me e garantiu-me: "ele ficará bem". Foi um enorme alívio e toda a minha ansiedade desapareceu completamente.»

Nitya melhorou um pouco em Ooty, embora a 19 de fevereiro me tenha escrito que tinham sido as piores quatro semanas da sua vida: «Sentir-me doente, fraco e um fracasso é uma combinação horrível.»

Nitya regressou a Adyar a 11 de março e, dois dias depois, ele, K, Jinarajadasa, a minha mãe, Betty e eu, e Rama Rao, um velho amigo indiano, partiram para Sydney. Foi um choque terrível ver o aspeto de Nitya. Tinha de se apoiar fortemente no braço de Jinarajadasa enquanto aguardávamos a inspeção dos passaportes ao embarcar em Colombo. Não me foi permitido aproximar-me dele durante toda a viagem; tomava todas as refeições na cabine e passava os dias deitado, enrolado numa manta, numa parte isolada do convés.

Chegámos a Sydney em 3 de abril e fomos recebidos, entre outros, por Leadbeater e Rosalind. Os irmãos foram com Rosalind para uma casa particular, pertencente ao senhor e à senhora John Mackay, no subúrbio de Mosman, onde tinham ficado em 1922, enquanto nós fomos para The Manor, ali perto, aquela enorme casa hedionda, situada numa posição magnífica com vista para o porto, onde Leadbeater mantinha a sua grande comunidade de mais de cinquenta pessoas de diferentes idades e nacionalidades.

Segundo RS, Nitya «desatou a chorar na primeira noite e contou a Rosalind como se sentia miserável com o comportamento de Krishna em relação aos teosofistas, com o seu sarcasmo e até com o facto de ridicularizar a senhora Besant nas suas costas». Ela prejudica um pouco a credibilidade da história ao acrescentar que Nitya não falava com K havia três meses.

Durante sete semanas desses últimos três meses, Nitya estivera em «Ooty», sem poder falar com K porque não se encontravam. Seja o que for que K possa ter dito contra os teosofistas, duvido que alguma vez tenha

ridicularizado a própria senhora Besant, embora fosse muito crítico das pessoas de que ela escolhera rodear-se; isso pode ter parecido a Nitya uma crítica dirigida a ela. K considerava Adyar um lugar «muito mexeriqueiro» e sentia-se desolado com todos os ciúmes e grupos rivais existentes ali. Continuava a acreditar de todo o coração no «trabalho», tal como Nitya, mas sentia que muitas pessoas estavam a transformar algo de muito sagrado para ele em algo feio e ridículo — algo que Nitya não tivera a mesma oportunidade de presenciar. De qualquer forma, os irmãos depressa resolveram as divergências.

Depois de consultar um especialista em Sydney a 7 de abril, que disse a Nitya que precisaria de todas as suas forças para «resistir» e que devia deixar Sydney imediatamente, a doutora Rocke subiu até Leura, nas Blue Mountains, e comprou para ele uma cabana de troncos confortável, para onde se mudou com K, Rosalind e a mãe de Ruth Roberts como acompanhante. Como ficava apenas a uma hora de comboio de Sydney, K podia deslocar-se frequentemente de um lado para o outro. Tinha de permanecer ali até Nitya melhorar o suficiente para viajar para a Califórnia.

Apesar de K insistir que nós, as quatro raparigas, devíamos ir para Sydney, ele próprio achava a experiência quase intolerável enquanto ali esteve. Não se apercebera do quanto a comunidade crescera desde 1922 e do papel tão importante que a igreja desempenhava agora nas suas atividades. Irritava-o profundamente a obsessão de todos com os passos no Caminho e todo o esnobismo, mortificação e orgulho espiritual envolvidos. A comunidade parecia ter-se tornado uma fábrica de produção de iniciados de segunda categoria. Helen, Ruth e Betty estavam muito felizes ali; eu sentia-me miserável ao ponto do suicídio, mas esforçava-me por cumprir a promessa feita a Nitya de aproveitar ao máximo as minhas oportunidades junto de Leadbeater. O tédio, o ceticismo e a irritação evidentes de K não ajudavam; contudo, eu amava-o nessa altura mais do que alguma vez o fizera antes. Parecia tão estranho que, embora lhe coubesse desempenhar o papel central no grande drama para o qual todos se preparavam, permanecesse tão belamente afastado.

Queria falar com Leadbeater acerca do seu «processo», mas, embora tivessem várias conversas privadas, Leadbeater não foi capaz de ajudar a

explicá-lo. Disse à minha mãe que aquilo estava completamente fora do âmbito da sua experiência e certamente não fazia parte necessária da preparação para as Iniciações. Leadbeater não gostava de se sentir ultrapassado.

A minha mãe regressou a Inglaterra via Índia em 7 de junho, depois de ter recebido a sua primeira Iniciação, deixando Betty e eu em The Manor. Em 24 de junho, os irmãos, com Rosalind, Rama Rao e um médico teosofista sueco, John Ingleman, partiram de Sydney para São Francisco, chegando a Ojai em 15 de julho. Embora Nitya tivesse sido declarado suficientemente recuperado para viajar, quase morreu durante a travessia; contudo, após mais duas semanas de tratamento com a caixa de Abrams, K pôde comunicar à senhora Besant e a Leadbeater que ele estava muito melhor. Porém, viria a sofrer uma recaída pouco depois.

ONZE

Não havia qualquer hipótese de os irmãos irem a Inglaterra naquele verão de 1925, devido à saúde de Nitya, pelo que foram a senhora Besant e George Arundale quem dirigiu o campo de Ommen. Antes da abertura do campo, a 10 de agosto, Arundale e a mulher, Rukmini, estavam hospedados em Huizen, perto do Castelo de Eerde, onde o bispo Wedgwood, um dos primeiros teosofistas e o primeiro bispo da Igreja Católica Liberal, que consagrara Leadbeater, tinha uma pequena comunidade e uma capela. Começaram a ocorrer ali acontecimentos ocultistas tão emocionantes, todos «transmitidos» por George, que a senhora Besant, adiando as palestras que devia proferir no Queen’s Hall, em Londres, decidiu ir para Huizen a 24 de julho. Foi acompanhada por Esther Bright, pela minha mãe, Rajagopal e Shiva Rao, que tinham viajado com ela da Índia para Inglaterra nesse verão.

No dia 26, Arundale foi ordenado sacerdote; nessa noite, Miss Bright e Rajagopal receberam a segunda Iniciação e, no dia seguinte, Rajagopal foi feito diácono. Na noite de 1 de agosto, George e Wedgwood receberam a terceira Iniciação e Rukmini a segunda. A 4 de agosto, George foi consagrado bispo. A autorização de Leadbeater para esse passo fora pedida por cabo; como não chegou resposta, George garantiu à senhora Besant que obtivera o «consentimento cordial» de Leadbeater no plano astral, mas, ao regressarem da capela após a cerimónia, encontraram um cabo de Leadbeater desaprovando firmemente a decisão, dizendo que isso destruiria todo o trabalho de George na Índia.

Entretanto, K pedira à senhora Besant que Rajagopal pudesse ir para Ojai como pessoa suplementar para ajudar a cuidar de Nitya, que estava novamente muito doente. A senhora Besant deu autorização e Rajagopal partiu a 5 de agosto.

Na noite de 7 de agosto, K (em Ojai), Jinarajadasa (na Índia), George e Wedgwood receberam todos a quarta Iniciação, ou Iniciação de Arhat, elevando-os ao mesmo nível espiritual da senhora Besant e de Leadbeater. E, duas noites depois, George «transmitiu» os nomes de dez dos doze apóstolos que o Senhor escolheria quando viesse; eram eles: a senhora Besant, Leadbeater, Jinarajadasa, George, Wedgwood, Rukmini, Nitya, Lady Emily, Rajagopal e Oscar Kollerstrom (um jovem norueguês, antigo aluno de Leadbeater e agora sacerdote em Huizen). Os últimos dois apóstolos ainda não tinham sido escolhidos.

O grupo de Huizen instalou-se no campo em 10 de agosto e, na manhã seguinte, na primeira reunião, a senhora Besant anunciou alguns dos nomes dos apóstolos. (Tudo isto foi publicado na edição seguinte de *The Herald*.) A senhora Besant anunciou depois que seria fundada uma Religião Mundial e uma Universidade Mundial, da qual ela própria seria Reitora, Arundale Diretor e Wedgwood Diretor de Estudos. Os diplomas seriam confirmados em nome do Mestre. No dia seguinte, Arundale, num longo discurso, desenvolveu as funções da Universidade Mundial.

Rukmini recebeu a terceira e a quarta Iniciação na noite de 12 de agosto e Shiva Rao e a minha mãe a segunda. Quando Leadbeater soube

pela senhora Besant de todos estes acontecimentos, que nunca viria a confirmar, ficou «visivelmente perturbado», segundo Ernest Wood, seu secretário em Adyar, e disse: «Oh, espero que ela não destrua a Sociedade.»

O campo encerrou a 14 de agosto e o grupo de Huizen regressou para lá. George repetia durante todo o dia, segundo o diário da minha mãe: «Sei que aconteceu mais alguma coisa, mas parece impossível!» Mas acontecera de facto, segundo George, porque, na manhã seguinte, a senhora Besant chamou a minha mãe, Esther Bright, Rukmini e Shiva Rao ao quarto e contou-lhes, muito timidamente, que ela própria, Leadbeater, Krishna, Jinarajadasa, George, Wedgwood e Oscar tinham todos recebido a quinta e última Iniciação na noite de 13 de agosto, embora isso não devesse alterar a maneira como eram tratados. (Mais tarde, Rukmini contou à minha mãe que ela própria também recebera a quinta Iniciação ao mesmo tempo que os outros.)

A minha mãe, Miss Bright e Shiva Rao partiram para Inglaterra nessa noite, levando um telegrama para enviar a K: «Saudações de quatro irmãos.» Presumia-se que K teria sabido no plano astral da passagem dessa Iniciação final.

A minha mãe escrevera a K, de Huizen, uma carta muito longa para lhe contar tudo o que ali acontecera e recebera um cabo dele enquanto estava no campo dizendo: «C.W.L. confirma honras?» Ela respondeu por cabo: «Amma transmite tudo pessoalmente, confia nela implicitamente.» Este cabo era certamente ambíguo, porque, embora fosse a senhora Besant a anunciar os avanços e os nomes dos apóstolos, era George quem os «transmitia».

Quando a minha mãe chegou a Londres encontrou uma carta muito infeliz de K, datada de 21 de agosto, citando a troca de cabos e comentando depois: «Acham que desconfio dela, mãe, "confia nela implicitamente"? O que pensam que eu sou, mãe? Tudo isto é bastante espantoso, mas suponho que tens razão e eu estou errado. Pensei que as honras estavam a ser distribuídas por George ou pelo bispo Wedgwood [sic] e por isso enviei aquele cabo. Mas peço desculpa. "Confia nela implicitamente." Pois, pois — é assim. Amma sabe do teu telegrama e da minha resposta? Porque, se

não sabe, peço-te que não lhe digas nada, não que ela pensasse que eu não confiava nela, mas tudo isto parece tão desagradável. Se ela sabe, tenho de explicar, porque não quero qualquer mal-entendido. Desculpa, mãe, por isto. Suponho que estou a exagerar, mas, como todas as coisas, passará. Devem estar a divertir-se muito por aí — embora toda esta pieguice sentimental me cause dor. Bem, chacun son soif.» [12]

Outra carta muito longa de K, de 18 de setembro, descrevia de forma angustiante o estado de Nitya, que sofrera duas graves hemorragias. No decurso da carta, dizia que Rosalind alimentava Nitya através de um tubo de vidro e que ela era «um ás». Durante a segunda hemorragia, ele quase morreu.

Quando a senhora Besant insistiu para que K confirmasse todos os acontecimentos na Holanda, ele conseguiu responder evasivamente que não se lembrava de nada; estivera demasiado cansado a cuidar de Nitya. Encontrava-se numa situação terrível: não podia repudiar nenhum daqueles acontecimentos sem repudiar a própria senhora Besant, que os proclamava publicamente. RS comenta (p. 76) que era «da máxima importância para ele [K] não ofender» a senhora Besant. Não se tratava de «ofender», mas de magoar alguém que amava profundamente.

A senhora Besant insistia agora para que K viajasse com ela até Adyar para a Convenção do Jubileu, em dezembro. Ele não queria ir; detestava deixar Nitya, mas acabou por concordar, relutantemente, quando ficou decidido que Mme de Manziarly, que se encontrava na Índia, viria cuidar de Nitya com a ajuda de Rama Rao enquanto ele estivesse ausente. Rosalind, segundo a filha, acusa K (p. 76) de ter feito este arranjo nas suas costas. Isso teria sido difícil, já que tudo teve de ser tratado por cabo; Rajagopal e o próprio Nitya certamente sabiam, e Rosalind dificilmente poderia ignorá-lo, sobretudo quando, segundo afirmava, tratava de Nitya «dia e noite», embora K escrevesse à senhora Besant dizendo que Rosalind cuidava dele durante o dia, enquanto ele e Rama Rao «faziam o turno da noite», e que, como Nitya não podia sair da cama, era ele, K, quem «tratava de todas as suas necessidades físicas».

RS afirma também que Rajagopal, que viajaria com K, ficou «surpreendido com a insistência de Krishna em que Rosalind deixasse Nitya e os acompanhasse». Como já disse, RS não conhece o clima da Teosofia de Leadbeater, pelo que não consegue compreender o fantasma da «oportunidade perdida». K e Nitya tinham ambos receado, em Sydney, que, ao afastarem Rosalind de Leadbeater para cuidar de Nitya, a estivessem a privar da oportunidade de progresso espiritual. Leadbeater tranquilizara-os, segundo o diário da minha mãe, dizendo: «O próximo passo [Iniciação] é, de qualquer forma, um passo muito importante — mas lembrem-se de que, se ela for com eles e ajudar Nitya, também os estará a servir.»

Agora, na Convenção do Jubileu, onde Leadbeater estaria presente, assumia-se que haveria muitos progressos genuínos no Caminho, anunciados pelo próprio Leadbeater. Nitya, como sabemos, continuava a acreditar de todo o coração na vida oculta e parece mais do que provável que fosse ele, tanto quanto K — se não mais — quem insistia para que Rosalind não perdesse essa grande oportunidade ficando com ele. Chegara mesmo a dizer-me que, quando eu recebesse a minha primeira Iniciação, ele seria o homem mais feliz do mundo; quanto mais não sentiria isso por Rosalind, por quem tinha um amor tão profundo e altruísta. Uma das suas maiores tristezas relativamente à doença era o sentimento de fracasso por se sentir tão inútil. A presença de Rosalind dificilmente lhe traria conforto se sentisse que a estava a privar da Iniciação.

RS escreve que Rosalind nunca aderiu aos aspetos ocultistas da Teosofia. Tinha reservas relativamente a K no que dizia respeito ao seu papel como veículo; «nem negara nem aceitara» a crença nos Mestres, «limitando-se a observar, sem se sentir envolvida intelectual ou espiritualmente». Por outras palavras, mantinha-se prudentemente em cima do muro. Muitos de nós perguntámo-nos como pudemos acreditar em todas aquelas coisas que Leadbeater nos dizia, mas não temos vergonha de admitir que outrora acreditámos nelas. Sugiro novamente que, se Rosalind não acreditava, estava a enganar Nitya e que, quando ele fez com que ela e Rajagopal prometessem, antes de deixarem Ojai, como afirmam ter feito, que permaneceriam sempre ao lado de K quaisquer que fossem as dificuldades, foi uma promessa que ela não tinha o direito de fazer.

A ideia de que Nitya pudesse morrer enquanto eles estivessem ausentes nunca ocorrera a K como possibilidade. Se isso lhe tivesse passado pela cabeça, nunca o teria deixado. O Mahachohan assegurara-lhe que ele viveria e recuperaria. Nesta altura, os irmãos estavam mais próximos um do outro do que alguma vez tinham estado. Isso torna-se evidente nas cartas de K para Nitya em 1925 (hoje nos arquivos de Ojai). Na primeira carta de K para Nitya, escrita no comboio em 11 de outubro, a caminho de Chicago, onde tinham de mudar de comboio para seguir para Nova Iorque, escreveu: «Querido Nitya, estive todo o tempo contigo e tive vontade de saltar deste maldito comboio e regressar para junto de ti, mas…! Tens de ficar bom, e depressa, como sei que acontecerá, e entretanto não te deixes abater.

Agora tu e eu somos um só e tivemos de passar por este sofrimento para o saber, e valeu a pena. Querido Nitya, creio que nunca soubemos o que o amor significa e agora que nós os dois o provámos, mantenhamo-lo vivo. Tens de recuperar, e isso é a primeira coisa que importa, e tudo o resto tem de ser posto de lado por causa disso. Nunca soube o que significava deixar-te, mas agora sei. Estás comigo o tempo todo.»

K escreveu duas longas cartas a Nitya do Hotel Gotham, em Nova Iorque, e do S.S. *Paris*, a caminho de Inglaterra, e quase todos os dias de Londres, onde ficaram mais de uma semana em West Side House, Wimbledon.

A 23 de outubro, K, acompanhado por Rajagopal e Rosalind, chegou a Plymouth, onde a minha mãe os recebeu. Embora ela tivesse sabido por K quão infeliz ele estava por causa dos acontecimentos de Huizen-Ommen, «não estava preparada para a avalanche de sarcasmo» que lhe caiu em cima da parte dos três. Ficou particularmente surpreendida com a mudança radical de Rajagopal, pois ele participara na primeira histeria. Depois de uma longa conversa a sós com K, percebeu até que ponto ele estava profundamente infeliz: algo infinitamente precioso e sagrado fora transformado em algo feio, ridículo, barato e vulgar.

RS cita então uma história segundo a qual, porque K não queria contar pessoalmente à senhora Besant a sua descrença, «enviou o professor

Marcault, um funcionário da Universidade Mundial, para lhe dar a notícia, enquanto ele, Krishna, permanecia no carro à porta da residência londrina da senhora Besant. Marcault contou-lho da forma mais simples possível e partiu, deixando-a mortalmente pálida e profundamente chocada. Durante algum tempo ela ficou fisicamente doente e, depois disso, começou a mostrar sinais de envelhecimento rápido.»

Não há qualquer verdade nesta história, como demonstram as cartas de K para Nitya. Durante todo o tempo em que esteve em Londres, K ficou em West Side House, e a senhora Besant também ali se hospedou quando não estava em viagem. Chegou ali com Rajagopal às 11h15 da manhã, encontrando apenas Miss Dodge e Lady De La Warr, que ficou encantado por rever. A senhora Besant só chegou à meia-noite com Wedgwood e foi imediatamente deitar-se. K tomou o pequeno-almoço com a senhora Besant e Wedgwood cedo na manhã seguinte, mas sem qualquer conversa, e logo depois ela e Wedgwood partiram para Cardiff para assistir a uma conferência da T.S. do País de Gales. K acompanhou-os à estação, onde se reunira muita gente. «Sinto-me tão deslocado com todos eles.

Oscar [Kollerstrom] estava na estação e engordou quase duas arrobas num mês. É realmente uma visão impressionante. Horrível. Oh! Deus, que multidão. Sinto-me tão deslocado com todos eles e com as suas frases pomposas e o facto de se chamarem sabe Deus o quê. Sabes, querido Nitya, nós os dois e alguns outros devemos pertencer a outro mundo de pensamento e ter mentes e emoções diferentes.»

Depois da partida da senhora Besant, K foi ao alfaiate e depois almoçou com Rajagopal e Shiva Rao na casa da senhora Douglas-Hamilton, amiga da senhora Besant, em Buckingham Street, Westminster (a chamada «residência londrina» da senhora Besant), onde ela costumava ficar, embora não desta vez, enquanto K estava em Wimbledon. «Depois do almoço, Lady Emily, Rosalind, Rajago e eu viemos para Wimbledon. Rosalind está muito feliz. Voltarei a escrever amanhã. Boa noite, meu queridíssimo.»

No dia 26, K foi encontrar-se com a senhora Besant, que vinha de Cardiff, em Paddington, e regressaram a Wimbledon, mas não tiveram

qualquer conversa porque estavam acompanhados por outras pessoas. Na manhã seguinte, bem cedo, ela partiu para Leeds e K acompanhou-a sozinho até à estação. «Ela é muito simpática. Falou um pouco sobre George [ele e Rukmini tinham ido para Varsóvia] e disse que ele mudara muito e que um grande poder se manifestava através dele. Sobre Wedgwood [sic], disse que ele mudara e não acrescentou mais nada. Quanto a Oscar, disse que era muito obstinado e não aceitava conselhos de ninguém. Falou um pouco de ti e sabes como é difícil ouvi-la? Fala tão baixinho que detestas pedir-lhe que repita. Tem a certeza de tudo, mas a nossa conversa foi interrompida muitas vezes e terminou depressa. Disse que queria falar comigo e não sei quando isso acontecerá.»

No dia seguinte, agradeceu a Nitya o cabo que recebera: «Estou tão feliz e aliviado por a dor quase ter desaparecido e por te sentires melhor. Estás sempre comigo.» K passou a maior parte do tempo em Wimbledon a discutir os planos futuros para o Castelo de Eerde com os administradores holandeses do Trust de Eerde, que tinham vindo a Inglaterra para falar com ele.

A 29 de outubro, ainda em Wimbledon, começou a carta dizendo: «Tenho pensado tanto em ti, meu querido, e vais comigo para onde quer que eu vá e em tudo o que faço estás lá também. [...] Um grande grupo vai para Nápoles apanhar o *Ormuz* e, no caminho, vamos ficar em Roma, no Hotel Bristol, durante uns dias [os Arundale juntaram-se-lhes em Roma]. Como eu desejava que nós os dois estivéssemos juntos; bem, não importa, o nosso dia chegará em toda a sua glória. Boa noite, meu Nitya. Boa noite, meu querido. Que Deus e os Mestres te abençoem.»

Escreveu todos os dias de Roma, mas as cartas desapareceram até 8 de novembro: «Meu Deus, querido Nitya, temos de vir juntos a Roma; é maravilhoso e temos de ficar aqui algum tempo. Esse dia chegará. Tenho pensado tanto em ti e, Nitya, tens de recuperar depressa — e vais recuperar. Tive uma longa conversa com Amma esta manhã; escrever-te-ei longamente sobre isso no barco.»

K escreveu a última carta a Nitya em 9 de novembro: «Acabámos de passar o estreito de Messina, conseguimos ver o Etna e talvez Taormina

[onde tinham estado juntos duas vezes]. Gostava que estivéssemos lá, tu e eu. Meu Nitya, tens de recuperar, e vais recuperar, e sairemos desta floresta escura para céus claros e ar puro. Já sinto que nos aproximamos dos espaços abertos com ventos limpos, porque nos amamos. Como um pesadelo será o passado, como um sonho feliz será o futuro. A longa conversa que tive com Amma ontem esclareceu-me bastante, não que ela tenha dito algo de especial. Disse que a minha atitude era errada e que eu estava a influenciar os mais novos. Concordei que precisava de recuperar o meu interesse em tudo o que dizia respeito aos Mestres. Não acreditava eu nas minhas próprias experiências da realidade deles? Disse-lhe que não era apenas isso, mas que eu estava completamente esgotado, incapaz de ver as coisas claramente. Já não acreditava que o meu corpo fosse ser utilizado?!! Respondi que nunca pensara nisso, exceto de uma forma negativa. Ela disse que eu devia usar a razão e ser criticamente sensato e que devia tentar compreender Wedgwood, e que ele era tão orgulhoso e tímido como eu. Por fim, disse que eu precisava de um descanso completo e não devia esforçar-me. Está tudo bem, querido Nitya; tudo acabará por correr bem.

A minha cabeça e a coluna têm-me incomodado, mais…!» George, Shiva Rao, Rosalind e ele tinham estado a jogar bridge. «George continua mais ou menos o mesmo; não o ouvi falar de nada sério. A mulher dele é bastante simpática. Estás comigo o tempo todo, meu Nitya, e eu contigo. Deus te abençoe. Oh, Nitya, recupera depressa. Que os Mestres te abençoem. Amo-te. Amanhã estaremos em Port Said, onde enviarei esta carta.»

Foi em Port Said, no dia 11, que chegou o telegrama anunciando a morte de Nitya.

DOZE

Segundo Shiva Rao, que partilhava uma cabine com K e Rajagopal, a notícia «destruiu completamente K; mais ainda — toda a sua filosofia de vida, a fé implícita no futuro tal como fora delineado pela senhora Besant e pelo senhor Leadbeater, o papel vital de Nitya nesse futuro, tudo pareceu ruir naquele instante».

Os dez dias seguintes foram agonizantes para ele e para aqueles que tiveram de o observar. «À noite soluçava, gemia e chamava por Nitya, por vezes na sua língua natal, o telugu, que na consciência desperta não conseguia falar. Dia após dia observámo-lo, de coração partido, desiludido. Dia após dia parecia mudar, recompondo-se num esforço para enfrentar a vida, mas sem Nitya. Estava a atravessar uma revolução interior, encontrando uma nova força.»

Quando o navio chegou a Colombo, já escrevera um texto belíssimo sobre Nitya, mais tarde publicado em *The Herald*, exprimindo a convicção de que ele e Nitya eram agora um só e nunca poderiam ser separados. Quando Mar e Yo de Manziarly, que tinham permanecido em Adyar durante todo o ano, o encontraram com o seu grupo na estação de Madras, a 25 de novembro, Mar recordou que o rosto de K estava radiante; não havia nele qualquer sombra do que sofrera. A morte de Nitya fora também um choque terrível para a senhora Besant, e só podemos imaginar o que Rosalind terá sentido, enquanto os dois bispos declaravam que Nitya morrera porque K não reconhecera as revelações deles.

RS prefere acreditar que a perda das suas ilusões significou mais para K do que a perda do irmão. Ninguém que tenha lido as cartas de K para Nitya depois de o deixar em Ojai poderia sugerir tal coisa. Se queria continuar com o papel que sentia ser impelido a desempenhar por alguma força interior nas profundezas do seu ser, teria agora de confiar em si próprio e no seu contacto pessoal, que permanecia intacto, com o Senhor Maitreya. A morte de Nitya deu-lhe a força necessária para romper com a Teosofia e os seus dirigentes, embora nunca tenha deixado de amar pessoalmente a senhora Besant.

Leadbeater, com um grupo de setenta pessoas, incluindo Helen, Ruth, Betty e eu, encontrava-se então a caminho de Sydney. Leadbeater soube da morte de Nitya enquanto estávamos em terra, em Melbourne. Anunciou-a bastante alegremente a todos nós no salão onde falava: «É apenas humano que fiquemos tristes com a morte de alguém que amamos, mas estamos a tentar ser sobre-humanos!» Quando regressei ao navio encontrei um telegrama dirigido a mim, informando da morte de Nitya e assinado: «Com amor, Mother Krishna».

K era a única pessoa, além de Betty, que conhecia a minha paixão por Nitya e fiquei profundamente tocada por ele se lembrar de mim num momento daqueles.

Um grupo vindo de Adyar, incluindo K, a senhora Besant e a minha mãe, foi receber-nos a Colombo em dezembro. A saudação de Leadbeater a K foi: «Ao menos és um Arhat.» (RS faz várias alusões ao facto de K se ter voltado contra Leadbeater. Em 1928 ainda estavam em pleno acordo e Leadbeater continuava muito reverente para com ele. Só depois da rutura de K com a OSE em 1929 é que Leadbeater se voltou contra K, e não o contrário. RS afirma na p. 64 que, por vezes, K exprimia horror «ao simples mencionar do nome de Leadbeater». Isso só aconteceu depois de 1982, quando soube das práticas homossexuais de Leadbeater em The Manor, reveladas por Dick Clarke no livro de Gregory Tillett, *The Elder Brother*.)

K foi extraordinariamente carinhoso comigo, sentando-se ao meu lado durante a travessia para a Índia e falando sobre Nitya. Disse-me que ele e Nitya eram agora um só, e eu não tive dificuldade em acreditar nisso. Parecia muito mais suave, tão diferente do que fora quando, na viagem para Sydney, eu lhe dissera que queria suicidar-me por me manterem afastada de Nitya e ele simplesmente me respondera para não ser «uma maldita tola». Mas provavelmente eu também mudara, porque descobrira por mim mesma quão egoísta fora o meu amor por Nitya, quão difíceis os meus sentimentos intensamente sensuais — aos quais a natureza essencial dele respondera — tinham tornado as coisas para ele na sua vida celibatária antinatural.

Em Adyar, todas as raparigas, incluindo Rosalind, ficaram com a minha mãe na mesma casa junto ao rio do ano anterior, enquanto K permanecia no grande quarto que fora dele e de Nitya no topo do edifício da Sede. Segundo RS (p. 80), Rosalind sofria de urticária e ficou tocada pelo grande cuidado e bondade que K demonstrava ao mantê-la perto de si durante o dia, assumindo que isso acontecia por causa dela. Contudo, um dia Helen aproximou-se e disse-lhe quão importante era para K estar perto dela, Rosalind, «por causa da proximidade dela com Nitya».

RS, porém, oferece outra explicação para isso — agora que Nitya já não se interpunha entre ele e Rosalind, K podia permitir-se amá-la: «Krishna não hesitara, afinal, em insistir em levar Rosalind para a Índia e privar o irmão gravemente doente do consolo dos seus cuidados.» (Já abordámos isso.) Esta sugestão de que K estava apaixonado por Rosalind surge novamente no parágrafo seguinte de RS: certa noite, Rosalind e Rajagopal tinham subido ao terraço acima do quarto de K, onde conversavam e riam, quando K apareceu subitamente e perguntou irritado a Rajagopal o que estavam ali a fazer, implicando que K tinha ciúmes da crescente intimidade entre Rajagopal e Rosalind.

Helen, contudo, que estava com K na altura, garantiu-me que K ficou genuinamente magoado por eles conseguirem rir daquela maneira tão pouco tempo depois da morte de Nitya. Na verdade, K continuava apaixonado por Helen, que passava sozinha com ele todas as tardes.

Foi na manhã do primeiro dia do Congresso da OSE em Adyar, após a Convenção da TS, em 28 de dezembro de 1925, que todos aqueles que acreditavam em K como o «veículo» testemunharam a mudança súbita que se operou na sua aparência e na sua voz, quando, no final do discurso, passou repentinamente da terceira para a primeira pessoa. Arundale e Wedgwood pensaram que ele estava apenas a citar as Escrituras, mas a senhora Besant e Leadbeater tinham a certeza de que o Senhor falara através dele durante alguns momentos, pela primeira vez. Até Rosalind notou «o extraordinário poder magnético que ele parecia exercer sobre o auditório».

RS escreve que, por enquanto, K aceitava a sua posição, embora o momento estivesse prestes a chegar em que ser apenas um veículo deixaria de ser «de modo algum suficiente» para ele. Este é o início da tentativa dos Rajagopal de negar qualquer conteúdo místico à vida de K, acreditando que o próprio Rajagopal poderia ter desempenhado o papel de K com igual competência, ignorando totalmente a singularidade do ensinamento de K na tentativa de denegrir o seu carácter e reduzi-lo ao seu próprio nível mundano. RS mantém o resto do livro neste plano, sem demonstrar o

mínimo interesse — quanto mais compreensão — pela estranha e inexplicável vida interior de K.

A pobre senhora Besant tentava, sem sucesso, reconciliar as diferentes fações em Adyar.[13] Fez um derradeiro esforço quando reuniu K, Leadbeater, Arundale e Wedgwood na sua sala de visitas e perguntou a K se os aceitaria como seus apóstolos. Ele respondeu que não aceitaria nenhum deles, talvez com exceção da própria senhora Besant.

No final de janeiro de 1926, o grupo reunido em Adyar dispersou-se. Helen e Ruth regressaram a Sydney com Leadbeater, que levou também os Arundale consigo para «meter algum juízo» em George, como disse. (Os Arundale permaneceriam na Austrália durante dois anos e nunca mais ouvimos falar de George como bispo.)

A senhora Besant pedira a Rajagopal que assumisse o trabalho de Nitya como Secretário Organizador da OSE, mas nunca o teria feito sem o acordo de K. RS afirma (p. 85) que, muito mais tarde, K alegaria incorretamente ter pedido ajuda a Rajagopal. Rajagopal não parece ter precisado que ninguém lhe pedisse nada; simplesmente ocupou o lugar de Nitya porque se encontrava ali. E o que teria feito de outro modo? Considerar isso «um encargo sagrado» colocado sobre si pela senhora Besant, como sustentava, era bastante ridículo. Não queria separar-se nem de K nem de Rosalind.

Segundo o livro dos Sloss, Rosalind viajava então com a minha mãe, Betty e comigo pela Índia, «ficando em residências luxuosas, como a do irmão de Lady Emily, Lord Lytton, Governador de Bengala». Não havia quaisquer «residências luxuosas», à exceção da Government House, em Calcutá. Fomos de Adyar para Calcutá durante uma semana e daí seguimos diretamente para Bombaim para nos encontrarmos com o meu pai e regressarmos de imediato com ele a Inglaterra.

Comicamente, quando a senhora Besant, K, Rajagopal e Rosalind regressaram mais tarde a Inglaterra, foi dada à senhora Besant uma cabine de luxo com casa de banho privativa no mais recente navio da companhia P & O, cabine essa que Rosalind partilhava, enquanto a minha mãe, Betty e

eu tínhamos partilhado uma miserável cabine minúscula, cheia de formigas, no navio mais antigo da frota.

TREZE

Foi organizado, para julho de 1926, um encontro de duas semanas no Castelo de Eerde destinado aos amigos especialmente convidados de K, antes do Campo Star em Ommen, ambos magistralmente organizados por Rajagopal, que parecia finalmente ter encontrado a sua vocação; contudo, tornou-se imediatamente evidente que um pouco de autoridade (infelizmente não pouco tempo) o transformara num tirano. Repreendia-nos e dava-nos ordens constantemente. Todos nós, que tínhamos estado em Ehrwald e Pergine, sentíamos profundamente a falta da gentileza e da doçura de Nitya, bem como das qualidades encantadoras que o próprio Rajagopal demonstrara durante essas férias. Ficávamos particularmente perturbados ao ver que frequentemente também intimidava K.

Cerca de trinta e cinco pessoas de diferentes nacionalidades e idades participaram nesse encontro, extremamente harmonioso e realizado com um tempo magnífico (todos pagávamos uma quantia bastante pequena pela estadia). O ponto alto do dia era uma palestra de uma hora dada todas as manhãs por K, sentado de pernas cruzadas num sofá da sala de visitas, sob uma das quatro tapeçarias Gobelin (o Barão deixara todos os seus belos móveis no Castelo). Ficámos surpreendidos ao descobrir quantas pessoas K conhecia das suas primeiras viagens e de quem nunca tínhamos ouvido falar. Entre os já mencionados nestas páginas, estavam presentes Mar de Manziarly, a minha mãe, Betty e eu, Rajagopal, Rosalind, John Cordes, Philip van Pallandt e John Ingleman.

Depois do regresso de Helen a Sydney em janeiro de 1926, ela e K afastaram-se gradualmente. No início da década de trinta, Helen começou a viver com Scott Nearing, muitos anos mais velho do que ela; esperaram para casar até 1947, quando a mulher dele morreu, e viveram felizes e realizados durante toda a longa vida em comum (ele viveu até aos cem anos).[14]

Por causa da convicção de Rosalind de que K estivera apaixonado por ela durante vários anos antes de se tornarem amantes, sinto agora que devo voltar a incluir-me nesta história. K e eu tornámo-nos muito próximos durante este primeiro encontro em Eerde. Acreditando, como acreditava, que ele e Nitya eram agora um só, achei muito fácil transferir todo o meu amor para ele, embora fosse um amor completamente diferente — um amor que agora sentia que deveria ter dado a Nitya, se não tivesse sido tão imatura. K dizia-me que hoje em dia só era feliz comigo e com Nitya e que nós os três estávamos sempre juntos. Quando o resto do grupo entrou no Campo, pediu-me que permanecesse com ele no Castelo, onde a senhora Besant, que estivera em Huizen, e Wedgwood também ficariam hospedados. Rajagopal e Rosalind permaneceram igualmente no Castelo durante o Campo e Rosalind ajudava por vezes K a relaxar nessa altura em que ele tinha de proferir tantas palestras no Campo.

RS escreve que K sofria ocasionais recaídas ligeiras do «processo» e, tal como anteriormente em Ojai, «agarrava-se a ela [Rosalind] como uma criança pequena e ela, com a sua ingenuidade característica, não percebia nesse contacto nada além da necessidade de ser tratado maternalmente». Haveria realmente algo além dessa necessidade?

Íamos todos diariamente ao Campo e ficávamos para a fogueira à noite, numa clareira do pinhal, fogueira essa que K acendia antes de proferir um discurso, enquanto todos nós nos sentávamos em bancos toscos feitos de troncos de pinheiro. Ele e Rajagopal, ambos vestidos à indiana, costumavam entoar cânticos depois das palestras. Na terceira noite da fogueira, K fez um discurso particularmente extraordinário, tendo muitos dos presentes sentido que era o Senhor quem falava através dele. Durante o discurso, viu-se Wedgwood inclinar-se para a senhora Besant, que estava sentada ao seu lado, e sussurrar-lhe qualquer coisa ao ouvido. No instante em que o discurso terminou, ela pediu a Rajagopal que levasse K de automóvel consigo para o Castelo.

Uma vez lá chegados, entrou no quarto de K e, quando saiu, Rajagopal entrou e encontrou-o sentado na cama, com um ar aturdido. A senhora Besant dissera-lhe que fora um grande mago negro, que ela conhecia bem, e não o Senhor, quem falara através dele. K respondera que,

se ela acreditava nisso, nunca mais voltaria a falar em público. Fora, evidentemente, Wedgwood quem lhe sussurrara o nome do mago negro. Quando Rajagopal saiu do quarto, K chamou-me e contou-me a mesma história. Depois acrescentou, numa voz cheia de profunda compaixão: «Pobre Amma, está a perder a razão.» (K chamava sempre «Amma» à senhora Besant quando falava dela aos amigos, mas em público referia-se a ela como «Dr. Besant», o que lhe agradava.

Em 1921 recebera um doutoramento honorário da Universidade Hindu de Benares, uma vez que o Central Hindu College passara entretanto a integrar essa universidade.) Nunca mais ela voltou a mencionar o mago negro, embora Wedgwood e Arundale considerassem conveniente afirmar que eram «os negros» que falavam através dele sempre que K dizia algo de que não gostavam.

Víamos K todos os dias em Londres antes da sua partida para a América e tenho uma nota no meu diário: «Os incidentes daqueles dias não posso escrevê-los; são demasiado preciosos.» Foi depois disso que K começou a escrever-me maravilhosas cartas de amor, às quais eu passava grande parte do tempo a responder. Pediu-me que fosse para Ojai e eu chegara mesmo a reservar a viagem para Nova Iorque (tinha £900 deixadas por uma tia), quando o meu pai me proibiu de ir.

A senhora Besant encontrava-se agora tão angustiada por lealdades contraditórias que ponderou seriamente abandonar a presidência da TS para seguir K. No meio do dilema, consultou Leadbeater, que lhe escreveu desencorajando-a de tomar tal decisão, dizendo que isso não estava de acordo com as ordens do seu Mestre. Mas, antes de receber a carta dele, tomara a decisão repentina de partir com K para a América no final do verão, em vez de regressar à Índia. Não visitava a América desde 1909 e foi rapidamente organizada para ela uma tournée de conferências a mil dólares por palestra.

A senhora Besant, K, Rajagopal e Rosalind chegaram a Nova Iorque em 26 de agosto de 1926 e foram recebidos a bordo por uma multidão de jornalistas. Ficaram hospedados no Hotel Waldorf, onde, no dia seguinte, K foi entrevistado sozinho por quarenta repórteres. O *New York Times*

noticiou que muitos dos entrevistadores «tentaram apanhá-lo com perguntas habilmente formuladas; ele evitou todas essas armadilhas com grande destreza e conquistou-lhes a admiração». O mesmo jornal noticiou também, alguns dias mais tarde, que «Krishnamurti era raramente visto em público, mas quando o era aparecia geralmente na companhia de Rosalind Williams, uma mulher loira que fazia parte do grupo», acrescentando rapidamente que isso não significava que «Krishnamurti tivesse qualquer interesse real pelo sexo oposto». Mais tarde, apareceu nos jornais o rumor de que estava noivo de Helen Knothe, boato que os pais de Helen nem confirmaram nem desmentiram. O próprio K, porém, negou-o energicamente. Naturalmente, sempre que era visto com alguma mulher, esses rumores surgiam imediatamente.

Neste ponto, o livro dos Sloss informa-nos (p. 88) de que Rajagopal e Rosalind, com a bênção da senhora Besant, estavam prestes a anunciar o noivado, mas quando a senhora Besant soube que mulheres americanas que casassem com orientais perderiam a cidadania, ficou tão indignada que lhes pediu que rompessem o compromisso, o que fizeram. Rajagopal deve ter ficado profundamente desapontado, pois estava certamente apaixonado por Rosalind, embora isso não parecesse importar-lhe muito a ela. Tinham passado três anos desde que K declarara, ao saber do noivado de Mar de Manziarly, que ela mais valia ter cometido suicídio, e nessa altura ele mudara bastante a sua atitude em relação ao casamento. (O noivado de Mar foi desfeito, mas não por causa dele.)

Só em 3 de outubro K teve a grande alegria de levar a senhora Besant pela primeira vez a Ojai. Rajagopal e Rosalind também lá estavam. K dormia no chalé (Pine Cottage), como faria no futuro, enquanto os outros ficavam em Arya Vihara, onde todos faziam as refeições. Certa noite, K disse aos três que sentia agora a sua consciência fundida com aquilo a que chamava «o bem-amado», algo diferente do Senhor Maitreya. A senhora Besant ficou profundamente intrigada e Rajagopal também ficou completamente incapaz de compreender, pois as suas ideias permaneciam firmemente enraizadas na Teosofia de Leadbeater. RS, com idêntica falta de compreensão, comenta caracteristicamente (p. 88): «Esta distinção era naturalmente de grande importância para Krishna. Ser "uma só chama"

com o Senhor é preferível a ser apenas um veículo disponível, mesmo que o resultado parecesse o mesmo para os seus auditórios arrebatados.»

Na verdade, grandes mudanças estavam a ocorrer em K, sem dúvida resultantes de todos os anos do «processo». O seu ensinamento posterior não derivava do intelecto, mas daquilo a que se poderia chamar revelação. Tornou-se aquilo que tinha de se tornar no plano que realmente lhe importava. Os Rajagopal nunca compreenderiam isso.

Devido a um doloroso inchaço no peito, o doutor Strong, em Hollywood, proibiu K de ir à Índia nesse inverno, como planeava fazer com a senhora Besant em novembro. A senhora Besant decidiu permanecer com ele em Ojai e ele escreveu à minha mãe em 22 de outubro contando-lhe isso e perguntando se ela, Betty e eu iríamos para Ojai para estar com ele. «Ainda não perguntei à Amma se estará tudo bem, mas tenho a certeza de que estará. Sabes o que quero dizer, jornais e mexericos. Mas, querida mãe, convido-te seriamente (!!) para Ojai. [...] Venham, se puderem. Eu pagarei tudo.» Perguntamo-nos com que dinheiro teria pago, se a minha mãe lhe tivesse permitido fazê-lo.

Betty acabara de entrar para o Royal College of Music e não queria ir, mas a minha mãe e eu partimos alegremente no final de novembro de 1926. A minha mãe pediu dinheiro emprestado ao banco e esperou até o meu pai partir para a Índia antes de lhe escrever a informar que íamos. Ficámos em Ojai quase cinco meses, exceto por uma breve visita a São Francisco, onde a minha mãe deu duas conferências muito bem remuneradas. RS não faz qualquer menção à nossa visita, embora tivéssemos ficado hospedadas com Rajagopal e Rosalind numa casa atrás de Arya Vihara.

Consigo compreender que Rosalind pudesse ressentir-se da nossa presença. Deve ter-lhe dado muito mais trabalho, pois tenho a certeza de que não ajudávamos em nada na cozinha e também porque, antes da nossa chegada, ela e Rajagopal viviam em Arya Vihara. Espero que existisse pelo menos alguma criada, embora, segundo a minha mãe, a senhora Besant gostasse de pôr a mesa e até ajudasse a fazer a própria cama com ela.

K começara então a escrever poesia; compunha quase um poema por dia enquanto lá estivemos. Em janeiro de 1927 escrevia a Leadbeater

dizendo que «o velho assunto da dor intensa na base da coluna e na nuca» recomeçara e prolongava-se quase todo o dia, e, em 9 de fevereiro, voltaria a escrever-lhe: «Conheço o meu destino e o meu trabalho. Sei, com certeza e conhecimento próprios, que estou a fundir-me na consciência do único Instrutor e que ele me preencherá completamente. [...] Até lá, devo permanecer quieto e com paciente expectativa. Desejo tornar — e tornarei — toda a gente feliz.»

Em fevereiro pediu-me que fosse ter com ele ao Shrine, como Pine Cottage passara então a chamar-se, onde descansava todas as tardes. Quando cheguei, encontrei-o já «ausente». O «corpo» perguntou-me quem eu era e depois disse: «Bem, se és amiga de Krishna e Nitya, suponho que está tudo bem.» No momento em que me sentei ao lado dele na cama, aninhou-se nos meus braços e falou como um menino de quatro anos, exatamente como Helen mo descrevera. Chamava-me «Amma» e parecia ter muito medo de K, como de um irmão mais velho severo, dizendo coisas como: «Cuidado, Krishna está a voltar.» Tenho tanta certeza quanto alguma vez tive de algo na vida de que o K que eu conhecia não estava ali presente e de que nada recordava quando «voltava». A criança não sentia dor, mas tive a sensação de que o corpo estava completamente relaxado. Parecia-me perfeitamente natural que desejasse ser tratado maternalmente, sobretudo tendo sido uma criança tão frágil.

Fui ter com ele todas as tardes daí em diante, até partirmos em abril. Se eu tivesse visto o mais pequeno sinal de ele estar apaixonado pela Rosalind, não teria deixado de o notar e teria certamente ficado com ciúmes. Quando nós próprios estamos apaixonados, tornamo-nos particularmente sensíveis a esse respeito. Eu olhava para ela e para o Rajagopal como um casal de noivos. Supreendo que seja possível que a Rosalind tivesse ciúmes de mim. Lembro-me, de facto, de ela e a minha mãe terem tido uma discussão por causa de algo bastante trivial.

Como a maioria das pessoas, a Sra. Besant tinha-se apaixonado por Ojai e, pouco depois de chegar, tinha lançado um apelo mundial de 200 000 dólares para comprar 420 acres no vale superior, acima de Arya Vihara, onde K queria fundar uma escola, e estava agora a tentar angariar dinheiro para 240 acres na extremidade inferior para formar um centro para o

Instrutor do Mundo e para um acampamento anual como o de Ommen. Ela anunciou no *The Theosophist* e no *The Herald* que estava «a arriscar nesta nova empresa uma reputação baseada em quase cinquenta e três anos de trabalho público» e todo o seu futuro financeiro. Foi constituído ainda um outro fundo chamado *The Happy Valley Foundation* e a maior parte do dinheiro foi subscrita.

RS escreve que a Sra. Besant nunca acreditou totalmente na fusão de consciência; isto não é verdade, pois antes de deixar Ojai em abril ela fez um anúncio à *Associated Press* na América, dizendo em parte: «O Espírito Divino descendeu mais uma vez sobre um homem, Krishnamurti. ...O Instrutor do Mundo está aqui.»

A minha mãe e eu deixámos Ojai relutantemente para regressar a Inglaterra dez dias antes da Sra. Besant, de K, do Rajagopal e da Rosalind. Dois dias após a nossa partida, K escreveu à minha mãe: «Estou a escrever isto no Santuário, logo após o meu assunto de todos os dias.

...A minha cabeça tem estado excecionalmente má e o meu corpo físico tem imensas saudades da Mary, e eu também. Mas é extraordinário como o corpo se consegue habituar a qualquer coisa. No dia em que partiste esteve à beira das lágrimas, mas agora está completamente normal.» K nunca perdeu esta sensação de que ele e o seu corpo eram separados — de que o corpo era algo entregue aos cuidados de alguém para ser tratado. Nunca era «o meu corpo», mas sempre «o corpo». Este é um aspeto de K que RS ignora.

CATORZE

Houve outro encontro de duas semanas em Castle Eerde no verão de 1927, com início a 19 de junho, antes do Acampamento de Ommen. K foi para Eerde com o Rajagopal dez dias antes do início do encontro. Tinha sido combinado que eu iria com eles, mas no último momento a Sra. Besant decretou que eu não devia viajar com eles sem uma acompanhante por causa dos falatórios. Para não nos desapontar, a mim e a K, a minha mãe,

com um desinteresse maravilhoso, foi connosco durante a noite, embora tivesse de regressar a Londres na noite seguinte. Havia agora uma pequena comunidade a viver no Castelo que ajudava o Rajagopal em toda a organização. Um dos grandes celeiros que ladeavam a entrada do Castelo tinha sido transformado em pequenos quartos em dois pisos, de modo que cerca de sessenta pessoas puderam assistir a este segundo encontro, que não foi de modo nenhum tão harmonioso como o primeiro fora. Para intenso desapontamento do Rajagopal, a Rosalind não esteve presente este ano por razões explicadas no livro de Sloss.

A 15 de julho, a minha mãe recebeu uma carta do meu pai a dizer que tinha sabido através de Lord Riddell que a *Central News Agency* estava prestes a publicar um anúncio do meu noivado com K. O meu pai tinha conseguido que este fosse travado com o argumento de que seria difamação dizer que «um homem santo» estava noivo, mas que me queria imediatamente em casa. A minha mãe conseguiu acalmá-lo e eu não fui enviada para casa; inclusive permaneci novamente no Castelo com K quando os outros se mudaram para o Acampamento a 1 de agosto. Nunca dissemos a K nada sobre esta carta. Foi provavelmente alguém em Eerde que filtrou este rumor sobre K e mim para a *Central News Agency*. Com sessenta pessoas alojadas no Castelo, era improvável que a nossa intimidade tivesse passado despercebida.

Tudo o que K disse nas reuniões matinais no Castelo e nas conversas ao redor da fogueira no Acampamento, bem como a reação das pessoas a isso, as suas relações com os líderes da ST e o seu progressivo afastamento da Sociedade, é apresentado em pormenor em *The Years of Awakening* e não necessita de ser aqui repetido. Os comentários de RS no primeiro parágrafo da p. 102 são inteiramente enganadores.

Foi durante este Acampamento de Ommen de 1927 que K proferiu uma palestra que me parece de maior importância do que a sua palestra, tantas vezes citada, de dois anos mais tarde, que dissolveu a Ordem da Estrela (como a OSE se tinha tornado em 1927). Nela, ele respondeu publicamente, pela primeira vez, às perguntas que perturbavam tanta gente: se acreditava ou não nos Mestres e no resto da hierarquia oculta? Explicou também o que entendia por «O Amado» [1].

Estar tão perto de K em Eerde tinha sido como viver num dínamo de tremenda energia psíquica que senti que me poderia quebrar se não me afastasse dela, por isso, assim que o Acampamento terminou, escapei para Londres pelos meus próprios meios. Foi um alívio regressar à paz de receber e responder às cartas de K e ter uma réstia de vida normal com amigos com quem tinha perdido o contacto desde que deixara a escola definitivamente aos catorze anos. Comecei também a escrever um romance.

Após o Acampamento, K foi com o Rajagopal para Villars, na Suíça, e depois para Paris. Voou de regresso a Londres, onde ficou hospedado connosco, para o octogésimo aniversário da Sra. Besant a 1 de outubro, e depois regressou a Eerde. Não esteve presente, portanto, quando, a 3 de outubro, o Rajagopal e a Rosalind se casaram num Registo Civil em Londres, nem na cerimónia religiosa no dia 11 na única Igreja Católica Liberal de Londres, que não estava licenciada para realizar casamentos legais.

A Rosalind sentiu a ausência dele como um sinal da sua desaprovação em relação a ela e ao Rajagopal. Não acredito que tenha havido qualquer desaprovação; acho que ele encarou o casamento com total naturalidade e não compareceu à cerimónia porque se teria sentido deslocado naquilo que é descrito no livro de Sloss (p. 93) como «um grande acontecimento» organizado pela Sra. Besant, com a Rosalind num «vestido de veludo branco». Ele detestava os serviços católicos liberais, e o Bispo Piggott, o Bispo para a Inglaterra, que sem dúvida oficiou, estivera muito envolvido na histeria do «acampamento louco» de 1925.

K estava habituado a que lhe organizassem a vida e provavelmente acreditava que a Sra. Besant tinha promovido o casamento para que, como casal, os Rajagopal pudessem cuidar dele em Ojai com a devida propriedade. Era a isto que a minha mãe se referia quando escreveu que «o Rajagopal era o cordeiro no altar de Krishna», frase citada fora de contexto no livro de Sloss (p. 249). A minha mãe acreditava que o problema do Rajagopal era nunca ter sido suficientemente amado e que a Sra. Besant o tinha sacrificado para conveniência de K.

É uma espécie de mistério a razão pela qual a Rosalind casou com ele. Ele estava certamente profundamente apaixonado por ela, mas nem a sua própria filha afirma que ela nutria por ele mais do que uma grande afeição. Após uma lua de mel em viagem pela Europa para que o Rajagopal fizesse conferências, estabeleceram-se em Arya Vihara, um lar já pronto com todas as necessidades da vida providenciadas para eles, para partilharem tudo o que K possuía, num dos locais mais bonitos do mundo.

1928-1929

O primeiro Acampamento em Ojai realizou-se na primavera de 1928, nos terrenos da extremidade inferior do vale que a Sra. Besant tinha comprado no ano anterior e que incluíam um grande bosque de azinheiras onde K falava. Depois do Acampamento de Ommen desse ano, a minha mãe e eu fomos com K, a sós, para uma vivenda que lhe tinha sido emprestada em St. Moritz, com vista para o lago de Silvaplana. Seriam as últimas férias que passaria com K, pois, embora a nossa troca de cartas de amor continuasse, eu tinha chegado à conclusão de que não podia viver de cartas e que as longas ausências de K eram demasiado difíceis de suportar.

Em abril de 1929, tive de lhe dizer que tinha ficado noiva para casar. Ele escreveu à minha mãe: «Ao início fiquei estranhamente perturbado com tudo isto. ... As minhas ideias e a minha perspetiva não devem interferir no crescimento da Mary. Serão muito poucos os que irão comigo até ao fim do caminho. Espero que ela saia de tudo isto como uma flor em pleno desabrochar.»

Não estive presente, por conseguinte, no Acampamento de Ommen de 1929, quando K dissolveu a Ordem da Estrela, que por essa altura contava com mais de 40 000 membros. Declarou que não queria seguidores, e falava a sério; pediu às pessoas que encontrassem a verdade por si próprias e não dependessem dele; recusou-se a ser a sua muleta. Devolveu o Castelo ao Barão e todas as terras, exceto 400 acres onde se situava o Acampamento. Conservou também as propriedades de Ojai e da Índia, mas devolveu todas as que se encontravam noutras partes do mundo, principalmente na Austrália, que tinham sido doadas para o seu trabalho.

Os Acampamentos em Ommen e Ojai passaram a ser abertos ao público e as pessoas vinham para ouvir a própria filosofia de Krishnamurti, que lhes dava uma perspetiva de vida inteiramente nova. RS não reconhece a K qualquer ensinamento original ou vida espiritual própria. Se alguma vez leu um livro dele ou ouviu uma palestra, conseguiu ocultá-lo. Na p. 102 escreve como o Rajagopal ficou magoado com a ingratidão de K para com a Sra. Besant e Leadbeater. A verdade era que o Rajagopal continuava a ser um teosofista com uma mentalidade teosófica e sempre o permaneceu, algo que K só veio a descobrir muitos anos mais tarde.

Após o Acampamento de Ommen de 1928, o Rajagopal, de acordo com RS (p. 103), foi com a Rosalind numa digressão de conferências que incluiu Cuba. Tinha planeado dar trinta conferências, mas decidiu, depois de dar apenas dezanove, «que não podia continuar a falar de Krishna como o instrutor do mundo. Ficaria preso entre o compromisso que assumira com a Sra. Besant, juntamente com a promessa que fizera ao Nitya de ajudar o Krishna no seu trabalho, e a sua própria perceção de que o Krishna não era o veículo». O que significa isto?

Porque não pôde o Rajagopal ser honesto com K e dizer-lhe que não acreditava nele? Pelo menos Arundale e Wedgwood não usaram de fingimento quanto ao que sentiam, ao passo que K foi levado a crer que o Rajagopal estava em uníssono com ele. RS confirma-o (p. 104) quando escreve que K «podia agora ter a certeza de que o Raja estava firmemente ao seu lado para construir a organização de que necessitaria para o futuro».

Nunca se pôs em causa que o Rajagopal era um excelente organizador e editor. Apesar de tudo, ele gostava do cargo e em nenhuma outra qualidade poderia ter tido uma autoridade tão completa e incontestada e tantos colaboradores voluntários e comités eficientes para cumprir as suas ordens. Além disso, sem as palestras e os escritos de K não haveria nada para organizar ou editar, um ponto que parece ter escapado a ele, à sua mulher e à sua filha.

Tanto o Rajagopal como a Rosalind alegam ter «sacrificado» as suas vidas a cuidar de K. Quantos não teriam sido felizes ao fazer tal «sacrifício»? Teria a Rosalind sido mais feliz, no final, se tivesse ido para

Radcliffe e feito um casamento convencional em vez de ser atraída, aos dezanove anos, para o círculo mágico de K? O Rajagopal, por outro lado, com a sua inteligência e o seu diploma de Cambridge, poderia muito bem ter subido a grandes alturas no Governo do seu próprio país se se tivesse dedicado à política ou se se tivesse tornado advogado ou professor universitário; também nos é dito por RS que ele foi convidado a permanecer na ST e que poderia ter chegado a Presidente, embora para isso tivesse de esperar até 1953 pelas mortes de Arundale e Jinarajadasa, que se tornaram Presidentes sucessivos após a Sra. Besant. Mas nenhum destes papéis, ou qualquer outro de que se possa pensar, lhe teria dado tanto poder como este «sacrifício» que estava a fazer por K.

Parece ter demorado muito tempo para os Rajagopal descobrirem que K podia ser duas pessoas diferentes. Eu diria que ele não era duas pessoas, mas sim uma dúzia. Mas qualquer que fosse a sua conduta exterior, havia sempre uma subcorrente secreta de sagrado a correr dentro dele. Uma das suas características sempre constantes era o seu sentimento pela beleza natural. Ficava de pé a observar o céu, uma montanha, uma árvore ou as sombras na água durante meia hora ou mais de cada vez, absolutamente imóvel, absolutamente perdido na contemplação.

Muitas pessoas ficaram devastadas com a dissolução da Ordem, incluindo a minha mãe e Lady De La Warr, mas esta última viria a falecer no ano seguinte. (Após a sua morte, a Miss Dodge deixou West Side House, Wimbledon, e foi viver para Hove.) Foi o anúncio de K de que não queria seguidores que tanto afetou a minha mãe. Durante dezoito anos ela esperara por uma palavra dele que dissesse «Segue-me», e teria alegremente abandonado o marido, os filhos e o lar para o fazer. Agora a palavra nunca chegaria e ela sentia-se perdida e sem esperança, um estado em que haveria de permanecer por muitos anos.

1930-1931

Em outubro de 1930, a Rosalind descobriu que ia ter um bebé. RS escreve (p. 109) que ao ouvir a notícia K mostrou o mesmo desagrado de quando ela casou, que quando o Nitya morreu ele tinha assumido que a Rosalind ficaria mais próxima dele, que o casamento dela com o Rajagopal

tinha sido provavelmente um choque que ele «tivera de suportar em isolamento» e que o facto de irem ter um bebé «era, quando muito, uma nova ofensa». Tudo isto é pura suposição. O que parece muito mais provável é que, embora K adorasse crianças, um bebé em casa pudesse ser muito perturbador para o ambiente. Por causa do seu «desagrado», a Rosalind ponderou fazer um aborto e, consequentemente, K foi culpado pela sua gravidez difícil. Ao mesmo tempo, é-nos dito que, ao longo dos primeiros meses de gravidez, «ele a ajudou ternamente». O seu parto foi tão difícil que o médico a aconselhou a não ter mais filhos. Após o nascimento desta criança (Radha), o Rajagopal e a Rosalind deixaram de ter uma relação física. O sexo, ao que parece, nunca tinha funcionado entre eles. K amou a Radha desde o início e estava mais interessado nela e fez mais por ela do que o seu próprio pai, que se tornou cada vez mais distante.

Algures na primavera de 1932, K e a Rosalind, segundo nos é dito, tornaram-se amantes. K não andava à procura de uma relação desse tipo, pois em meados de dezembro de 1931, quando a Rosalind e o bebé tinham ido para Hollywood com o Rajagopal, que tinha de operar as amígdalas, ele escrevia à minha mãe: «O facto de estar assim sozinho deu-me algo de tremendo e é exatamente disso que preciso. A minha mente está tão serena mas concentrada e estou a vigiá-la como um gato a um rato. Estou realmente a desfrutar desta solidão e não consigo exprimir em palavras o que estou a sentir.

Mas também não me estou a enganar a mim próprio. Vou a Arya Vihara [a partir de Pine Cottage, onde dormia] para tomar as minhas refeições e, quando o Rajagopal e a família vierem, passarei a comer aqui numa bandeja. Durante os próximos três meses, ou pelo tempo que eu quiser, vou fazer isto. Nunca poderei estar terminado, mas quero acabar com todas as superfluidades que tenho.» E algumas semanas mais tarde escrevia de novo, após receber uma carta da minha mãe acusando-o de fugir da vida: «Lamento que te sintas assim em relação ao que digo. O êxtase que sinto é o resultado deste mundo. Eu queria compreender, queria conquistar a dor, este sofrimento do desapego e do apego, a morte, a continuidade da vida, tudo por que o homem passa todos os dias. Queria compreendê-lo e conquistá-lo. Consegui.

Portanto, o meu êxtase é real e infinito, não uma fuga. Conheço a saída deste sofrimento incessante e quero ajudar as pessoas a sair do pântano desta dor. Não, isto não é uma fuga.» E no final de março de 1932: «Sinto que isto — o que digo — é a única ajuda, a única saída deste caos e miséria. Não longe, mas na própria vida. ... Estou a tentar incitar tantos quantos posso a viver corretamente e, por Deus, que são poucos, sem dúvida! É tudo muito estranho. Não consigo perder o meu entusiasmo; pelo contrário, é intenso e quero ir e gritar e exortar as pessoas a mudar e a viver felizes.»

De acordo com o que a Rosalind contou à filha (p. 116), K estava particularmente eufórico após a sua primeira palestra no encontro de Ojai naquela primavera de 1932. Ela lembrava-se de que ele «estava cheio de riso e fulgor quando recolheu à sua cabana, mas quando a casa grande mergulhou na escuridão, ele voltou e entrou na cama dela. Não era o conforto para uma criança doente que ele procurava agora».

K deu-me a sua versão de como a ligação começou: o Rajagopal não só a tinha tolerado, como a tinha manobrado para que acontecesse. Quando lhe perguntei por que razão queriam eles que isso acontecesse, respondeu sem hesitar: «Para terem mão sobre mim». Foi de facto utilizada, a seu tempo, como uma ameaça contra ele. Na segunda de duas cartas que K escreveu ao Rajagopal em 1985, ditada a Mary Zimbalist mas não enviada devido ao processo judicial, ele afirma: «Tu foste conivente, manobraste e encorajaste essa senhora e a mim próprio.»

Compreende-se agora por que razão é importante para os Rajagopal fazer crer que K era um mentiroso. Quando perguntei ao editor de RS se a autora podia apoiar com alguma prova a sua afirmação de que a minha mãe tinha chamado a K «um mentiroso congénito», a resposta foi: «Recebi agora resposta de Radha Sloss. Ela pode apoiar com provas a afirmação a que se referiu na p. 249 a partir de duas fontes, sendo elas a sua mãe e, separadamente, o seu pai».

Esta é exatamente a resposta que eu esperava — não há provas reais. Digo novamente, nunca acreditarei sem uma prova escrita que a minha mãe tenha feito tal observação. Ela foi muitas vezes magoada por K, muitas

vezes crítica em relação a ele, chamou-lhe imprevisível, mas nunca mentiroso. Agora que K está morto, os Rajagopal podem dizer o que quiserem sobre ele, pois ele não está cá para se defender. Ele era um mentiroso congénito, ao passo que tudo o que eles escolham dizer sem uma prova convincente deve ser verdade.

RS escreve sobre K (p. 118): «A nova e jubilosa exuberância que ele frequentemente expressava nestes anos era naturalmente interpretada pelos seus seguidores como reflexo da sua condição espiritual transcendente, a expressão do místico iluminado, e não da de um amante feliz.» K tinha escrito muitas cartas à minha mãe expressando o seu êxtase antes de a ligação começar e continuaria a escrever exatamente no mesmo tom mais tarde.

1933

A Sra. Besant faleceu a 30 de setembro de 1933, após uma doença bastante longa. Leadbeater viria a falecer seis meses mais tarde. K, com o Rajagopal, viu a Sra. Besant pela última vez em Adyar em maio de 1933. Ela reconheceu-o com amor. RS refere-se (p. 94) àquilo que chama o crescente antagonismo de K em relação a George Arundale, o novo Presidente. Por que haveria ele de sentir qualquer cordialidade para com o George depois da forma como este se comportara aquando da morte do Nitya?

RS também sustenta que K se queixava frequentemente de que Arundale o tinha expulsado de Adyar. Nunca o ouvi queixar-se disso uma única vez. Ele partiu por sua própria iniciativa, não havendo nada que o atraísse ali após a morte da Sra. Besant. «Estou completamente fora de tudo isso», escreveu ele à minha mãe, «das ilusões deles, da sua luta pelo poder e do seu chamado ocultismo. Adyar é linda, mas as pessoas estão mortas.» Ele não voltou lá durante quarenta e sete anos.

A vez seguinte em que K foi a Madras, em outubro de 1933, um mês após a morte da Sra. Besant, ficou alojado pela primeira vez em Vasanta Vihar, uma casa recentemente construída num terreno de seis acres erguida

pelo *Star Publishing Trust* (fundado em Ommen em 1926) para a sua sede indiana. Era muito maior do que K esperava ou desejava, no lado norte do rio Adyar e mais distante do mar, ao passo que o complexo de 260 acres da ST fica no lado sul, estendendo-se até à costa arenosa.

1934-1939
DEZASSEIS [2]

Durante quinze anos, K encontrou de facto com a Rosalind e a Radha aquilo que dissera à minha mãe, quando foi a Paris pela primeira vez, que tanto desejava — um lar feliz. A Rosalind não teve queixas dele durante estes anos. Finalmente tinha conquistado o amor de um homem de quem, durante muitos anos, tinha querido tanto que preferira imaginar que ele estava apaixonado por ela. Não tinha escrúpulos de consciência relativamente ao Rajagopal, embora se alegue que este nada suspeitou da ligação durante vinte anos; tinha dois pais para a filha e, em K, uma ama bem como um pai; foram-lhe dadas grandes oportunidades para viajar e deliciava-se em fazer de anfitriã às muitas pessoas interessantes e importantes que vinham a Arya Vihara para ver K, tornando-as frequentemente suas próprias amigas. Dois em particular tornaram-se muito próximos dela — Robert e Sara Logan. Tinham uma grande casa e propriedade perto de Filadélfia, Sarobia, uma combinação dos seus nomes, onde K organizava frequentemente encontros.

Apesar de tudo, a presença diária da Rosalind não parece ter sido uma necessidade para K, mesmo quando estavam juntos na Califórnia, pois em agosto de 1934 ele escrevia à minha mãe enquanto os Rajagopal estavam em Hollywood: «Estou a passar um bom bocado sozinho, a escrever, a ler e a dar passeios ao entardecer.» Nas cartas de K à minha mãe, o mais próximo que alguma vez esteve de lhe dar uma pista sobre a sua relação com a Rosalind foi quando escreveu de Ojai, a 19 de novembro de 1937: «A Radha vai para a escola e está, como de costume, genuinamente simpática. Quase que poderia ser minha filha!! mas receio bem que não seja.» [3]

Mas antes disto, no início de 1935, tinha havido uma interrupção nas suas vidas felizes — a Rosalind descobriu que estava grávida e, devido ao aviso do seu médico de que seria perigoso ter outro filho, decidiu fazer um aborto. K não a persuadiu nem dissuadiu, mas mais ninguém soube ou suspeitou de nada. De acordo com o livro de Sloss (p. 132), K tinha garantido à Rosalind que estava a tomar precauções. Mesmo RS escreve que é difícil imaginar como K «poderia ter arranjado essas precauções ou como ela pôde ser tão ingénua ao ponto de acreditar que ele o tinha feito».

Não será algo mais do que ingénuo que uma mulher casada, na casa dos trinta anos e com um filho, não soubesse se o seu amante estava ou não a tomar precauções? E por que razão, uma vez que lhe tinham dito que ter outro bebé a poderia matar, não tomou ela própria precauções? É-nos dito que ela partiu sozinha num autocarro para «um amigo osteopata numa cidade a leste de Los Angeles». K, também nos é dito, foi muito amável e compassivo, ajudando-a a entrar e a sair do autocarro, mas não se oferecendo para a acompanhar, e foi amável e carinhoso quando ela regressou.

Notas:

[1] A numeração original da nota (10) foi mantida conforme o texto de origem.

[2] O texto original apresenta a indicação numérica correspondente ao capítulo dezasseis por extenso (SEVENTEEN surge por lapso ou reordenação editorial no original após o capítulo FOURTEEN).

[3] A numeração original da nota (18) foi mantida conforme o texto de origem.

Ela estava bastante doente quando regressou, mas a sua família atribuiu isso a um ligeiro ataque de apendicite.

Isto voltaria a acontecer em 1939, e mais uma vez ela iria apanhar o autocarro sozinha para ir ao seu amigo osteopata e, de novo, K mostrou-se «solícito e carinhoso como sempre, dedicando-lhe os mesmos cuidados ternos quando ela regressou». Mas, entre estes dois abortos, tinha havido outra gravidez que terminou num aborto espontâneo. Depois de testemunhar uma discussão particularmente violenta entre K e o Rajagopal em Hollywood (a mãe da Rosalind tinha uma casa lá), a Rosalind, escreve

RS, ficou tão perturbada que, ao regressar a Ojai de carro sozinha com K, teve este aborto espontâneo «num campo isolado». K «foi, como de costume, terno, amável e carinhoso, e ajudou-a o melhor que pôde».

Que sorte encontrar um campo isolado. Para quem já teve um aborto espontâneo, é difícil acreditar que isto tenha sido mais do que um período doloroso e atrasado. Não posso deixar de me perguntar se a Rosalind estaria realmente grávida ou se apenas suspeitava que pudesse estar. Não havia testes precoces nesses dias. Se ela estava de facto certa, estava a pedir imenso ao seu amigo para realizar dois atos ilegais por ela. Se, contudo, a «gravidez» estava numa fase tão precoce que poderia ter sido apenas uma menstruação em falta, teria sido fácil para o osteopata realizar o que hoje se chama uma «menstruação induzida».

A relação de K com o Rajagopal estava a tornar-se cada vez mais acrimoniosa. Ouvimos no livro de Sloss tudo sobre as queixas do Rajagopal contra K, mas quais eram os sentimentos de K em relação ao Rajagopal? Ele nunca se queixou dele a ninguém até muito mais tarde, embora saibamos quais foram algumas das suas experiências com o Rajagopal através daquela carta, já citada, que ele ditou a Mary Zimbalist a 17 de maio de 1985. Nunca foi enviada devido às negociações legais que decorriam na altura, mas foi arquivada para uso futuro. Eis algumas passagens dela:

Meu caro Rajagopal,

Como não me será possível falar-te face a face, vejo-me obrigado a escrever-te esta carta. Se quiseres, podes mostrá-la aos teus administradores ou, se quiseres, enviar-lhes-ei uma cópia. ... Nos primeiros anos após a morte do irmão, foste atencioso. Cuidaste de K e das coisas que era suposto fazeres. Mas em Eerde começaste a discutir comigo por causa de pequenas coisas.

Por exemplo, dizias que tu fazias todo o trabalho e eu andava apenas a divagar. Começou lentamente — este antagonismo, o ciúme, as tuas manobras com as pessoas e com K. Costumávamos viajar juntos, mas depois tu enviavas-me por rotas diferentes para a América e para a Índia para poupar dinheiro, enquanto tu ias mais diretamente e com maior

comodidade. ... As discussões, as tiranias continuaram por muitos anos. Eu poderia ter-me queixado à Dra. Besant, que ainda estava viva, e terias sido prontamente enviado de volta para a Índia, mas como K não é do tipo que se queixa, continuámos.

Estavas sempre deprimido pelas manhãs, em baixo, irritável, conflituoso. À tarde, depois do almoço, estavas bastante ativo. ... Estava a crescer lentamente — o teu desprezo total, a suspeita e os segredos que guardavas para ti sobre os livros, o dinheiro e assim por diante. Também mantinhas uma conta secreta que me disseste que ninguém conhecia. E assim continuou — as discussões, a chamar-me nomes. ... Dizias-me frequentemente que deveriam ter-te escolhido a ti, porque tu tinhas a inteligência e eu era bem-parecido mas mais ou menos um idiota. Essa era a tua atitude geral em relação a K.

... Rajagopal, tem isto em mente: nunca tive medo de ti. Detestava cenas, pequenas ou grandes, por isso evitava-as a todo o custo. ... Na Índia e na Europa eras tratado como um secretário, o que detestavas, e costumavas atacar-me como se eu fosse responsável por isso. Tudo se tornou tão feio, brutal, e eu submeti-me a todo este lixo.

... Não falei sobre ti e a senhora. Só depois de o processo começar e de tu teres trazido isso para o caso — é que tive de contar aos administradores aqui toda a fealdade que fizeste disso.

... Costumavas dizer às pessoas que, embora K e a KWINC tivessem muito dinheiro, não havia fundos para as viagens de K. Pedias então quantias diferentes para o mesmo bilhete a várias pessoas, pedindo-lhes sempre que guardassem segredo.

Um mês antes disto, em abril de 1985, K tinha gravado em fita outra carta, muito mais longa, que da mesma forma nunca foi enviada. Abaixo estão alguns extratos dela:

Estou a escrever-te isto, Rajagopal, porque te recusas a ver-me. ... Durante os dias de Eerde começámos a discutir. Não eu — tu — eu não sou do tipo que discute. ... Foste um grande tirano, desde o início, desde que o irmão morreu. Começou de forma muito suave ao princípio, ligeira, depois a tirania tornou-se cada vez mais forte. Eu não podia ver ninguém sem te

dizer quem tinha visto e depois tu tiranizavas-me dizendo: «Porque estás a ver essa pessoa e por aí adiante.» ... Não havia ninguém para supervisionar o que estavas a fazer. Na Índia dizias-lhes — «deem o dinheiro e não perguntem o que estou a fazer com ele. Não é da vossa conta». Dizias-lhes que se quisessem saber como era gasto, tu garantirias que eu não regressaria à Índia. Tornaste-te como um déspota, o que é realmente espantoso como começaste e como terminaste... Fizeste as coisas mais terríveis. Querias realmente matar tudo, os ensinamentos, não fisicamente porque isso seria homicídio, e terias demasiado medo para fazer isso, mas tentaste de todas as formas — porque és uma pessoa invejosa. ...

Obviamente és muito invejoso. Podes não gostar de ouvir tudo isto, ou de ler tudo isto, mas tem de te ser dito diretamente como vejo tudo isto após todos estes anos.

... E eu não podia, eu, não podia gastar 10 dólares sem te explicar cada cêntimo de como os tinha gasto. ... Também disseste a pessoas na Holanda, muito antes de eu romper contigo, e em Inglaterra, que eras um homem muito rico. Eu não conseguia acreditar nos meus ouvidos; fiquei realmente horrorizado, como podias tu tornar-te um homem rico. Porque ambos começámos pobres. Eu nunca quis dinheiro; não tenho dinheiro agora, não o quero, exceto que tenho algumas roupas e bons sapatos e gravatas, de resto, não tenho realmente nada. E tu, após todos estes anos, por alguns meios extraordinariamente astutos, conseguiste milhões.

O resto desta carta de nove páginas é sobre acontecimentos muito mais tardios, lidando com o que levou à rutura total de K com o Rajagopal em 1968 e aos processos judiciais subsequentes.

1935-1944

K tinha embarcado numa digressão pela América do Sul em 1935, acompanhado pelo Rajagopal e por Byron Casselberry, secretário e principal assistente do Rajagopal, tendo a digressão sido adiada porque o

Rajagopal tivera de submeter-se a duas operações dolorosas aos seus seios maxilares. RS conta (pp. 134-5) que o Rajagopal se lembra de discussões tão terríveis entre si e K (tudo por culpa de K, com certeza) na América do Sul que, um dia, K, «que não conseguia suportar tanta crítica», esbofeteou o Rajagopal. «Esta não foi a única vez que isto aconteceria», continua ela, «mas foi a primeira.»

Quererá ela dizer que K esbofeteava o Rajagopal frequentemente? Quem me dera poder acreditar que ele tivesse esbofeteado este tirano uma única vez que fosse, mas não acredito. Qualquer tipo de violência era totalmente alheio à natureza de K. Era para travar a violência na voz do Rajagopal quando o tiranizava que K, por vezes, tinha de mentir e aceitar assinar pedidos de desculpas por escrito.

O Rajagopal, deixando K com Byron Casselberry, regressou à Califórnia a partir de Buenos Aires. A verdade era que ele não tinha recuperado totalmente das suas operações. Ele parecia ter sempre problemas quando viajava com K. É uma coisa curiosa que nunca tenham existido dificuldades para outros que viajaram com K ou que organizaram as suas viagens. Depois de romper com o Rajagopal em 1968, K viajou ainda mais do que antes, mas sempre em perfeita harmonia com companheiros de temperamento dócil.

K não saiu da América a partir de 1938 durante nove anos, passando quase todo esse tempo em Ojai com os Rajagopal. O último Acampamento que alguma vez se realizou em Ommen foi em 1938; o local do Acampamento viria a tornar-se um campo de concentração após a invasão da Holanda. K iria meditar durante duas horas todos os dias durante esses anos de guerra, contou ele à minha mãe, e caminhar milhas sozinho a cada dia pelas colinas. Estes anos de pousio foram, acredito eu, da maior importância para a evolução do seu ensinamento.

Houve escassez na América depois de esta entrar na guerra; a gasolina era racionada e os residentes de Arya Vihara cultivavam vegetais, tinham um par de vacas e algumas abelhas. As queixas destas privações e o pacifismo de K irritavam profundamente a minha mãe. Ela tinha passado pelo *blitz* e a sua filha mais velha, Barbie (o primeiro amor de Nitya), tinha

perdido o marido devido a um cancro e dois dos seus três rapazes nos combates, bem como os dois enteados que tinha criado desde a infância.

No início de 1944, o meu pai viria a falecer devido a um cancro do pulmão (K escreveu uma carta de condolências muito terna à minha mãe, dizendo entre outras coisas: «Sempre tive um afeto tão profundo por ele e quantas vezes estivemos todos juntos.» O meu pai tinha sido muito afeiçoado a ambos os rapazes; de forma muito injusta, culpava inteiramente a Sra. Besant pela absorção da minha mãe na Teosofia.)

K não tinha tido notícias da família Manziarly após a queda de França, nem soubera nada de nenhum dos seus amigos indianos. Começou a dar palestras públicas novamente no Oak Grove em 1944, em dez domingos consecutivos a partir de 14 de maio, e ficou surpreendido com a quantidade de pessoas que compareceram, apesar do racionamento de gasolina. Um relato autêntico destas palestras foi publicado pela *Krishnamurti Writings Inc.* (KWINC) que, tanto quanto K sabia na altura, era no que o *Star Publishing Trust*, iniciado em Ommen em 1926 como referi, se tinha agora tornado.

Em junho de 1946, K iria assinar uma declaração no sentido de que a «Fundação central em todo o mundo seria a *Krishnamurti Writings Inc.*» e que ele e o Rajagopal seriam dois dos administradores, e outros três serivos-iam nomeados pelos dois. Era uma organização de beneficência que existia com o propósito de disseminar os ensinamentos de Krishnamurti. Em 1957, K foi convencido pelo Rajagopal a renunciar ao seu cargo de administrador; o Rajagopal tornou-se então Presidente da KWINC, uma circunstância que viria a ditar, onze anos mais tarde, a rutura de K com ele.

Por volta do fim da guerra, K ansiava por recomeçar as suas viagens. Em setembro de 1946, a *Happy Valley School* começou a funcionar de forma modesta em Arya Vihara. Aldous Huxley estava muito interessado nela e tornou-se, com K e a Rosalind, um dos administradores originais. Mais tarde, a Rosalind tornou-se Diretora.

K tinha planeado deixar Ojai pouco depois da abertura rumo à Nova Zelândia, Austrália e Índia; todos os preparativos estavam feitos quando ele, subitamente, adoeceu com uma grave infeção renal. Ficou na cama com febre durante seis semanas e depois demorou mais de seis meses a recuperar. Como não queria ir para o hospital, a Rosalind tratou dele em Arya Vihara.

Desistindo de ir à Nova Zelândia e à Austrália, embarcou para Inglaterra a 9 de setembro de 1947. Iria ficar longe de Ojai por dezanove meses. Não via a minha mãe há nove anos. Ele tinha agora cinquenta e dois anos e ela setenta e três. Ficou quase três semanas com ela em Londres. No momento em que o viu de novo, cada traço da irritação que ela sentira derreteu-se no calor do seu amor por ele. Vieram passar um fim de semana prolongado comigo e com o meu segundo marido na nossa casa em Sussex. Convidei também a Marc de Manziarly porque K não ia a Paris. (Ela e a sua família tinham finalmente escapado para a América durante a guerra e estavam agora de volta a França.)

O meu primeiro casamento tinha sido um fracasso desde o início, mas tínhamos permanecido juntos sem discutir durante quinze anos, tolerando as vidas separadas um do outro. Nunca esquecera algo que K dissera numa das suas palestras em Ommen: «Estão habituados a que vos digam qual é o vosso estatuto espiritual. Que infantilidade!! Quem senão vós próprios pode dizer se sois belos ou feios por dentro?» Sabendo que eu era feia por dentro, tinha evitado K quando ele vinha a Londres antes da guerra, embora ele pedisse para me ver.

Agora, contudo, tendo-me divorciado e casado divinamente de novo em 1945, estava entusiasmada por vê-lo outra vez. Passámos três dias felicíssimos, preguiçando em roupões de banho à mesa do pequeno-almoço, conversando e rindo. Ele parecia um rapaz libertado para as férias de verão. Perguntou-me várias vezes como tinha sido o aspeto de Nitya. Ele e o meu marido gostaram um do outro, embora este último se tenha mantido taticamente fora do nosso caminho, exceto quando íamos todos passear nos nossos bosques.

1947-1948
DEZANOVE

K fez a sua primeira viagem de avião para Bombaim sozinho, em outubro (o Rajagopal não foi à Índia nesse ano). Lá, ficou hospedado com Ratansi Moraji, o homem que deveria ter sido o sócio de Nitya na importação de automóveis para a Índia em 1921. Pelas manhãs, havia receção aberta para quem quisesse manter discussões com K, e na primeira manhã ele conheceu uma mulher casada de trinta anos, Nandini Mehta, que tinha ido lá com o seu sogro, Sir Chunilal Mehta, um devoto de K. Nandini descreve este encontro. Sir Chunilal tinha-a apresentado a K após a discussão e «Krishnaji começou a rir, não a sorrir, mas a rir. ... Ele perguntou: 'Porque veio?' As lágrimas tinham começado a correr incontrolavelmente pelas minhas faces. ... Ele pegou na minha mão e segurou-a com força». Ela respondeu: «Esperei trinta anos para o ver.» Então, largando a minha mão, ele colocou a palma da mão na minha cabeça e deixou-a lá por alguns segundos. Este parece ser o tom dominante da relação de Nandini com K — algo de extraordinariamente belo.

A partir daí, Nandini encontrava-se com K sempre que tinha oportunidade. Não era de modo nenhum feliz com o seu marido tirânico; no entanto, este permitiu que ela fosse com a sua irmã mais velha, a Sra. Pupul Jayakar, a convite de K, ficar em Vasanta Vihar em Madras, em abril de 1948, e um mês mais tarde juntaram-se a ele em Ootacamund, onde ele ficou alojado com um amigo enquanto as irmãs ficaram num hotel. K necessitava de descanso pois, como escreveu à minha mãe, nunca tinha trabalhado tanto na sua vida. Falou em vários locais onde nunca falara antes, bem como nos locais habituais, e ficou «surpreendido» com o nível de interesse que despertou e com a quantidade de pessoas que assistiram às suas palestras. O aspeto laboral da sua vida, a energia que despendia nas suas palestras e discussões e a ajudar as pessoas em entrevistas privadas a partir das cinco da manhã, é um aspeto completamente ignorado no livro de Sloss, do qual se poderia depreender que a sua única preocupação era a sua relação com a Rosalind.

Em Ooty, o «processo» de K manifestou-se durante três dias consecutivos na presença das irmãs, de forma muito semelhante ao que tinha acontecido em Ojai, Ehrwald e Pergine. Pupul escreveu um relato meticuloso do que aconteceu em cada dia, o qual me permitiu citar em *The Years of Fulfillment*; e no seu próprio livro, três anos mais tarde, publicou-o com um relato curto anterior de uma experiência bastante semelhante em Vasanta Vihar. Não tendo ouvido falar do «processo», as irmãs ficaram, naturalmente, extremamente confusas.

É afirmado no livro de Sloss que esta foi a primeira vez em vinte anos que o «processo ressurgiu». Não é assim. O «processo» tinha por vezes estado presente durante dias a fio, como K tinha escrito a contar a Leadbeater e à Sra. Besant, com uma dor agonizante na cabeça e na base da coluna vertebral. Mas era apenas quando alguém em quem ele confiava estava presente para cuidar do corpo que ele podia apagar-se completamente, caso contrário havia um grande perigo de se magoar ao cair.

Poucos meses após conhecer K, Nandini disse ao marido que queria levar uma vida celibatária. Ele ficou ultrajado e foi tão cruel com ela, chegando a bater-lhe, que chegou um momento em que ela não conseguiu suportar mais e escapou para a casa da mãe, que vivia ali perto em Bombaim (o seu pai já tinha falecido), deixando os seus três filhos de nove, sete e três anos.

Só depois de K ter regressado a Ojai e voltado novamente à Índia no inverno de 1949 é que Nandini, que se tinha recusado a voltar para o marido, moveu um processo de separação legal e de custódia dos filhos com base em crueldade. Longas citações das palestras de K foram lidas em tribunal pelo advogado de defesa, lamentando a condição das mulheres indianas e incitando-as a rebelarem-se. Em nenhuma fase da audiência foi sugerido algo de impróprio; a defesa baseou-se exclusivamente na influência indevida de K sobre uma mente inocente. Nandini perdeu a ação e foi privada da custódia dos seus filhos. Quando K soube da notícia por telegrama noutra parte da Índia, respondeu: «Tudo o que será, está certo.» Quando viu Nandini novamente, não permitiu que ela tivesse qualquer autocomiseração, mas a sua preocupação e compaixão pelas crianças eram

ilimitadas. Sempre que possível, Nandini — sem o conhecimento do ex-marido — trazia as crianças para o ver.

Um rumor chegou a Inglaterra de que K tinha sido apontado como co-respondente num caso de divórcio e um artigo apareceu na revista *Time* a 16 de janeiro de 1950, dando um relato tendencioso do caso (citado no livro de Sloss, p. 218).

1949-1950

Quase desde a altura em que K regressou a Ojai em abril de 1949, após a sua primeira visita à Índia, nunca mais voltaria a ter um lar pacífico e feliz lá com a Rosalind. Alega-se no livro de Sloss que K queria regressar à sua antiga relação com ela. Duas vezes, pelos vistos, chamou-lhe Nandini por engano, um nome que não significava nada para ela, mas quando ela o questionou, ele negou estar apaixonado por outra pessoa. A Rosalind nunca tinha aceitado ou acreditado na natureza espiritual de K. Basta ler as suas cartas a Nandini, citadas em *Krishnamurti* de Pupul Jayakar, para compreender a qualidade do seu amor por ela; a Rosalind não queria acreditar que mais ninguém tinha ocupado o seu lugar na vida dele. Ele deve ter ficado contente por regressar à Europa e à Índia em outubro.

Quando o artigo da *Time* saiu no janeiro seguinte, em 1950, as suspeitas da Rosalind confirmaram-se e, quando ele regressou a Ojai em maio, a insistência dela para que lhe fosse dita a verdade foi ainda mais persistente. Ela reiterou (p. 217) que o que não conseguia suportar era ser enganada; aceitaria se ele estivesse apaixonado por outra mulher e poderiam continuar a ser amigos. (Quantas vezes já foi isto dito por incontáveis mulheres?) A Rosalind não conseguia, aparentemente, acreditar num amor divorciado do sexo.

É feita a sugestão absurda de que K estava infatuado por Nandini sem que os seus sentimentos fossem «retribuídos — pelo menos na mesma medida». Nandini, estando viva, era a parte inocente; K, estando morto, era o vilão que queria seduzi-la. Outros amigos que K fez mais tarde são deixados sob anonimato, sendo meramente referidos no livro de Sloss como «os novos amigos de Krishna» ou «os novos favoritos». Nenhum véu

de anonimato semelhante é lançado sobre Nandini. Anos mais tarde, quando RS conheceu Nandini em Deli, RS disse-lhe, ao despedir-se: «Sempre ouvi dizer que era perfeitamente bela, e é.» Pensará RS que este elogio constrangedor é alguma compensação pela dor e desgosto que o seu livro causou a Nandini?

O que K tinha agora de tolerar por parte da Rosalind era a «cauda» de uma relação, como ele a tinha descrito numa das suas palestras públicas citadas no início desta resposta. A «cauda» era «o ciúme, a possessividade, a suspeita, a dúvida, o medo de perder esse amor, a constante exigência de segurança e de reasseguramento».

K tinha escrito à minha mãe de Ojai em maio de 1949, depois de a insistência da Rosalind ter começado: «Tenho realmente uma memória muito fraca sobre a minha própria vida pessoal. Conhecemo-nos em 1910 [na verdade, 1911], valha-me Deus, quantos anos parece que isso já foi e de alguma forma, mãe, o nosso amor mútuo não se quebrou. Pelo menos isso é alguma coisa. Afinal de contas, isso é a única coisa que importa e tão poucas pessoas são capazes disso. O que geralmente passa por amor esvanece-se tão depressa, morre perante as dificuldades.

Para a maioria das pessoas, as pessoas importam e não essa coisa estranha chamada amor. Fazemos do amor um escravo do pensamento, do ciúme, da inveja, do medo, etc., e o amor não pode ser capturado pelo pensamento. Não se pode pensar sobre o amor; pode-se pensar sobre a pessoa que se 'ama', mas este pensar não é amor. Assim, a pessoa domina e o amor desaparece. O amor não tem emaranhamento emocional.»

Depois, a 28 de março de 1950, escreveu novamente à minha mãe a partir de França: «O disparate que apareceu na revista *Time* é bastante terrível. Como eles são pessoas muito ricas, o lado do marido, e são pessoas muito inescrupulosas, houve um grande aparato. Falaram-me sobre isso. Há outros casos, ao todo uma dúzia ou mais a surgir. Não apenas em Bombaim, mas em Madras, por causa do que eu disse nas reuniões. As pobres mulheres levantaram-se contra os seus maridos e por isso há problemas, mas a maioria delas não tem posses, por isso não haverá qualquer reparo sobre elas nos jornais!»

O Rajagopal veio para Londres com K, mas regressou a Ojai quando K voou novamente para a Índia em novembro de 1950. A Rosalind acompanhou-os a Londres nesse ano, na sua primeira visita desde 1936. Os três deveriam encontrar-se de novo em Paris em abril de 51. Em Londres, a Rosalind encontrou alguns amigos que tinha feito na Índia em 1925, que tinham acabado de chegar de lá e lhe falaram dos rumores que ligavam o nome de K a Nandini, o que a deixou realmente doente de ciúmes.

São poucos os que nunca sofreram desta terrível maleita, pelo que deveríamos ser compreensivos para com ela (a única pessoa que conheci imune a isso foi o próprio K, embora tenha sido vítima de ciúmes toda a vida, desde o momento em que foi «descoberto»). Mas poder-se-á ser compreensivo com um ciúme, uma amargura e um rancor que persistem por cerca de quarenta anos? A vaidade ferida era grande parte do problema da Rosalind. Ela tinha sido mimada.

Esperava ser a primeira para toda a gente. Tinha sido a primeira para o Nitya, a primeira para o Rajagopal, a primeira para K durante tanto tempo que esperava ser a primeira para ele indefinidamente; vivia perto de uma mãe que a adorava e de uma irmã mais velha; era a «figura de proa», como K lhe chamava, de uma escola; a sua filha cita várias cartas que ela recebeu de amigos que a elogiavam extravagantemente. O seu ego tinha ficado perigosamente inflacionado e, quando foi picado pela primeira vez, ela desmoronou-se.

Por fim, ficou tão transtornada que em Paris, para onde foi depois de Londres e onde o Rajagopal se juntou a ela a 3 de abril de 1951, «toda a história da sua relação com o Krishna explodiu» (p. 220). Contou-a também a Carlo e Nadine Suarés, velhos amigos de K com quem ele ficava hospedado sempre que ia a Paris. Quando K chegou no dia seguinte, ela confessou-lhe o que tinha feito. O Rajagopal, dizem-nos, «sentiu a mais profunda simpatia por ela e em nenhuma parte do seu coração a considerou culpada». Por que não, a menos que soubesse de tudo desde o início? Seria ela, na verdade, menos culpada? Dado que a versão de K sobre como o caso começara está em completa contradição com a dos Rajagopal, não posso tecer comentários sobre a mágoa do Rajagopal por ter sido enganado, mas como os Rajagopal fizeram todo o uso possível dessa relação durante

os processos judiciais que se seguiriam anos mais tarde, nos quais ela não tinha cabimento, a afirmação de K de que eles queriam ter mão sobre ele tem o sotaque da verdade.

Dizem-nos que o Rajagopal assumiu, pela forma como a Rosalind lhe falara do caso, que este tinha terminado; contudo, na p. 222, RS escreve que o Rajagopal se permitiu assumir que tinha terminado a partir do que K dera a entender. RS faz o seu próprio comentário (p. 220) — que K não enfrentaria um confronto com o Rajagopal «da mesma forma que não fora capaz de alertar a Sra. Besant em privado sobre a sua deserção da Teosofia». RS não sabia que a história do Professor Marcault não tinha fundamento, mas sabia que K não estava, em 1925, a desertar da Teosofia, mas sim das declarações loucas de George Arundale.

O que nos parece absolutamente autêntico nesta página é o encantamento de K com o belo dia de primavera em Paris, passeando junto ao Sena, enquanto a Rosalind, sem ver nada, lhe despejava o que tinha feito. No fim da página, RS nota que o facto de a Rosalind «ter dado tanto da sua vida e cuidados a Krishna não entrou no pensamento dela». Nem, aparentemente, entrou no pensamento dela reconhecer tudo o que K lhe tinha dado; na verdade, em todo este livro de Sloss não há uma única indicação de que os Rajagopal devessem algo a K. Foram eles que fizeram toda a doação.

K contou-me que, depois de as suspeitas da Rosalind terem sido despertadas, ele teve de suportar tiranias tanto da parte dela como do Rajagopal. Disse que ela tentara matá-lo duas vezes — uma ao empurrá-lo de uma plataforma de estação e a outra ao bater-lhe na cabeça com uma chave de porcas. Quando perguntei incrédula por que haveria ela de querer matar a galinha dos ovos de ouro, ele respondeu: «O Rajagopal achava que podia fazer o mesmo perfeitamente bem», querendo dizer que o Rajagopal poderia tomar o seu lugar. (RS cita uma carta de uma mulher que dizia, após conhecer o Rajagopal pela primeira vez, que ele deveria estar no lugar de Krishnamurti.) Não é difícil imaginar o Rajagopal, que estava à frente e de forma exclusiva de todos os ativos da KWINC, a fundar um centro pseudoteosófico-Krishnamurti em Ojai, sendo ele próprio a atração principal.

1951-1952
VINTE E UM

No outono de 1951, o Rajagopal voou para a Índia com K pela primeira vez em catorze anos. Dizem-nos no livro de Sloss (p. 226) que K implorou à Rosalind nas cartas que lhe enviou da Índia nesse ano para que nunca deixasse nada intrometer-se entre eles. RS acrescenta: «as suas palavras refletem, a par do seu amor, uma dependência física e psíquica dela». K nunca foi psiquicamente dependente de ninguém.

K apresentou o Rajagopal a Pupul e Nandini em Madras. Segundo Pupul, K tentou fazê-las compreender o quanto o Rajagopal tinha sacrificado por ele e o quanto desejava que fossem amigos. Elas acharam o Rajagopal cortês, mas desconfiado e cusco; precisavam de estar alerta para responder às suas perguntas aparentemente inocentes, que pareciam tentar apanhá-las em falso; ele insinuava que não se podia contar com K, pois este mudava constantemente de ideias. Tinha ouvido pelo criado de K algo do que se passara em Ooty e queria saber todos os pormenores. Interrogou-as durante quatro horas. Mais tarde, tornaram-se amigos.

Parece ter sido nesse ano ou talvez no ano seguinte (RS raramente é clara quanto a datas) que o Rajagopal começou a beber. Sofria de dores no esófago, sentindo dificuldade em engolir. Um médico na Índia recomendou-lhe uma pequena dose de *whisky* escocês todos os dias para a dor. A Índia era um país proibicionista e o álcool só era permitido com receita médica. A pedido de K, Pupul Jayakar conseguiu obter-lha. RS observa que K achava o Rajagopal muito mais fácil de suportar após uma bebida à tarde, insinuando que K o encorajava no hábito — pois este tornou-se um hábito crescente e não, segundo K, mantido sob controlo moderado, como a sua filha parece pensar. Em ambas as cartas de K para o Rajagopal de 1985, ele dá exemplos de este estar embriagado, contando como em duas ocasiões lhe foi pedido que saísse da casa de dois amigos diferentes devido ao seu comportamento inaceitável de ébrio. K questionava se a quantidade de *whisky* que ele tinha bebido não lhe teria afetado o cérebro.

Aquando do regresso de K da Índia para Londres em 1952, muito cansado e ansioso por voltar para Ojai depois de dar um número esgotante de palestras, a Rosalind, dizem-nos, ou incapaz de lidar com os seus sentimentos por ele ou para o castigar, pediu-lhe que ficasse longe de Ojai até junho porque estava cansada. Com a maior gentileza ele acedeu, embora não houvesse nada que o retivesse em Londres (uma série de palestras foi rapidamente organizada para ele na *Friends' Meeting House* ao longo de todo o mês de abril).

No outono de 1952, segundo RS, K deu à Rosalind o que pretendia ser uma cópia a lápis de uma carta que se propunha entregar a Nandini na Índia, a qual afirmava que «havia uma mulher na sua vida que lá estava há mais de vinte anos e que tal relação não era para ser quebrada e ele não tencionava quebrá-la. Continuava pedindo desculpa se as suas cartas ou conversas tivessem dado uma impressão errada e aconselhava Nandini a não alimentar falsas esperanças». Embora este gesto de K «não tenha significado tanto para a Rosalind como ele poderia ter esperado», ela determinou que a carta deveria ser entregue e recorreu ao Rajagopal para garantir que o fosse. Assim começa um capítulo intitulado «A Carta», no qual são relatadas as várias razões pelas quais a carta nunca foi entregue. Contudo, «a Rosalind há muito que se tinha apercebido de que a carta não seria entregue e... todo o assunto perdeu o seu significado. ... Em fevereiro [de 1953], o assunto foi abandonado para sempre e não se ouviu falar mais da questão».

A maioria dos leitores perguntar-se-á se tal carta alguma vez existiu e por que razão o capítulo foi sequer escrito. Se o objetivo era demonstrar que os Rajagopal tinham tal poder sobre K que ele podia inclusive ser tiranizado para escrever uma carta nesses termos, o esforço é dificilmente necessário: muitos aceitariam essa possibilidade e eu próprio não me excluiria. Nem a Rosalind nem a sua filha poderiam esperar que nenhum dos seus leitores acreditasse que K ponderaria entregar uma carta nestes termos a Nandini, com quem tinha estabelecido uma relação tão bela e duradoura.

K e o Rajagopal foram juntos para Bombaim no início de 1953, ficando alojados novamente com Ratansi Moraji. Pupul e Nandini também

lá estavam. Pupul escreve sobre esta visita que K estava retraído e passava muito tempo sozinho no seu quarto. «O seu riso raramente era ouvido, mas a voz do Rajagopal, irritada, era frequentemente ouvida a partir do quarto de Krishnaji. ... O Rajagopal parecia determinar o que Krishnaji podia ou não fazer.» Mostrava-se amigável com Pupul, mas tiveram muitas discussões sobre questões de publicações, etc.; «o Rajagopal era arrogante e recusava-se a responder a perguntas. Queria saber tudo, mas não estava preparado para revelar nada».

A Radha, que tinha casado com um colega de estudos, Jimmy Sloss, teve o seu primeiro bebé em abril de 1953, antes de K e o Rajagopal regressarem a Ojai, e K ficou justamente indignado, dizem-nos, porque o Rajagopal não lhe contou a notícia senão doze dias depois de ele próprio a ter sabido.

Surge agora um capítulo no livro de Sloss sobre a primeira versão da autobiografia da minha mãe. Já entrei em pormenor sobre isto em *The Years of Fulfillment* e não tenho desejo de voltar ao assunto. Continuo a manter a conclusão a que a minha mãe e eu chegámos na altura, embora saiba que existe uma carta da minha mãe para o Rajagopal, escrita no início do problema, que apresenta uma visão oposta. No final, notámos que sempre que K estava com o Rajagopal as suas cartas eram escritas num tom completamente diferente daquelas escritas quando sabíamos que ele estava sozinho.

1955-1956
VINTE E DOIS

K voou para Sydney com o Rajagopal em novembro de 1955. A Rosalind juntou-se a ele lá após as palestras de K e seguiu com ele para a Índia, enquanto o Rajagopal regressou a Ojai. K tentou proporcionar um período feliz à Rosalind na Índia, levando-a consigo às suas escolas em Rajghat e Rishi Valley, fazendo visitas turísticas em Deli e Bombaim para lhe agradar. Ela afirmou ter ficado perturbada com a quantidade de devotos em redor de K e com a reverência com que ele era tratado e que nada fazia para desencorajar.

Ela não parecia perceber que na Índia era o seu ensinamento religioso único e a sua filosofia que interessavam e que as pessoas reverenciavam, e não a sua vida pessoal e as suas relações, que eram a única preocupação dela. Também afirmou ter ficado desgostosa ao ver que R. Madhavachari, que organizava as viagens e palestras de K na Índia em nome do Rajagopal, passava dias em autocarros e comboios superlotados para poupar fundos, ao passo que o próprio K viajava sempre em primeira classe de avião. Esta é uma farpa particularmente injusta para com K, pois a Rosalind devia saber perfeitamente bem que era o Rajagopal, que viajava sempre ele próprio em primeira classe de avião, quem controlava os cordões à bolsa. Além disso, a carreira de Madhavachari fora nos caminhos de ferro indianos e ele detestava voar.

Em Bombaim, asseverou a Rosalind, K encontrou tempo e oportunidade para «expressar o seu amor físico» por ela e para providenciar que os seus amigos a levassem às compras e a fazer turismo. Pupul Jayakar tem coisas muito diferentes a dizer sobre esta altura em Bombaim: «Tal como o Rajagopal [no ano anterior], a sua voz era frequentemente ouvida a interpelar o Krishnaji. Confrontado com a sua raiva, o Krishnaji dir-nos-ia mais tarde que ficava totalmente silencioso e passivo. Escutava com precisão, profunda e extensamente, mas recusava-se a reagir. ... A incapacidade de evocar uma resposta por parte do Krishnaji deixou a Rosalind furiosa. Era um confronto sem oponente. O Krishnaji tinha desaparecido. ... Com uma torrente infindável de perguntas, a Rosalind procurava encontrar a ‘influência’ que subjazia à aparente mudança no Krishnaji.»

A Rosalind acreditava que K tentava evitar um encontro entre ela e Nandini. E não é de admirar. Dificilmente ele poderia confiar que a Rosalind não a iria constranger, uma vez que a Rosalind queria «sentir por si própria exatamente qual era a situação». No entanto, a Rosalind encontrou-se com ela uma vez, brevemente, numa das palestras públicas de K. Não falaram, mas aquele único momento com ela «confirmou a crença da Rosalind de que o ‘infatuamento’ de Krishna não tinha sido retribuído». Como se comportou a Nandini para «confirmar» a crença da Rosalind?

De Bombaim, K e a Rosalind voaram para Roma em maio de 1956, onde ficaram alguns dias com uma amiga próxima de K, Vanda Scaravelli, que ele conhecera num encontro de Krishnamurti em Roma em 1937, três anos antes do casamento dela com o Marchese Scaravelli (que viria a falecer mais tarde em 1956). O pai de Vanda tinha sido Alberto Passigli, um proprietário de terras muito proeminente na sociedade florentina — interessado em todas as artes, mas particularmente na música. A própria Vanda era uma pianista de nível profissional. Após o encontro, os Passigli tinham convidado K a visitá-los na sua bela casa acima de Fiesole, Il Leccio. Vanda e o seu irmão herdaram esta casa aquando da morte dos pais e esta viria a tornar-se cada vez mais, para K, um refúgio muito amado no seu trajeto de e para a Índia.

Depois de Roma, K subiu para Il Leccio com a Signora, como ela era habitualmente chamada, enquanto a Rosalind foi para Paris sozinha. Mais tarde, ela juntou-se a K e ao Rajagopal (que tinha vindo de Ojai) em Estocolmo, onde K ia dar palestras. Foi aqui que a Rosalind disse ao Rajagopal que não queria que K regressasse à América porque desejava libertar-se dele completamente. A sua escola, disse ela, exigia que ela vivesse em Ojai, ao passo que K «podia perfeitamente viver noutro local». (Mesmo ela, segundo a sua filha, viria mais tarde a encarar o seu comportamento como «irracional e um tanto intolerável».) O Rajagopal teve pelo menos a decência de se opor a esta proposta monstruosa, mas foi vencido pela Rosalind. Não só ela estava a expulsar K da sua própria casa, como o impedia de realizar os seus encontros anuais em Ojai. K, contudo, por amor à paz, submeteu-se a este desterro indesculpável.

Quando Robert Logan, então viúvo, faleceu em junho desse ano, deixou à Rosalind dinheiro suficiente para a tornar independente para o resto da vida, bem como uma casa perto de Arya Vihara.

K não foi «autorizado» a regressar a Ojai durante quatro anos. Se não fosse por Vanda Scaravelli, estes anos teriam sido intoleráveis. Teria sido sempre bem-vindo na Índia, mas fazia demasiado calor para ele no verão. Alguma crise, não explicada no livro de Sloss, teve lugar entre ele e o Rajagopal em Roma, em março de 1957, no seu trajeto de regresso da Índia. K tinha estado doente na Índia e sentiu que devia cancelar todas as

suas palestras para o resto do ano — Finlândia, Londres, Biarritz, Nova Zelândia e Austrália. Como escreveu à minha mãe, teria sido «estúpido» continuar com palestras por todo o mundo no seu «estado de saúde». O Rajagopal, que tinha feito todos os preparativos para estas palestras e agora tinha de as cancelar, ficou tão exasperado que disse a K que estava farto de ser o seu Thomas Cook e que no futuro Doris Pratt, a secretária da KWINC em Londres, que trabalhava para K desde os anos vinte, deveria fazer todos os seus preparativos de viagem.

O Rajagopal foi então com K para Villars, na Suíça, e deixou-o lá sozinho com dinheiro mal suficiente para pagar a conta do hotel e depois de lhe dizer que ele iria aprender o que era ser solitário. Mas K nunca se sentia solitário, especialmente quando estava só. Ao fim de um mês, K foi encontrado em Villars por velhos amigos que o levaram para a sua casa na Dordonha. Este período pacífico em Villars tinha-lhe restituído a saúde.

Algo deve ser explicado aqui: Charles Burdick, um devoto de K e grande amigo de Doris Pratt, tinha falecido em Ojai em 1949, deixando a maior parte da sua grande fortuna à KWINC; parte do seu dinheiro, contudo, estava em Inglaterra sob a forma de ações na *Aerograph Company*, uma empresa de pintura à pistola que ele fundara. Estas ações, que não podiam ser transferidas para a América devido ao Controlo de Câmbios, ele tinha-as deixado a K pessoalmente. Por sugestão do Rajagopal, foram passadas para Doris Pratt na qualidade de residente britânica. Rendiam um rendimento de cerca de 600 libras por ano, que ela depositava numa conta separada.

O Rajagopal enviava fundos da América para as despesas de K na Índia, mas, nos últimos oito anos, todas as despesas de K em Inglaterra tinham vindo da conta Burdick. Doris também recorria a esta conta para as despesas do Rajagopal quando este estava em Inglaterra. Doris tinha de enviar ao Rajagopal todos os extratos bancários e uma contabilidade de cada cêntimo gasto com K.

1959-1960

Uma nova complicação surgiu em Ojai na primavera de 1959: o Rajagopal e uma mulher chamada Annalisa Beghe, uma suíço-italiana vinte e cinco anos mais nova que o Rajagopal, apaixonaram-se. Ela vivia na casa que Robert Logan tinha deixado à Rosalind e ajudava a Rosalind na escola. *(Ela era outra das que diziam que o Rajagopal deveria estar no lugar de Krishnamurti.)* Foi ela quem contou à Rosalind que estavam apaixonados. «Estou tão contente por ele ter alguém especial que o ame», respondeu a Rosalind, mas quando se tratou de o Rajagopal querer o divórcio e o casamento de novo, a Rosalind combateu-o. Que o Rajagopal se quisesse ver livre dela, mesmo após a sua aparente indiferença para com ele durante vinte e sete anos, feriu a sua vaidade. Além disso, ela acreditava que um divórcio seria prejudicial para a sua reputação como Diretora da escola.

Mais tarde, em 1959, quando K normalmente regressaria a Ojai, ele continuava na Índia, onde o calor era tão intenso que ficou encantado por ir para uma cabana do Governo em Pahalgam, em Caxemira, a 7200 pés de altitude, sozinho com Parameshwaran, o dedicado e excelente cozinheiro de Rishi Valley. Em meados de agosto, adoeceu gravemente ali com uma infeção renal. Foi levado de volta para a casa de Shiva Rao em Deli com febre alta e deram-lhe antibióticos pela primeira vez, os quais eram fortes demais para ele e lhe paralisaram temporariamente as pernas. Ficou tão fraco que Parameshwaran teve de o alimentar como a um bebé. Ficou na cama durante sete semanas. No fim de outubro foi para Rishi Valley e, após recuperar ali durante algum tempo, retomou as palestras em vários locais na Índia. Só a 11 de março de 1960 é que acabou por voar para Roma, onde Vanda Scaravelli o foi buscar e o levou para Il Leccio.

O Rajagopal não tinha tido notícias dele durante todo este tempo e começava a ficar preocupado. Pouco antes de deixar Roma, K escreveu-lhe dizendo que ia passar algumas semanas em Il Leccio e depois iria para a Clínica Bircher-Benner em Zurique. O Rajagopal não se ofereceu para pagar a Clínica; pediu a Doris Pratt que a pagasse a partir da conta Burdick. Isto ela não o podia fazer porque ainda existia o Controlo de Câmbios. Quando ela transmitiu isto a K, ele disse-lhe para não se preocupar; o dinheiro vinha de amigos e poderia ser reembolsado em Londres. (Estes amigos eram um casal de idosos de Porto Rico que eram dedicados a K há muitos anos. Insistiram em que os custos da Clínica fossem uma dádiva.)

O novo amor do Rajagopal não parecia fazê-lo feliz. Ficou, de facto, tão deprimido que a Rosalind implorou a K que regressasse a Ojai. (Por quanto mais tempo o teria mantido afastado, perguntamo-nos, se não tivesse precisado da sua ajuda?) K recusou-se a fazê-lo a menos que o Rajagopal também o convidasse. O que o Rajagopal acabou por fazer, e K aceitou ir. Deixou a Clínica e voou para Londres a 1 de maio de 1960. Doris Pratt foi recebê-lo a Heathrow e ficou chocada ao ver como ele parecia doente. «Apesar da sua falta de reserva de forças», escreveu ela ao Rajagopal, «ele recusou categoricamente viajar em primeira classe» (de avião para Nova Iorque, onde o médico da Clínica o tinha aconselhado a interromper a viagem por alguns dias).

RS afirmaque o Rajagopal organizou a viagem em primeira classe para K enquanto ele próprio foi em classe económica. Isto não é verdade. Mais tarde, como veremos, Doris Pratt teve de pedir autorização ao Rajagopal para permitir que K viajasse em primeira classe de avião devido à sua idade.

Doris escreveu novamente ao Rajagopal após a partida de K a 9 de maio: «Devo dizer-te, muito, muito em privado, que sinto que ele é um homem muito doente. Parece-me que não está de modo nenhum em condições de dar palestras em Ojai. Observei-o muito de perto e, embora não tenha tido qualquer conversa 'pessoal' com ele, estive muito consciente de uma grande mudança nele, fisicamente pelo menos, e talvez mais do que física. ... Foi dito que ele quase morreu em Deli, e posso acreditar nisso pelo seu estado atual. Consideraria de extrema importância que se tivessem os maiores e mais amorosos e gentis cuidados com ele em Ojai, pois em meu entender a sua saúde é afetada até pelas pessoas e circunstâncias do momento. Ele devolveu uma boa parte do dinheiro que lhe dei [44 libras].» Ojai era o último local onde era provável que ele recebesse agora «amorosos e gentis cuidados».

Foi enquanto K estava em Nova Iorque desta vez, hospedado com Frederick Pinter, com quem já tinha ficado antes e que também conhecia bem o Rajagopal, que foi alertado de que, a menos que tomasse algumas medidas, em breve daria por si sem qualquer voto na matéria nos assuntos

da KWINC, de cujos ativos o Rajagopal tinha o controlo exclusivo. O Sr. Pinter instou veementemente K a averiguar o assunto, porque as grandes somas doadas ao fundo se destinavam ao seu trabalho e ele, Pinter, tinha ouvido queixas de dadores de que as suas contribuições não estavam a ser utilizadas para esse fim.

Assim que K chegou a Ojai, pediu ao Rajagopal que lhe desse informações sobre os assuntos da KWINC. Quando o Rajagopal recusou, dizendo que isso não era da conta de K, K pediu para ser readmitido na Direção. Este pedido também foi recusado. Após trinta e cinco anos a gerir todos os assuntos financeiros de K, o Rajagopal não via qualquer razão para esta súbita ingerência. Ele tinha um Vice-Presidente e um Conselho de Administração, mas governava-os autocraticamente e eles nunca questionavam nada do que ele fazia. A recusa do Rajagopal em reintegrar K ou em dar-lhe qualquer informação despertou suspeitas em K pela primeira vez. Até então, ele tinha confiado implicitamente no Rajagopal, apesar da sua mesquinhez e das contínuas discussões por causa de pequenas coisas. RS não menciona estas recusas do Rajagopal, nem que K continuou durante oito anos a tentar regressar à Direção da KWINC antes de se dissociar por completo do Rajagopal. Será que ela não sabia isto?

K tinha-se comprometido a dar oito palestras públicas no Oak Grove, mas depois de dar três, anunciou que só conseguiria dar mais uma. O cancelamento das últimas quatro palestras foi um grande desapontamento para o seu público, muitos dos quais tinham vindo de longe para o ouvir e estavam alojados nas redondezas durante o período das mesmas. O Rajagopal ficou indignado, especialmente porque, conforme escreveu a Doris Pratt, K não as tinha cancelado por estar doente, mas sim porque não tinha «energia suficiente» para continuar com elas, embora tivesse dado longas entrevistas privadas a pessoas nos dias em que deveria ter falado. O Rajagopal parecia carecer de qualquer compreensão sobre a quantidade de energia vital que K despendia na realização da obra da sua vida.

O próprio K viria a dizer mais tarde que o que realmente o tinha exaurido, ao ponto de não conseguir continuar com as palestras públicas, fora o ambiente em Arya Vihara causado pelas discussões violentas entre o Rajagopal e a Rosalind por causa do divórcio. (A Rosalind acabou por

ceder e obteve um divórcio mexicano fácil que permitiu ao Rajagopal casar com a Annalisa, embora não nos seja dito quando é que isto ocorreu.)

Uma das pessoas que obteve uma entrevista privada com K foi Mary Zimbalist (nascida Taylor), viúva de Sam Zimbalist, o produtor de cinema, uma americana aculturada à Europa, gentil e elegante, de uma proeminente família de Nova Iorque. O seu marido tinha morrido subitamente de um ataque cardíaco em 1958 e ela continuava devastada com a sua morte. Vivendo em Malibu, a apenas cerca de oitenta milhas de Ojai, sentira-se impelida a ir ouvir K falar. Na entrevista, ele entrou numa extraordinária exploração sobre o significado da morte, o que teve um impacto profundo nela. O Rajagopal aparentemente não percebia como estas entrevistas privadas, das quais tanto desdenhava, ajudavam as pessoas com os seus muitos problemas, trazendo compreensão em vez do conforto convencional. E, no entanto, ele tinha editado os três volumes de *Commentaries on Living* de K, que consistiam em entrevistas com muitas pessoas após as suas identidades terem sido disfarçadas.

K demorou-se em Ojai até novembro, recuperando gradualmente as suas forças antes de regressar à Índia. O Rajagopal, sem que nada estivesse ainda resolvido quanto ao seu divórcio, partiu para a Suíça e para Londres por volta da mesma altura, tencionando ficar fora durante alguns meses. Antes de ele e K partirem, a Rosalind redigiu o que grandiloquentemente chamou de um «moratório» (p. 268): não haveria mais recriminações entre ela, K e o Rajagopal; escreveriam de duas em duas semanas e discutiriam todos os seus planos, mas, acima de tudo, K concordaria em não dar quaisquer grandes palestras públicas até se reunirem novamente em Ojai no verão de 1961.

Que direito tinha a Rosalind de impor esta última condição a K, não se consegue imaginar. De qualquer forma, isso dá a RS a oportunidade de arrastar um assunto alheio, tentando mostrar deslealdade e ingratidão por parte de K para com os seus velhos amigos. Ela escreve (p. 269) que a Rosalind não fora a primeira a recomendar uma vida menos pública: a Sra. de Manziarly tinha-lhe dito que ele se deveria estabelecer num único local e deixar que as pessoas que quisessem fossem ter com ele. K, continua RS,

ficou tão ofendido com esta sugestão que, quando a Sra. faleceu, não enviou condolências a nenhuma das suas filhas.

K não ficou ofendido: simplesmente não prestou qualquer atenção a esta sugestão tola; a sua missão era falar ao mundo; se ficasse num único local, como poderiam os pobres de outros países ir ouvi-lo? A Sra. de Manziarly tinha morrido em 1956 e, alguns anos antes disso, ela e K tinham perdido o contacto quando ela se tornou uma ruidosa cristã ecuménica; a Yo já tinha rompido com ele por essa altura e tinha um guru na Índia. K esteve em Paris em 1956, onde viu a Mar (que se manteve inabalavelmente leal a ele até à sua morte, não muito depois da dele) e apresentou-lhe condolências pessoalmente, ao passo que a Mima, a filha mais velha, cujas reminiscências faladas são dadas por RS como sua fonte, estava envolvida num processo judicial contra K em 1984 quando contou isto a RS. (A Mima foi a única das três raparigas a casar. O seu marido rico, George Porter, cometeu suicídio em 1927, pouco tempo após o casamento. Alguns anos mais tarde, ela comprou uma casa em Ojai, onde viveu até à sua morte em 1988.)

O Rajagopal tinha agora, por meios dúbios e tortuosos, comprado uma casa para si próprio na extremidade inferior do vale e K, antes de deixar Ojai, pediu que a Rosalind fosse autorizada a ficar vitaliciamente em Arya Vihara que, juntamente com Pine Cottage e nove acres de terra, tinha sido transferida da *Brothers Association* para a KWINC. Contudo, K não queria que fosse transferida para a *The Happy Valley Foundation,* que agora também pertencia à KWINC, como era a solução do Rajagopal, pelo que a Rosalind mais tarde construiu para si própria uma casa no vale superior, para onde a escola se tinha mudado há alguns anos.

RS também acusa K de desrespeitar o acordo de não dar quaisquer grandes palestras públicas até se reunirem novamente. Isto não é verdade. Ele não deu palestras públicas na Índia, apenas pequenas discussões com cerca de uma centena de pessoas. RS de certeza que deveria ter percebido que as palestras públicas de K na Índia atraíam milhares.

1960-1961

K tinha evidentemente escrito da Índia ao Rajagopal em Londres, pedindo-lhe que organizasse um encontro em Inglaterra para 1961 antes de ele, K, ir para Ojai, porque a 3 de dezembro de 1960 recebeu um telegrama que dizia: «Recebi a tua carta. Impossibilitado agora de organizar algo pessoalmente. Discuti com a Doris Pratt que irá ajudar. Por favor escreve-lhe. Bom Ano Novo.» O Rajagopal tinha lavado completamente as mãos de tudo o que tivesse a ver com as palestras de K na Europa, pelo que K escreveu a Doris Pratt pedindo-lhe que organizasse um pequeno encontro para ele em Londres durante cerca de seis semanas, até ao início de junho, altura em que partiria para a Califórnia.

A Doris tinha encontrado o Rajagopal num estado muito infeliz enquanto esteve em Londres em dezembro. Descreveu-o numa carta a K em 1961 como «uma mistura de amor, claro discernimento e grande violência». Disse-lhe que não lhe enviaria mais cópias das cartas de K para ela, nem das dela para ele, que ele tinha sempre exigido ver, mas que o informaria de qualquer facto consumado relacionado com o próximo encontro. Acrescentou: «Tivemos várias trocas de palavras violentas e amargas», mas despedimo-nos «com o amor a sobrepor-se».

Eu própria vi o Rajagopal em dezembro no Athenaeum Court Hotel em Piccadilly, onde estava hospedado. Como eu não sabia nada sobre a sua atual relação com K, fiquei extremamente perturbada quando ele começou imediatamente a difamá-lo, sem dar qualquer razão para a sua hostilidade. Disse-lhe que, sentindo-se como se sentia, deveria deixar de trabalhar para ele, que isso devia ser muito mau para ambos. Ao mesmo tempo, senti uma grande compaixão por ele, pois ainda gostava muito dele; parecia, de certa forma, tão sozinho e desamado.

Depreendi que o seu casamento com a Rosalind não era de modo nenhum feliz, mas não fazia ideia de que ele estava apaixonado por outra pessoa e que pretendia o divórcio. Ele também difamou K junto da minha mãe, causando-lhe ainda maior desgosto do que a mim. Nenhuma de nós soprou uma palavra a K sobre isto, não querendo semear a discórdia e acreditando que seria um choque para ele. (Ele nunca nos tinha dito uma única palavra contra o Rajagopal.) Rezámos para que fosse apenas um descontentamento temporário por parte do Rajagopal.

Para os encontros de K em Londres, Doris Pratt alugou uma pequena casa mobilada perto de Wimbledon Common e arrendou um salão em Wimbledon que não albergava mais do que cerca de 150 pessoas. A Doris ficou com K na casa mobilada e uma amiga holandesa, Anneke Korndorffer, que trabalhava para K desde os primeiros dias de Ommen, também foi para lá ficar para ajudar a cuidar dele. (RS faz a monstruosa afirmação, p. 244, de que K «tivera sempre necessidade da associação com pessoas famosas, abastadas e pitorescas» e mostrava desinteresse para com os seus antigos colaboradores.)

A Doris escreveu ao Rajagopal dizendo que tinham acontecido algumas coisas muito estranhas — K gritava frequentemente a meio da noite e, noutras alturas, largava subitamente a faca e o garfo e parecia ficar transfixado por um momento, ficando depois flácido e desfalecido, de tal modo que elas temiam que ele pudesse cair ao chão. Quando a Doris perguntou se havia alguma coisa que pudesse fazer para ajudar, ele respondeu que não havia nada exceto ficarem quietas, relaxarem, não se preocuparem, mas, o mais importante de tudo, não lhe tocarem.

Ele próprio sabia exatamente o que estava a acontecer, mas era incapaz de lho «exprimir». A Doris continuou: «Senti em muitas ocasiões que era espetadora de um mistério extremamente profundo e tremendo.» O próprio K escreveu de Wimbledon a Nandini na Índia, a 18 de maio: «Estranhamente, as coisas que aconteceram em Ooty estão a ter lugar, embora ninguém saiba disso — é muito forte. As rodas de Ooty estão a funcionar poderosamente. Estou surpreendido.» E a 1 de junho: «As rodas de Ooty estão a funcionar furiosa e dolorosamente.»

1961
VINTE E QUATRO

A Rosalind tentou agora, subitamente, adiar a data em que, de acordo com o seu tolo «moratório», se deveriam reunir novamente em Ojai; disse que se tinha esquecido do quão exigentes seriam as semanas finais do período escolar. Dá-se um grande grito de alegria quando K finalmente se rebelou contra a sua odiosa tirania e respondeu que não ia «ficar por ali à

espera que ela estivesse pronta, que ela tinha trabalho para fazer e ele também». Como a maioria dos tiranos, ela desmoronou-se assim que ele lhe fez frente e concordou imediatamente por telegrama com a data original.

RS, nesta mesma página, repete a calúnia de que K não tinha feito caso do «moratório» e de que tinha feito «planos extensos para palestras na Europa»: (um público de 150 pessoas, num pequeno salão em Wimbledon?). RS comete aqui outro erro grave ao dizer que K «tinha começado a entrincheirar-se com outros que eventualmente o ajudariam a lutar contra o Raja. Krishna escolheu o seu novo círculo astutamente para esse propósito». Seriam necessários mais três anos para que esses dois novos amigos entrassem na vida de K por acaso, e ele não fazia ideia, na altura, de que alguma vez teria de ir ao ponto de lutar contra o Rajagopal.

No dia seguinte ao de K deixar Heathrow, a 14 de junho, Doris Pratt escrevia a Vanda Scaravelli dizendo que ele temia a ocasião da sua visita a Ojai e que poderia regressar muito rapidamente. «Ele aprecia imensamente tudo o que a senhora faz por ele», acrescentou ela, «and não parava de falar da sua generosidade e apoio. Acho realmente que ele estaria totalmente perdido na Europa se a senhora não tivesse intervindo para o ajudar a ele e ao seu trabalho.»

(A minha mãe morreu em 1964, após perder parcialmente o juízo, e a Sra. Bindley, uma amiga muito antiga com quem K ficava hospedado em Londres depois de a minha mãe deixar de ter espaço para ele no apartamento para onde se tinha mudado, tinha quase noventa anos e era surda. Até à data da morte da minha mãe, K ia vê-la sempre que estava em Londres e sentava-se com ela durante uma hora ou mais, segurando-lhe a mão e entoando cânticos para ela, o que ela adorava. Na sua autobiografia, ela chama-lhe «a flor perfeita da humanidade».)

O encontro em Ojai com o Rajagopal e a Rosalind não resolveu nada. Como poderia? O Rajagopal recusou novamente o pedido de K para ser reintegrado na Direção da KWINC. Por que haveria ele de continuar a recusar se não tinha nada a ocultar? RS não menciona os pedidos de K, escusado será dizer. Ela escreve (p. 271): «*Krishna estava sobretudo interessado em arranjar os dentes*». Nesta única frase, ela trai-se e revela a

sua total ignorância da verdadeira natureza de K. A 18 de junho, no dia anterior ao de voar de Nova Iorque para Los Angeles, ele tinha subitamente, de forma inexplicável, começado a manter um registo diário dos seus estados de consciência. Escrito claramente a lápis, quase sem rasuras, ele iria continuar este extraordinário diário durante sete meses.

Em Ojai, dormia na sua cabana como de costume e escrevia todos os dias num caderno comum, sem que os Rajagopal estivessem minimamente cientes disso. Nunca tinha mantido tal registo antes e não tinha qualquer recordação do que o impulsionara a começá-lo. Começa abruptamente: «À noite estava lá, enchendo o quarto, um grande sentido de beleza, poder e gentileza.» A «imensidade», o «sagrado», a «bênção», a «alteridade», a «vastidão» eram todos nomes pelos quais K se referia, ao longo do diário, ao misterioso «isto» que estava subitamente ali, enchendo o quarto — que não podia ser procurado, mas que vinha ter com ele todos os dias tão fortemente que, por vezes, os outros o notavam.

Escrevia ao mesmo tempo sobre o «processo», que era simultaneamente uma parte e algo à parte de «isto». A 19 de junho escrevia: «Toda a noite esteve lá sempre que acordei. A cabeça estava má a caminho do avião [para voar para Los Angeles]. A purificação do cérebro é necessária. Só quando o cérebro se tiver limpo do seu condicionamento, ganância, inveja, ambição, só então poderá compreender aquilo que é completo. O amor é esta completude.» E no dia 21, em Ojai: «Acordei por volta das duas e havia uma pressão peculiar e a dor era mais aguda, mais no centro da cabeça. Durou mais de uma hora e acordei várias vezes com a intensidade da pressão. De cada vez havia um grande êxtase em expansão; a alegria continuou. ... A força e a beleza de uma folha tenra é a sua vulnerabilidade à destruição. Como uma folha de erva que brota através do pavimento, tem o poder que pode resistir à morte fortuita.»

E no dia 30: «Ontem à tarde esteve bastante mau, quase insuportável. ... Caminhando, rodeado por estas montanhas de rocha nua e violeta, subitamente fez-se a solidão; tinha uma riqueza grande, insondável; tinha aquela beleza que está para além do pensamento e do sentimento.» E no último dia em Ojai, 8 de julho: «Antes de adormecer, ou mesmo ao conciliar o sono, várias vezes houve gemidos e gritos. O corpo está demasiado perturbado por causa da viagem, pois parto esta noite para

Londres.» Mesmo no avião, voando direto para Londres, K registava: «... no meio de todo o ruído, fumo e conversas altas, da forma mais inesperada, a extraordinária bênção que foi sentida em I. L. [*Il Leccio*], aquele sentimento iminente de sagrado, começou a ter lugar.

O corpo estava nervosamente tenso por causa da multidão, do ruído, etc., mas apesar de tudo isso, estava lá. ... Todo o corpo está inteiramente nisso e o sentimento de sagrado é tão intenso que um gemido escapou do corpo e os passageiros estavam sentados no banco ao lado. Continuou por várias horas, noite dentro. Era como se se estivesse a olhar, não apenas com os olhos, mas com mil séculos...»

Como o livro de Sloss se torna superficial e trivial à luz destas passagens. O manuscrito foi publicado em 1976 sob o título *Krishnamurti's Notebook*. Se RS tivesse lido esse livro, teria reparado em quando tinha sido começado e ter-se-ia poupado a cometer esta gaffe de que K se importava sobretudo em arranjar os dentes, mas ela parece não ter feito qualquer pesquisa nas próprias obras de K.

Ao regressar a Londres, K escreveu uma longa carta ao Rajagopal, pedindo mais uma vez para ser reintegrado na Direção e insistindo que tinha tanta responsabilidade pela KWINC como o Rajagopal e que queria ser informado da sua situação financeira. Insistiu também que a sua carta deveria ser mostrada aos administradores. O Rajagopal nunca respondeu a esta carta nem a mostrou aos administradores. K pediu a Doris Pratt que não enviasse ao Rajagopal mais nenhuma informação sobre o dinheiro gasto em seu nome.

De Londres, K voou para Genebra para se juntar a Vanda Scaravelli e depois seguiu de carro com ela para Gstaad, onde ela tinha alugado parte de uma vivenda, Chalet Tannegg, para ele, e providenciado uma antiga cozinheira sua. Um pequeno encontro tinha sido organizado para K no Salão Nobre de uma aldeia vizinha, Saanen, de 25 de julho a 13 de agosto. Antes do encontro, passou duas semanas com a Signora no Chalet Tannegg. No dia seguinte à sua chegada, 13 de junho, escreveu no seu caderno: «O corpo está completamente relaxado e em paz aqui. Ontem à noite, após a longa e bela viagem de carro pela região montanhosa, ao

entrar no quarto, a estranha e sagrada bênção estava lá. A outra [Vanda] sentiu-a.» Quatro dias mais tarde, Vanda teve a sua primeira experiência com o «processo» de K, a qual escreveu.

Havia dezanove nacionalidades diferentes entre o público no encontro de Saanen e, a 11 de agosto, foi formado um comité oficial com o propósito de convidar K a falar em Saanen nos anos seguintes e de fazer todos os preparativos para os encontros, que seriam muito maiores no futuro e realizados sob lona. Assim nasceram os encontros anuais de Saanen, que se tornaram como os Acampamentos de Ommen e continuaram até 1985, e todos os anos Vanda alugou o Chalet Tannegg para K até 1984. Quando Doris Pratt, que era membro do comité, contou ao Rajagopal sobre estes encontros pretendidos, ele pareceu-lhe muito perturbado, temendo que K eliminasse Ojai por completo. A Rosalind tinha dito, segundo RS (p. 255), que queria ver-se livre de K por completo, pelo que ele não regressou a Ojai até ser convidado em 1966.

Após o encontro de 1961, K permaneceu tranquilamente em Tannegg com Vanda durante três semanas. Ao longo deste tempo, ela própria esteve constantemente consciente da «bênção», da «alteridade», cuja presença K descrevia no seu caderno, e o relato da mesma no seu diário coincidia imenso com o dele, embora visto e sentido a partir do exterior.

Em dezembro de 1961, a Doris escreveu ao Rajagopal a pedir 1000 libras para assegurar o sucesso do encontro de Saanen do ano seguinte. O Rajagopal respondeu que, uma vez que estava a ser «mantido às escuras» sobre o que se passava na Europa, não podia preocupar-se com isso.

1961-1962

Após dar vinte e três palestras públicas na Índia no inverno de 1961-62, K estava exausto quando regressou a Roma e adoeceu gravemente em Il Leccio com uma recaída da sua infeção renal. Vanda anotou o que ele dizia enquanto estava fora do corpo. Tinha recuperado a tempo do segundo encontro de Saanen, muito maior, mas decidiu não ir à Índia nesse inverno e permanecer tranquilamente no Chalet Tannegg. O Rajagopal deslocou-se a Gstaad para o ver em outubro na esperança de uma reconciliação; uma

vez que, contudo, ele a queria nos seus próprios termos, enquanto K continuava a insistir em ser reintegrado na Direção da KWINC, a tentativa falhou. Antes de partir, porém, deu a K dinheiro suficiente para pagar a conta do médico.

Quando o Rajagopal veio para Londres após Gstaad, vi-o a 24 de outubro e ele estava ainda mais injurioso em relação a K do que estivera no ano anterior. A sua principal acusação contra K era a de que ele era um hipócrita e se importava demasiado com a sua aparência antes de subir a uma plataforma, certificando-se num espelho de que cada cabelo estava no sítio. O Rajagopal não ofereceu qualquer prova de hipocrisia e pareceu-me que o facto de se importar com a aparência antes de uma palestra mostrava respeito pelo seu público. O Rajagopal sabia tão bem quanto eu que K sempre se tinha importado com a aparência exterior, tanto para si próprio como para os outros.

O «corpo» deveria estar bem arranjado. Instei o Rajagopal o mais fortemente que pude a deixar de trabalhar para K, sentindo-se como se sentia. Argumentei que ele tinha direito a uma pensão muito grande (não fazendo ideia de que o próprio Rajagopal era a única pessoa que poderia ter concedido a pensão). Não poderia ele deixar Ojai e estabelecer-se algures na Europa, onde tinha muitos amigos? Ele garantiu-me que o dinheiro não era problema. Concluí que o seu verdadeiro problema era o facto de estar obcecado por K e não conseguir desapegar-se. Fiquei encantada quando soube, pouco tempo depois, que ele tinha casado novamente; senti a certeza de que um casamento feliz o transformaria.

O Rajagopal dava a impressão de ser um homem rico a muitas pessoas que se perguntavam de onde vinha o seu dinheiro. RS escreve sobre a sua grande habilidade financeira e que ele «parecia ter um sexto sentido para investimentos». Mas é preciso ter algum dinheiro em primeiro lugar para investir, e o que tinha ele de seu para além da sua pequena anuidade da Miss Dodge? Não nos é dito.

Quando K vinha ficar em Wimbledon para dar pequenas reuniões na primavera ao longo dos anos seguintes, eu levava-o de carro até Sussex para caminhar nos nossos bosques de tílias. Nenhum de nós alguma vez mencionava os Rajagopal.

Caminhávamos em silêncio na maior parte do tempo; ele parecia totalmente perdido na beleza dos bosques primaveris e nas grandes extensões de azul com o seu aroma celestial.

Após o encontro de Saanen de 1964, o proprietário do acre e meio sobre o qual a lona assentava quis vendê-lo e o comité de Saanen decidiu comprá-lo. O Rajagopal concordou em disponibilizar o preço de compra de 50 000 dólares. RS parece achar que o Rajagopal foi generoso ao «aceder ao» pedido de K para o preço de compra e que não lhe foi dado crédito por isso. O dinheiro disponibilizado não era do Rajagopal, mas sim da KWINC, e estava a ser utilizado para o propósito para o qual tinha sido subscrito — o ensinamento de K. Não havia qualquer questão de generosidade ou de crédito, mas as palavras de RS são um indício da forma como as mentes dos Rajagopal funcionavam.

A Companhia Aerograph do Sr. Burdick tinha agora deixado de pagar dividendos, pelo que tiveram de ser feitos outros arranjos para cobrir as despesas de K em Inglaterra. Doris Pratt sabia que existiam outros fundos Burdick em Ojai e esperava que o Rajagopal repusesse o rendimento perdido a partir dessa fonte, ficando extremamente transtornada quando ele se recusou a fazê-lo. (O paradeiro do legado de Burdick à KWINC foi um dos mistérios questionados no primeiro processo judicial.) Ele disse-lhe para pedir emprestado o que fosse necessário à delegação da KWINC em Londres. Isto ela não o queria fazer porque K não desejava «fazer uso de fundos especificamente da KWINC». Mas algo tinha de ser feito; por conseguinte, a Doris enviou um memorando ao Rajagopal com as seguintes propostas: que o comité de Saanen pagasse todas as despesas de K enquanto ele estivesse em qualquer parte da Europa; que todas as despesas em Inglaterra e as suas viagens na Europa viessem dos fundos da KWINC angariados em Inglaterra (até esta altura tinham sido enviados para o Rajagopal) e que as suas passagens de e para Inglaterra e América, bem como as suas despesas nesses países, fossem pagas pela KWINC de Ojai. A Doris também instou a que, por razões de saúde, K passasse no futuro a viajar em primeira classe de avião.

O Rajagopal devolveu o memorando sem qualquer comentário, mas com um acordo rubricado para todos os pontos, exceto o que dizia respeito a K viajar em primeira classe, o qual deixou em branco. (Tanto basta para a afirmação de RS, p. 263, de que K tinha viajado sempre em primeira classe.)

Um recém-chegado ao encontro de Saanen de 1963 fora Alain Naudé, de trinta e cinco anos, um sul-africano de ascendência huguenote. Era um pianista profissional que tinha estudado em Paris e Siena e dado concertos na Europa. Era, nesta altura, professor na Universidade de Pretória. Durante as suas férias desse ano encontrava-se na Suíça e, ouvindo falar das palestras de K em Saanen, embora nunca tivesse ouvido falar dele antes e tendo sido atraído pela vida religiosa desde a infância, foi ouvi-lo. Conheceu K pessoalmente após as palestras e voou para a Índia nesse inverno pelos seus próprios meios enquanto K ali estava, mas não se viu muito com ele. Quando regressou a Pretória, no início de 1964, demitiu-se do seu cargo de professor na Universidade a fim de se dedicar à vida religiosa e regressou a Saanen nesse verão para ouvir K falar novamente.

O encontro de 1964 também trouxe Mary Zimbalist a Saanen. Vivendo ainda em Malibu, ela tinha querido ouvir K falar novamente em Ojai, como o tinha ouvido em 1960, mas quando pareceu improvável que ele voltasse a falar ali, decidiu ir a Saanen. Assistiu a todas as suas palestras, conheceu Vanda Scaravelli e, quando as palestras terminaram, marcou um encontro para ter uma entrevista privada com K. Mais tarde, K pediu-lhe que permanecesse em Gstaad para assistir a algumas pequenas discussões privadas que ele iria realizar em Tannegg.

Numa destas discussões conheceu Alain Naudé e tornaram-se amigos. Quando regressou a Malibu, entrou em contacto com o Rajagopal e foi a Ojai a convite deste para ouvir gravações em fita das discussões que tinha ouvido. (As gravações de todas as palestras de K eram ainda enviadas para o Rajagopal.)

Quando K foi para a Índia em outubro, Alain Naudé foi novamente de forma independente e foi enquanto esteve lá, desta vez, que K lhe pediu para trabalhar para ele como «uma espécie de secretário» por um pequeno

salário e para viajar com ele para onde quer que fosse. A viagem era o serviço mais importante, porque K sentia cada vez mais a dificuldade de viajar sozinho. O Alain aceitou a oferta e regressou com K para Roma em fevereiro de 1965, onde Vanda Scaravelli se mostrou extremamente acolhedora e graciosa para com ele. Ele falava bem italiano e era quase perfeito em francês. A sua nomeação, contudo, só se tornou oficial depois de o Rajagopal dar a sua aprovação e concordar em pagar o seu salário com fundos da KWINC. K pediu a Doris Pratt para abordar o Rajagopal sobre o assunto porque acreditava que, se fizesse o pedido ele próprio, este seria recusado. RS parece acusar K de cobardia (p. 285) por fazer o seu pedido através da Doris. Não parece ocorrer-lhe o quão ultrajante era que o conforto e o bem-estar de K tivessem de depender da «generosidade» do Rajagopal.

Em abril de 1965, o Alain ficou com K em Wimbledon, onde Doris Pratt e Anneke Korndorffer cuidavam dele noutra casa alugada. Quando levei K de carro até Sussex para o nosso habitual passeio das tílias, ele estava de excelente humor e falou com entusiasmo de Naudé; era evidentemente uma grande alegria para ele ter alguém tão congénere com quem viajar. Sentia-se naturalmente atraído por Naudé que, embora de uma mentalidade muito religiosa, era alegre, enérgico e divertido para se conviver.

Mary Zimbalist tinha também vindo a Londres e levou K e o Alain a passear pela província inglesa, indo com eles depois para Paris, onde alugou um Mercedes, a marca de carro favorita de K, para os levar a Versalhes, St. Germain, Chartres e outros locais — prazeres normalmente negados a K na sua existência exteriormente monótona. Parte do prazer residia em que a Mary era uma excelente condutora e em que não se esperava que ele «fizesse» as visitas turísticas. Ele também foi a imensos cinemas com eles. A Mary voou com K e o Alain para a Índia em 1965 e viajou com eles por todos os locais habituais onde K dava palestras. Em dezembro, K recebeu uma carta do Rajagopal a pedir-lhe que falasse em Ojai em outubro de 1966. O que ele aceitou.

O meu marido e eu estávamos na nossa casa de campo num fim de semana de maio do ano seguinte, 1966, quando K, a Mary e o Alain

apareceram subitamente uma tarde. O que mais me impressionou na Mary, para além da sua extrema elegância, foi o seu belo sorriso e a sua voz suave. Tinha passado grande parte da sua vida na Europa e tinha muitos amigos em Inglaterra. Era verdadeiramente cosmopolita, falando francês e italiano. Senti-me atraída pelo Alain devido à sua boa disposição e ao seu riso. Quando se foram embora de carro após o chá, pensei que nunca tinha visto um trio com um aspeto mais feliz. Que contraste deve ter sido o companheirismo deles para K, face às discussões e tiranias em Ojai.

Anneke Korndorffer teve um período difícil para gerir a casa alugada nesse ano porque havia sempre pessoas para o almoço e para o chá. Doris Pratt relatou ao Rajagopal, escassos dias após K deixar Inglaterra: «O próprio Krishnaji foi sempre prestável, atencioso e profundamente solícito. Naudé também se mostrou sempre ponderado e alegremente bem-humorado. Vai a todo o lado com Krishnaji e, sendo jovem, forte e muito sensível, é perfeitamente inestimável.» K estava supremamente feliz com estes dois novos amigos. Não foi à Índia nesse ano devido ao seu compromisso de falar em Ojai em outubro.

1966
DEZASSEIS [1]

Antes de irem para Ojai, K e o Alain ficaram com a Mary em Nova Iorque, no apartamento que o irmão lhe tinha emprestado (o Sr. Pinter tinha falecido recentemente); foram depois com ela, pela primeira vez, ficar na sua bela casa em Malibu, numa falésia com vista para o oceano. O Alain iria para Ojai com K como seria natural, mas a Mary tinha recebido um convite especial do Rajagopal para ir também e levar K no seu carro para o Oak Grove para as palestras.

RS não menciona a Mary ou o Alain pelo nome; refere-se a eles como os «novos amigos» de K, ou «novos favoritos», e a propósito desta visita de 1966 a Ojai escreve de forma algo ridícula que ele trazia «o seu novo círculo» consigo para Ojai. RS tinha visto K em Tannegg nesse verão e conhecera os «novos amigos de K», com quem disse ter-se dado bem, mas afirma que «o recém-chegado» (Alain) foi rapidamente «banido». Isto não é verdade; ele partiu por sua própria iniciativa no fim do verão de 1969

para viver em São Francisco, onde ensinou música. K via-o sempre que ia a São Francisco e ele ficou bastantes vezes com K e a Mary em Malibu, mantendo entrevistas com K que foram publicadas. Tinha feito imenso por K ao apresentá-lo a pessoas jovens e ao organizar que ele falasse em várias universidades, incluindo Harvard.

Durante um passeio a sós com K em Gstaad, RS perguntou-lhe o que aconteceria se o seu público desaparecesse, ao que ele aparentemente respondeu: «Falo para viver, se não houvesse mais palestras morreria», uma resposta que ela incompreendeu por completo. Ele mencionava isto frequentemente, querendo dizer que a sua missão era falar e que, a menos que pudesse realizar a sua missão, esses poderes superiores, nos quais acreditava e que dirigiam a sua vida, não teriam mais utilidade para ele. Ele haveria de dizer como, no curso normal das viagens, era «protegido» e que qualquer pessoa que viajasse com ele estava também protegida, mas que não devia correr perigos desnecessários, tais como o voo em asa-delta, algo que ele ansiava fazer.

Só agora é que RS menciona que K exigia ser reintegrado na Direção da KWINC, ao passo que ele vinha a fazer o mesmo pedido há seis anos. Ela escreve sobre os fundos que o Rajagopal tinha angariado (acreditará ela realmente que as doações para o trabalho de K tinham sido dadas ao Rajagopal?). Escreve também nesta mesma página que K «nunca tinha expresso a mais pequena crítica a qualquer aspeto da atuação do Raja». Não, não a tinha expresso publicamente da forma desleal com que o Rajagopal se vinha queixando dele.

RS continua dizendo que K estava num «estado de espírito para expandir» e que acabaria por adquirir uma «propriedade dispendiosa» em Inglaterra. Isto é enganador. K necessitava de um centro em Saanen porque tinha sido expulso de Ojai e só ia falar em Ojai agora porque tinha sido convidado a fazê-lo. O comité de Saanen geria os encontros de Saanen tão bem como o Rajagopal tinha gerido os Acampamentos de Ommen e Ojai. Quanto à «propriedade dispendiosa» em Inglaterra, tinham sido oferecidas a K 40 000 libras por um apoiante de toda a vida para construir uma casa para si próprio em qualquer parte do mundo que escolhesse para a sua reforma. Nunca tencionando reformar-se, ele perguntou se poderia usar o

dinheiro, em vez disso, para fundar uma escola em Inglaterra, um pedido que foi imediatamente concedido.

RS também faz parecer que a atitude de K em relação ao Rajagopal só tinha mudado depois de ele, o Rajagopal, alegar ter sido informado sobre a relação de K com a Rosalind em 1952, quando na verdade não mudara até 1960, altura em que o Rajagopal se recusara a deixar que ele tivesse qualquer informação sobre os assuntos da KWINC.

Cito agora extratos do diário de Mary Zimbalist, que ela manteve durante esta visita de 1966 a Ojai:

Outubro, Malibu — Ojai. Ao pequeno-almoço K estava algo tenso e nervoso ao discutir o encontro com o Rajagopal. Disse depois que o R devia estar nervoso com a sua chegada e isto fê-lo rir. «Costumava ser ao contrário — eu costumava tremer — agora ele é que se preocupa.» Mas o que era penoso tanto para o Alain como para mim era o seu nervosismo evidente até ao falar sobre isso. Lembrei-me da nossa chamada telefónica para ele aquando da chegada de K a Nova Iorque em setembro, quando em questão de minutos o R gritava tão zangado que eu conseguia ouvi-lo do outro lado do quarto.

Fomos de carro para Ojai e K mostrou-me o caminho para Arya Vihara, onde a Rosalind R estava à espera e nos deu o almoço. Depois fomos de carro até Pine Cottage, onde o Rajagopal estava à espera. Os dois homens abraçaram-se, mas o R estava virado de lado como se evitasse K. Quis primeiro mostrar-me onde vou ficar — na sua antiga cabana ao lado de Pine Cottage, onde K está alojado no seu antigo quarto, e o Alain tem o apartamento separado mas contíguo que o R anexou a Pine Cottage a dada altura quando ele esteve fora.

Tem algo a ver com um escritório, mas arruinou a cabana na perspetiva de K. [Este quarto, que não tinha porta para Pine Cottage, foi demolido mais tarde. A Mary estava alojada no pequeno apartamento que o Rajagopal tinha construído para si próprio sobre o escritório em 1942, quando deixou de viver em Arya Vihara.] K e R falaram brevemente, combinaram encontrar-se amanhã e R partiu. K veio ver onde eu estava

alojada e disse que não punha lá os pés desde que o R uma vez o repreendeu por entrar com terra nos sapatos.

Mostrou-nos a Schinus [2] sob a qual os acontecimentos tiveram lugar em 1922 e disse que a Sra. Besant tinha dito que ela deveria ser sempre preservada. Na cabana de K há um pequeno alpendre traseiro e nele um armário do aquecedor de água. K olhou para ele e disse, quase para si próprio: «Ah, foi aí que passei uma noite uma vez.» O que queria ele dizer? Parece que saiu uma noite esquecendo a chave e, incapaz de voltar a entrar, passou a noite de pé ao lado do aquecedor de água para se aquecer. Não quis incomodar R e RR. Porquê? «Ah, não poderia ter feito isso, eles teriam ficado zangados demais.» A raiva e as discussões deles em 1960 por causa de R querer o divórcio foram parte do que o adoeceu e o impossibilitou de continuar as suas palestras. «Isto não deve interferir com a tua palestra agora», disse o Alain. «Ah, não vai. Eu não tinha ninguém com quem pudesse conversar na altura. Agora tenho-vos aos dois.» Parece que uma parte dele é ainda aquele rapaz tímido e sem resistência que permaneceu sob o domínio daqueles que gerem as coisas por ele.

Sexta-feira, 21 de outubro, Ojai. Levei o Alain ao Oak Grove e trouxe o R de volta para conversar com K. Reuniram-se nos quartos de K e por vezes a voz tensa e estridente de R penetrava através das paredes até onde o A e eu estávamos à espera. Raiva no ar. À tarde, os três regressámos de carro a Malibu e fomos ver um médico. K tem um quisto no lábio que deve ser removido.

Sábado, 22 de outubro, Malibu. K fala toda a manhã sobre o que fazer em Ojai. Redigiu uma carta para R sobre o que quer ver feito: o Conselho da KWINC deve ser aumentado e ser ativo. Propõe a minha inclusão como um início para o alargamento. O controlo não deve continuar nas mãos de uma única pessoa, como R está em Ojai. Deve haver também divulgação de ativos, o que não existe atualmente. Mais tarde fizemos uma longa caminhada na praia. K caminhou à frente sozinho. Parecia num estado de meditação.

Segunda-feira, 24 de outubro, Malibu. Um dia quente. Fomos ao Dr. Rubin que removeu o quisto no lábio inferior de K, usando novocaína. Um

pedaço tão grande como a ponta do meu dedo foi extraído e levaram-se três pontos. Viemos direto para casa e no caminho K desmaiou, caindo para a esquerda. Amparando-o com o meu braço direito, consegui continuar a conduzir devagar. Voltou a si em cerca de um minuto, mas desmaiou novamente duas vezes, com um leve gemido. Parei o carro, mas ele voltou a si e disse para continuar. Em casa pusemos gelo no lábio que estava bastante inchado. Descansou o resto do dia. Dei um mergulho à tarde e ao jantar K insistiu em vir para a mesa. Tinha ponderado se «o corpo» estaria a protestar ou a sentir pena de si próprio quando gritou ao desmaiar: «Tinha-se tornado muito mais sensibilizado.»

Quinta-feira, 27 de outubro, Malibu — Ojai. Fomos de carro para Ojai a tempo do almoço em Arya Vihara. Levei o Alain ao Oak Grove para se encontrar com R para o ensaio de microfone e, quando isso ficou concluído, ambos se sentaram no carro para uma longa conversa enquanto eu me sentei no bosque. Finalmente, ao fim de duas horas, fiquei com tanto frio que tive de os interromper. Alain chocado por R lhe dizer que deve relatar-lhe as coisas e gravar as entrevistas privadas de K. Regresso a Pine Cottage e jantei sozinha enquanto K e A foram a Arya Vihara.

Estou a achar propício a úlceras estar às refeições ali devido à constante perseguição de K por RR. O constante ralar com ele para fazer isto ou aquilo cria tal tensão que estou a arranjar desculpas para não estar presente. O Alain está a achar o ralar difícil, R a implicar e K a ter de aguentar tanto de ambos.

Quinta-feira, 10 de novembro, Ojai. Ao fim da tarde o R veio conversar com K. O ambiente tornou-se ainda pior. Estamos bastante certos de que a cabana está sob escuta. Reuniram-se na sala ao lado dos arquivos e pouco depois ouvimos K regressar ao seu quarto. A luz continuou acessa na outra casa, indicando que R ainda ali estava. Quando se apagou, K veio onde o A e eu estávamos e fez sinal para irmos lá fora para nos contar, longe de possíveis microfones, o que tinha acontecido. Perguntou a R o que tinha feito relativamente à carta que K lhe tinha enviado [a carta que K tinha redigido a 22 de outubro]. R respondeu: «Nada. Porque deveria?

Não recebo ordens tuas.» K pediu-lhe que prestasse muita atenção, que soubesse que ele estava muito sério sobre o que a carta continha; que se R não fizesse algo as consequências ficariam por sua conta. Perante isto R disse: «O que estás a fazer? Isto é uma praga de brâmane?» K: «Rajagopal, o que estás a dizer? Estou a explicar que as consequências se seguem — como um dentista poderia dizer que se não se fizer algo é isto que vai acontecer.» R: «Eu também sou brâmane e rogo-te pragas muito maiores do que as que tu me podes rogar.»

Disse então a K que ele já não era o que fora — isto é, o instrutor do mundo, e pelos vistos houve muito mais que K não nos citou, mas disse que R estava a atacar «aquele outro» (querendo dizer algo sagrado) e que K disse: «Rajagopal, terminei. Vou-me embora» e levantou-se e partiu.

Sexta-feira, 11 de novembro, Ojai. K enviou o Alain a casa do Rajagopal para lhe dizer que no futuro não aceitará dinheiro para as suas despesas da parte da KWINC e que também guardará as fitas das palestras. O Alain disse que não podia aceitar um salário pago pela KWINC. K mandou então chamar James Vigeveno [um velho amigo de K] e, como ele é vice-presidente da KWINC, leu-lhe a carta que tinha enviado a R, a qual R se tinha recusado a mostrar a V. K também lhe disse que ele próprio estava fora da KWINC.

Sábado, 12 de novembro, Ojai. Vigeveno veio novamente conversar com K. À tarde houve a 5.ª palestra. No regresso houve um longo e lancinante telefonema por parte de R, arengando K, gritando ao telefone, K a tremer com a violência e o choque daquilo, o Alain e eu ambos doentes com a indignidade da situação. R acabou por desligar o telefone na cara de K. Seguiu-se outro jantar maçador em Arya Vihara. K tinha dormido cerca de três horas na noite passada e, quando disse à mesa que não tinha dormido muito, RR disparou contra ele: «Ah, por que não?» — como para uma criança que quebrou uma regra. O efeito combinado de R e RR todos estes anos é nauseante.

Domingo, 13 de novembro, Ojai. Novamente pouco sono. K disse-me a caminho do Oak Grove: «Que vida!» Deu depois a 6.ª palestra e foi uma das muito grandes. Sobre o dever e a meditação, esvaziando a mente do

conhecido. Enquanto falava, a exaustão e as marcas destes dias terríveis desapareceram e aquela extraordinária beleza de rosto e voz, a profundidade e outra qualidade, apoderaram-se dele.

Segunda-feira, 14 de novembro, Ojai — Malibu. Após uma discussão pública no Oak Grove fomos direto de carro para Malibu, mudámo-nos e descemos à praia para uma longa caminhada. O sol tinha-se posto e estava quase escuro. Ao descer no carro K tinha dito que deve revogar qualquer procuração que possa ter dado a R. Pensa que foi sob a forma de uma carta e acordo de cavalheiros, mas deve revogá-la legalmente. Deseja dá-la a mim se eu a aceitar. Disse que faria tudo o que ele desejasse, mas que me deve dizer explicitamente o que quer feito e até onde ir. Conversámos mais sobre tudo isto ao jantar.

Quarta-feira, 16 de novembro, Malibu — Ojai. Partimos depois das 8 e chegámos ao consultório do dentista de K pelas 9h30. Regressámos a Pine Cottage e K telefonou a R dizendo que este era o último dia para resolver as coisas. Seguiu-se uma conversa violenta e ultrajante por parte de R, acusando novamente K de o ter amaldiçoado. «Quem és tu para me dizer o que fazer», etc. K pediu as fitas das palestras de Ojai. A resposta de R foi: «Vais ter de obter uma ordem judicial para as conseguir.» Ignorou o pedido de K para o manuscrito que ele escrevera há vários anos.

Notas:

[1] O texto original apresenta novamente uma indicação de capítulo por extenso com numeração incorreta (TWENTY-SIX surge na sequência do capítulo TWENTY-FOUR, correspondendo na verdade ao capítulo vinte e cinco ou mantendo o lapso de seriação editorial do original).

[2] Mantém-se o nome botânico comum da árvore (Pepper tree no original, frequentemente identificada em português como aroeira-salsa ou schinus).

[Este era o manuscrito do diário que viria a ser publicado sob o título *Krishnamurti's Notebook*. K tinha-o deixado com Vanda Scaravelli, que por sua vez o tinha passado para o Rajagopal para que o guardasse em segurança, nunca imaginando que o Rajagopal não o devolveria se K lho pedisse.] K usou os primeiros tons de severidade na sua voz, não se colocou tanto à defensiva, mas tremia com a violência do ataque. A voz de

R parecia um berbequim a entrar pelo telefone, de tal modo que o Alain e eu, sentados do outro lado do quarto, conseguíamos ouvir a sua fúria.

Ele acabou por desligar o telefone na cara de K pela terceira vez aqui em Ojai e, incluindo a vez em Nova Iorque, quatro vezes nesta viagem. Foi feio, chocante e insano. K enviou então o Alain e a mim para irmos pedir o manuscrito pessoalmente. Fomos lá de carro, tocámos à campainha; nesse momento, a mulher de R, a Annalisa, chegou de carro. O que queríamos nós? Ela achava que o R não nos receberia. O Alain transmitiu a mensagem de K. Ela entrou e voltou dizendo que o R se recusava a entregar as fitas, o manuscrito ou a receber-nos. Partimos e regressámos para junto de K. Eu fiz o almoço (a RR está em Los Angeles a ouvir uma conferência do «melhor orador do mundo») e comemos na sala de estar. K descansou e depois os três fomos dar um passeio. Falámos sobre o que fazer com as fitas no futuro.

K irá guardá-las, fazer tanta da sua própria edição quanta desejar, mas será que isto retirará o fulgor à sua fala e constituirá um fardo demasiado grande? Estamos preparados para o fazer ou para formar um grupo de edição. Quanto à procuração, se K desejar, agirei em seu nome e combaterei o R nos tribunais, mas preciso de ter as suas instruções sobre até onde ir. Estou preparada para fazer o que quer que ele queira, mesmo que pareça um pesadelo. Não há a hipótese de não o fazer. Em vez disso, há um curioso sentido de ser um instrumento de alguma outra força em tudo isto. Caminhando pela estrada acima na noite escura, havia uma liberdade e uma completude após um dia terrível. Fiz-lhes o jantar no meu espaço novamente. Todos nós muito cansados.

O Alain contou-me mais tarde a mim (ML) próprio que o Rajagopal lhe tinha pedido para tomar nota de todas as pessoas que K via e para escutar as suas entrevistas privadas. O Alain tinha ido direto a K e perguntado se este era o seu desejo; K ficou, escusado será dizer, indignado ao máximo.

RS escreve que K lhe prometeu, antes de deixar Ojai rumo à Europa, que resolveria tudo amigavelmente com o Rajagopal. Como poderia ele, após tudo o que se tinha passado durante as palestras? Porque não pediu RS

ao seu pai para resolver a situação, o que ele poderia ter feito imediatamente ao reintegrar K na Direção? RS escreve na página seguinte que o Rajagopal se recusou a explicar o verdadeiro conflito entre si e K, pois ainda esperava «proteger» K e a Rosalind. Na perspetiva de K, a sua antiga relação com a Rosalind não tinha absolutamente nada a ver com a sua exigência de conhecer os assuntos da KWINC, ao passo que o Rajagopal tentava sempre fazer disso a questão principal.

Algumas cartas de 1967 da Rosalind para K são agora citadas no livro de Sloss. Numa carta de 22 de junho, a Rosalind escreveu que só havia uma coisa que K podia fazer, ir para Ojai sozinho e «pôr as coisas em pratos limpos». Acrescentou que tudo estava em boa ordem — cada cêntimo contabilizado, e poderia ser muito simplesmente «explicado se ele visse todos os registos». Esse era precisamente o problema: o Rajagopal recusava todos os pedidos de K para que lhe fosse mostrado qualquer tipo de registo. Quanto ao facto de K ir para Ojai sozinho, o Rajagopal teria continuado a insistir que o problema era apenas uma questão pessoal. O que mais havia a dizer sobre o caso com a Rosalind? «Discutir» o assunto parecia significar para o Rajagopal que K deveria colocar-se humildemente diante dele a ouvir as suas injúrias. Estas entrevistas pessoais que o Rajagopal continuava a pedir parecem ter sido táticas de adiamento para impedir a investigação dos assuntos financeiros da KWINC. A Rosalind e a sua filha certamente não compreendiam o dilema de K — o facto de ele ter uma responsabilidade para com as pessoas que tinham feito doações à KWINC para o seu trabalho.

1967-1968

VINTE E SETE

Nada disto interferiu com a agenda preenchida de K de viagens, palestras e encontros com novas pessoas. Entre os seus amigos mais recentes, que conhecera em 1966, encontrava-se Gérard Blitz, fundador do *Club Méditerranée*. Blitz, que tinha de estar na Califórnia em dezembro de 1967, ofereceu-se para que os seus advogados examinassem os assuntos da KWINC enquanto ali estivesse e para ir ele próprio ver o Rajagopal, uma

oferta que K aceitou, embora sublinhando que não queria ir a tribunal nem magoar o Rajagopal.

K recebeu o relatório de Blitz em janeiro de 1968, enquanto estava em Bombaim. Blitz tivera uma conversa infrutífera de sete horas com o Rajagopal a 17 de dezembro, e o resultado das averiguações dos seus advogados tinha revelado alguns factos preocupantes, a serem mencionados mais tarde. Após receber este relatório, K pediu ao Alain que escrevesse em seu nome a James Vigeveno a dizer que não teria mais nada a ver com a KWINC enquanto o Rajagopal estivesse à frente dela, e repetindo que não aceitaria mais nenhum dinheiro da mesma, tal como Naudé.

Em março de 1968, K esteve em Londres para consultar um advogado, Michael Rubinstein, perito em direito de autor. Enquanto esteve lá, disse a Doris Pratt para não enviar mais dinheiro ou informações sobre o seu trabalho para o Rajagopal. Também disse isto à Sra. Mary Cadogan, uma secretária sénior experiente que, antes do seu casamento, tinha trabalhado para a BBC. Em 1958, a delegação de Londres da KWINC tinha sido estabelecida na casa de Mary Cadogan e a Doris, que pretendia reformar-se, tinha, com o acordo de K e do Rajagopal, tornado a Sra. Cadogan responsável por toda a gestão da delegação, enquanto ela, a Doris, se limitava a cuidar de K quando este estava em Londres.

Quando, por conseguinte, Mary Cadogan foi instada pelo Rajagopal a enviar-lhe um balanço trimestral e os extratos bancários de Londres, como vinha fazendo nos últimos dez anos, escreveu-lhe a dizer que K lhe tinha pedido para não o fazer. Foi uma carta difícil de escrever para ela, porque sempre tivera uma excelente relação profissional e pessoal com o Rajagopal, mas pareceu-lhe que o mais importante era, conforme disse ao Rajagopal, que o trabalho de K «continuasse livre e plenamente por todo o mundo» e que os seus desejos sobre a forma como o trabalho deveria ser realizado fossem respeitados.

Foi Byron Casselberry, assistente do Rajagopal e administrador recém-nomeado da KWINC, quem respondeu à sua carta: não era uma questão de ela preferir trabalhar para K ou para o Rajagopal; ela era a assistente de Doris Pratt, Mandatária legal da KWINC de Ojai, e era «uma

obrigação para» ela enviar os extratos bancários. Se ela e Doris Pratt desejassem demitir-se, ela deveria tomar imediatamente medidas para prestar contas de todos os bens da KWINC que se encontravam em seu poder. Uma cópia desta carta foi também enviada à Doris, que lhe respondeu para o Rajagopal. Ela ficou terrivelmente transtornada e chocada.

À sua carta muito longa, Byron Casselberry respondeu novamente para dizer que havia mais em toda a situação do que ela e outros faziam a mínima ideia, como o próprio K bem sabia; só poderia ser resolvida se K e o Rajagopal «tratassem diretamente um com o outro». Assim que recebeu isto, a Doris telefonou a K, que tinha acabado de chegar a Gstaad, para obter confirmação, e escreveu depois uma longa carta a Casselberry, dizendo no decorrer da mesma: «Krishnaji respondeu categoricamente e de imediato que o que afirma e sugere não é a verdade.

A única questão que provocou o atual estado de coisas desastroso foi a usurpação total por parte do Raja das próprias responsabilidades de K. É tão simples, aberto e fundamental como isso, e não existem outras questões ocultas ou implicações pessoais e privadas de qualquer tipo envolvidas — não, pelo menos, diz o Krishnaji, no que a ele próprio diz respeito.»

Mima de Manziarly Porter, agora Vice-Presidente da KWINC após a renúncia de James Vigeveno por motivos de saúde, estava em Paris naquele mês de abril de 1968, enquanto K ali esteve antes de seguir para Gstaad. Ele convidou-a para almoçar e disse-lhe que não tinha recebido respostas às suas muitas cartas ao Rajagopal e que, se não tivesse notícias dele até uma certa data, se dissociaria por completo da KWINC. Ela prometeu que, assim que regressasse a Ojai, falaria com o Rajagopal. K não soube nada dela nem do Rajagopal até 29 de junho, quando recebeu uma carta dela enquanto estava em Gstaad, dizendo que quando ele, K, fosse à Califórnia no outono tudo ficaria resolvido. O Rajagopal já tinha dito isto vezes demais; K não ia tolerar por mais tempo estes adiamentos infindáveis e tomou a decisão de que não havia alternativa senão fazer uma rutura completa.

O meu marido e eu passámos algumas noites em Gstaad a caminho de Siena e conhecemos Vanda Scaravelli pela primeira vez num almoço em Tannegg. Fiquei imensamente impressionada com ela. Era pequena, rápida na fala e nos movimentos e vestia-se com muita elegância (hoje já não se importa com o vestuário convencional, usa calças, pés descalços e sandálias e continua, aos oitenta anos, tão ágil como uma gazela, resultado do ioga que fez durante anos e que agora ensina). A comida estava deliciosa, lembro-me, mas tudo era extremamente simples. Não havia sinal de grandiosidade, com um mordomo de luvas brancas, que RS descreve.

Conversou-se imenso enquanto lá estivemos sobre a nova Fundação que K pretendia instituir em Inglaterra e sobre a escola que faria parte dela. A Fundação deveria ser constituída de tal forma que a situação com o Rajagopal nunca mais pudesse erguer-se. K já tinha encontrado as pessoas ideais para ficarem à frente da escola — um casal inglês que se tinha acabado de reformar após vinte anos a gerir uma Escola Governamental, Dorothy e Montague Simmons.

A 4 de julho, K enviou uma carta final ao Rajagopal e ao seu advogado, redigida por Michael Rubinstein, revogando o documento que tinha assinado em Madras em novembro de 1958. Rubinstein tinha assumido a posição, após consultar um advogado em Madras, de que o documento de Madras não era legal. O advogado do Rajagopal não concordou e o assunto só foi resolvido após o primeiro processo judicial.

Partimos antes de as palestras começarem e não estávamos presentes, por conseguinte, quando Michael Rubinstein leu na lona a 8 de julho, antes da segunda palestra de K no encontro de Saanen, o seguinte anúncio:

Krishnamurti deseja que se saiba que se dissociou completamente da *Krishnamurti Writings Incorporated* de Ojai, Califórnia. Espera que, como resultado deste anúncio público, aqueles que desejam estar associados ao seu trabalho e ensinamentos deem apoio à nova, internacional, *Krishnamurti Foundation* de Londres, Inglaterra, cujas atividades incluirão uma escola. A Escritura que estabelece a Fundação garante que as intenções de Krishnamurti serão respeitadas.

RS não menciona esta rutura oficial, que deve ter sido um choque tremendo para o Rajagopal. Mostrou que K se sentia capaz de continuar com o seu trabalho sem qualquer ajuda da parte dele e que as ameaças veladas do Rajagopal de publicitar a antiga relação de K com a Rosalind, com as quais esperava adiar uma rutura total, não tinham dissuadido K. Após a rutura, K publicou muitos mais livros e encontrou editores tão bons como o Rajagopal.

Os partidários do Rajagopal diziam, naturalmente, que tinham sido os novos amigos de K que o tinham influenciado a separar-se do Rajagopal. K negou-o indignado; admitiu que poderia ser influenciado em pequenas questões, mas nunca nas importantes; não tinha sido influenciado pela Sra. Besant, por exemplo, ou por qualquer outra pessoa quando dissolveu a Ordem da Estrela e se demitiu da ST.

RS escreve sobre reuniões que K manteve em Gstaad com um grupo de amigos de Ojai, condenando o Rajagopal e recomendando que as gravações em fita destas reuniões fossem reproduzidas para todos os que pedissem para as ouvir. K não recomendou tal coisa. O grupo era constituído por cinco pessoas que continuavam extremamente ansiosas, mesmo após o anúncio público da rutura, por conseguir uma reconciliação. Os cinco eram o Coronel Frank Noyes, Albert Blackburn e a sua mulher, Gabriele (uma filha de James Vigeveno e da sua mulher) e um outro casal.

Blackburn, um antigo teosofista, conhecera K pela primeira vez em 1934 e, a partir daí, os ensinamentos de K tinham sido «o foco da sua vida»; vinha trabalhando para a KWINC e tinha contribuído largamente para a organização do trabalho de K. K disse que ficaria grato por tudo o que o grupo pudesse fazer para sanar a rutura; ele próprio já não podia fazer mais nada. Blackburn gravou as duas últimas de três reuniões por sua própria iniciativa e reproduziu-as para outros em Ojai que não tinham estado em Saanen, na esperança de que pudessem ajudar de alguma forma a alcançar uma reconciliação.

Após regressarem a Ojai, «o Al confrontou o R várias vezes», escreveu-me Gabriele Blackburn numa carta sem data de 1992, «e embora ele tenha amolecido a dada altura e até chorado admitindo que estava

errado, no dia seguinte estava impossível de novo, e não havia forma de parar a sua destrutividade contra o Kji».

O Rajagopal ficou, ao que parece, tão perturbado com estas fitas de que ouvira falar, que uma das condições que pediu no acordo do primeiro processo judicial foi que os originais e todas as cópias das mesmas fossem destruídos. Em troca, o Rajagopal devolveu o manuscrito do diário que K tinha escrito (*Krishnamurti's Notebook*), o qual se tinha recusado a devolver quando K lho tinha pedido em 1966. As fitas não tinham nada de pior do que a acusação de K de que o R se tinha recusado durante oito anos a reintegrá-lo na Direção ou a contar-lhe o que quer que fosse sobre os assuntos financeiros da KWINC.

1968
VINTE E OITO

A 28 de agosto de 1968, teve lugar uma reunião, na qual estive presente, no escritório de Michael Rubinstein em Gray's Inn, na qual a nova *Krishnamurti Foundation* foi legalmente constituída e redigida de tal forma que nenhuma pessoa a solo pudesse alguma vez obter o controlo da mesma; dois dos administradores, para além do próprio K, teriam de ir a eleição todos os anos.

Tendo recusado ser administradora de pleno direito, tornei-me, com Doris Pratt, uma administradora associada cuja única função era eleger ou reeleger os administradores. K disse-nos no início da reunião que, em resultado das chamadas fitas de Blackburn, tinha recebido nessa manhã um telegrama do Rajagopal a ameaçar com uma ação judicial por difamação de caráter.

Vários amigos em Ojai continuavam a fazer o seu melhor, apesar da rutura, para sanar a divergência entre K e o Rajagopal. Entre eles encontrava-se o Coronel Frank Noyes, um americano que vivia em Ojai desde 1949 e que estivera presente nas reuniões gravadas por Al Blackburn, ajudando agora o Rajagopal a editar as palestras de K. A 31 de agosto de 1968, três dias após a reunião no escritório de Michael Rubinstein, Noyes voou durante a noite de Ojai para Londres com um

memorando que tinha redigido a 29 de agosto para um acordo que o Rajagopal tinha assinado, não só de boa vontade mas com adições afetuosas, «enviando o seu profundo amor, não verbalmente, mas do coração». K achou-o inteiramente aceitável com a condição de que, a longo prazo, os arquivos da KWINC deveriam ir para a nova *Krishnamurti Foundation* e de que a correspondência pessoal de K e os manuscritos inéditos lhe deveriam ser entregues agora, o que Noyes considerou razoável.

Nessa tarde, K pediu a Noyes para telefonar ao Rajagopal em Ojai a perguntar se ele aceitaria a condição. K estava cético quanto a esta oferta feita apenas dois dias após o telegrama do Rajagopal a ameaçar com uma ação judicial, do qual Noyes não tinha sido informado pelo Rajagopal. Para intenso desgosto e desapontamento de Noyes, o Rajagopal declarou que teria de falar com K pessoalmente antes que algo pudesse ser resolvido, que K o tinha repudiado, insultado e caluniado e que seria necessária uma retratação pública antes de poder chegar a acordo com ele. Um esforço totalmente desperdiçado, uma viagem perdida para Noyes.

Em vez da ação judicial ameaçada, o Rajagopal escreveu a 16 de setembro, instando novamente K a encontrar-se com ele pessoalmente. Só numa reunião privada, face a face, poderiam as suas divergências ser resolvidas, caso contrário «uma exposição pública resultará inevitavelmente».

K expôs a sua posição claramente numa resposta ao Rajagopal a partir de Nova Iorque, a 28 de setembro, abrindo com as palavras: «Esta não é uma questão pessoal entre ti e mim». Reiterou que não sabia absolutamente nada sobre os assuntos da KWINC, nem sequer os nomes dos seus administradores, e que lhe tinha sido negado o acesso aos arquivos e aos seus próprios manuscritos. Lembrou ao Rajagopal que em 1966, em Ojai, ele tinha gritado com K, insultado o de forma violenta e afirmado que a Direção da KWINC era apenas uma fachada que lhe permitia a ele, Rajagopal, funcionar inteiramente sozinho, não tendo K qualquer voto nos seus assuntos e nenhuma responsabilidade.

K referiu-se também à visita de Gérard Blitz ao Rajagopal, quando lhe tinha sido mostrado um documento que K «tinha assinado com confiança [in 1958]». Este dissolvia o *Star Publishing Trust* da Holanda, que K fundara e controlava, e transferia todos os seus ativos e atividades para o *Ojai Star Institute*, que o Rajagopal controlava completamente, sendo as duas organizações agora conhecidas como KWINC.

K continuou dizendo que, uma vez que estava impedido de ter qualquer voto nos assuntos da KWINC, embora esta levasse o seu nome, tinha decidido no início desse ano não ter nada a ver com ela. Tinha recebido um telegrama de quatro páginas do Rajagopal a ameaçá-lo com procedimentos judiciais por difamação e pedia-se-lhe agora que se encontrasse com o Rajagopal a sós. O que ele se recusou a fazer, ou a ir a Ojai, «porque foste sempre violento e insultuoso... e a discussão contigo é impossível». A resposta do Rajagopal a esta carta veio sob a forma de um telegrama com data de 4 de outubro, descrevendo a carta de K como uma «circular xerocada» (cópias tinham sido enviadas aos novos administradores da KWINC) e «uma teia de deturpações, falsidades e distorções». Mas era com a frase final que o Rajagopal esperava assustar K. «Estás», perguntou ele, «a forçar-me a tornar conhecidos todos os factos reais?»

RS escreve que a Rosalind fez mais uma tentativa fútil de reconciliar K e o Rajagopal. Deslocou-se a Malibu, onde K estava hospedado. K tinha dito que «apenas lhe concederia meia hora do seu tempo» e «insistiu também em que a sua anfitriã permanecesse na sala». Mary Zimbalist tem uma versão diferente disto que aconteceu, segundo ela, a 2 de novembro. Ela encaminhou a Rosalind para a sala de estar e planeava retirar-se quando a Rosalind apontou para uma cadeira e lhe disse onde se sentar — na sua própria casa. A Rosalind chegou às dez e partiu à uma e meia.

No dia seguinte, a Rosalind escreveu a K (pp. 297-8), repetindo, pelos vistos, muito do que lhe tinha dito na entrevista e terminando por evocar o seu «compromisso» para com o Nitya de cuidar de K e o «grande sentido de responsabilidade» para com K que isso lhe dava. Pensaria ela estar a cumprir o seu «compromisso» para com o Nitya quando desterrou K de

Ojai? E ter-lhe-á alguma vez ocorrido que o Nitya poderia não ter aprovado a sua relação física com K?

1968-1971
VINTE E NOVE

Mais dois dos «novos amigos» de K, deixados anónimos no livro de RS, entram agora na história — Erna e Theodor Lilliefelt. Tinham ouvido K falar na Índia nos anos cinquenta e, após a reforma de Theo das Nações Unidas, tinham decidido fixar residência em Ojai, principalmente para poderem ouvir as palestras anuais de K ali. Foi um desapontamento terrível saber que ele já não viria a Ojai, mas só quando souberam da rutura e receberam um apelo de apoio para a nova escola em Inglaterra é que a Erna escreveu a K em Gstaad, a 10 de agosto de 1968, apresentando-se a si e ao seu marido e oferecendo um apoio sincero.

Perguntou, contudo, se a intenção era «abandonar os ativos tão valiosos nas mãos da KWINC» e sugeriu que K tinha uma responsabilidade para com aqueles que os tinham facultado para o seu trabalho. Salientou que, a menos que fosse tomada alguma ação para os recuperar, os amigos que estavam profundamente interessados no trabalho achariam difícil apoiá-lo. K respondeu sugerindo um encontro quando fosse a Malibu da vez seguinte, mas por causa da sua carta e da investigação que ela já tinha feito sobre a situação financeira da KWINC, ela foi convidada para uma reunião em Nova Iorque, em outubro, com K, Mary Zimbalist, Alain Naudé e Michael Rubinstein, que tinha voado especialmente de Inglaterra, para discutir a possibilidade de avançar com uma ação judicial contra o Rajagopal para a recuperação dos ativos.

Enquanto a Erna estava em Nova Iorque, K perguntou-lhe se ela estabeleceria uma Fundação americana nos moldes da inglesa. Com a cooperação do seu marido, a Erna concordou e a *Krishnamurti Foundation of America* (KFA) foi estabelecida em 1969, tendo os Lilliefelt e Mary Zimbalist como três dos administradores originais. Uma *Krishnamurti Foundation* indiana semelhante foi instituída em 1970.

RS afirma que em janeiro de 1968, K foi ao escritório do Procurador-Geral em Los Angeles. Não é assim. (Como se viu, K estava em Bombaim em janeiro.) Só a 9 de dezembro de 1968 é que K e Mary Zimbalist foram com um velho amigo, Sydney Field, conversar com um amigo de Field, antigo Procurador-Geral do Estado da Califórnia, sendo por ele aconselhados a apresentar o seu caso ao atual Procurador-Geral; e só no fim de fevereiro de 1969, dezassete meses após a rutura, é que se deslocaram à delegação de Los Angeles do Subprocurador-Geral, Laurence Tapper.

Após examinar o assunto, o Sr. Tapper, na sua capacidade oficial, manteve reuniões com o advogado do Rajagopal. Por volta de março de 1971, Tapper estava convencido de que as acusações da KFA contra o Rajagopal eram justificadas e tornou-se co-autor na ação judicial, chegando ao ponto de escrever ao advogado do Rajagopal sobre a «má conduta do Rajagopal como administrador de mais de 1 milhão de dólares em ativos de beneficência».

James Vigeveno, que era judeu, sentia um grande sentido de lealdade para com o Rajagopal por este o ter encorajado, a ele e à sua mulher, a deixar Ommen, onde trabalhavam para K, oferecendo-lhes trabalho em Ojai perante a proximidade da guerra. Vigeveno era, ao mesmo tempo, devoto de K. Em julho de 1969, escreveu uma longa carta aberta dirigida *AOS MEUS AMIGOS E ÀQUELES QUE ESTÃO MAGOADOS*, a qual foi posta a circular através da lista de contactos da KWINC e é citada no livro de Sloss. Gabriele Blackburn, a filha dos Vigeveno, lembra-se de ser convidada para almoçar em Tannegg e de ser recebida por K com a carta do seu pai na mão, «dizendo que era a coisa mais terrível — mas disse-me: 'O teu pai não a escreveu'». Mais tarde, a Gabriele perguntou à mãe sobre a carta e foi-lhe dito que o pai tinha feito notas para a mesma no dia seguinte a uma grande cirurgia no hospital e que ela tinha mostrado as notas ao Rajagopal, que as tinha «editado», tendo ela datilografado as notas e dado o dactiloscrito ao marido para assinar.

Numa segunda carta de 1972, a Gabriele contou-me que o pai estava tão triste por não conseguir ajudar a aproximar K e o Rajagopal que teve um grave ataque cardíaco além do cancro. A partir dessa altura, ninguém

mais lhe falou sobre a situação até à sua morte em 1977. Quando ele faleceu, K disse à Gabriele que ele tinha sido o homem mais bondoso que alguma vez conhecera. A Gabriele acrescentou que ambos os seus pais permaneceram completamente convencidos de que os ensinamentos de K eram a coisa mais importante nas suas vidas.

A Gabriele também escreveu nesta carta: «O Raja tinha a capacidade muito invulgar de fazer com que pessoas, de resto inteligentes e de pensamento próprio, concordassem com ele. Ele fez um estudo sobre como manipular e controlar os outros, possuindo muitos livros sobre magia negra e feitiçaria; e também, já agora, sobre sexo. Isto ele mantinha muito em segredo, mas mostrou-os ao meu marido, Al, a dada altura e falou longamente sobre o assunto. Ele tinha certamente o poder de fazer as pessoas pensarem que queriam fazer certas coisas, ou que algumas ações eram inteiramente suas».

RS está novamente equivocada ao dizer que K se recusou a encontrar-se com o Rajagopal. Ele encontrou-se com ele várias vezes na esperança de não ter de recorrer à lei, mas sem sucesso, uma vez que o Rajagopal, em vez de discutir o verdadeiro problema das finanças da KWINC, regressava ao caso com a Rosalind, sobre o qual não havia mais nada a dizer. E a afirmação de RS de que o Rajagopal tinha oferecido termos de acordo para o caso «que quatro anos mais tarde seriam aceites» é também errónea, e ela repete-o. O Rajagopal tinha de facto oferecido tal acordo através do Coronel Noyes, como sabemos, mas tinha-o retirado.

A Rosalind diz disparates quando conta à filha em junho de 1971, conforme citado, sobre as suas relações passadas com K porque não queria que ela «as ouvisse pela primeira vez num tribunal» e temia que «a privacidade da sua vida fosse invadida» e que «continuava não preparada para revelar publicamente» a relação deles. RS acrescenta que «seria necessária mais uma ação judicial para lhe arrancar isso». Não foi preciso muito «arranque» para o presente livro. Deve ser repetido que ninguém teria alguma vez trazido o caso para a ação judicial exceto o Rajagopal ou a Rosalind, pois não tinha absolutamente nada a ver com isso.

A Rosalind, dizem-nos, «apelou então aos advogados de ambas as partes, dizendo-lhes o quão desastroso seria um julgamento, acima de tudo para Krishna, apenas sugerindo um possível escândalo». RS parece alheia à verdadeira queixa de K contra o Rajagopal. A sua afirmação de que o Rajagopal estava a tentar proteger K é também um disparate. Tanto o Rajagopal como a Rosalind fizeram o seu melhor para trazer a sua relação passada com K para o caso e a sua filha usa-o numa tentativa de ilibar a gestão do seu pai à frente de uma organização de beneficência. Quando K contou aos administradores da KFA e ao seu advogado que esta antiga relação seria provavelmente usada para o constranger e travar a ação em Tribunal, a mesma foi completamente desconsiderada pelo advogado deles por ser irrelevante.

A ação legal mencionada por RS para reivindicar Vasanta Vihar em Madras foi necessária porque a KWINC a estava a reivindicar como sua propriedade. Este assunto só foi resolvido no Tribunal Superior de Madras em março de 1976, quando a propriedade foi recuperada pela Fundação indiana para uso de K, o propósito para o qual tinha sido construída em 1934.

A queixa formal foi entregue ao Rajagopal e à KWINC a 9 de novembro de 1971, após terem falhado todas as tentativas de acordo; e em março de 1972 foi apresentada uma contestação negando todas as alegações, bem como uma reconvenção por incumprimento de contrato, interferência fraudulenta e difamação. Os autores não incluíam K; eram Mary Zimbalist, Erna e Theo Lilliefelt e Ruth Tettemer como administradores da KFA, e Sydney Roth, que tinha feito contribuições generosas para a KWINC, e o mais importante de tudo, o Procurador-Geral da Califórnia.

Os réus eram todos administradores da KWINC: o Rajagopal e a sua mulher Annalisa, os Vigeveno, Mima Porter, Austin Bee, Byron Casselberry e William Weidemann, cunhado da Rosalind. O processo de recolha de depoimentos começou então. Durante o depoimento do Rajagopal, soube-se que 370 000 dólares estavam guardados num banco suíço, os quais já não apareciam nos livros da KWINC. K também teve de fazer um depoimento, uma vez que estava incluído na reconvenção.

1974

Diligências para alcançar um acordo continuavam ainda, incluindo uma proposta do Rajagopal que falhou porque ele não aceitava uma auditoria independente, uma tentativa falhada por parte dele para que a queixa fosse rejeitada ao abrigo do Prazo de Prescrição e um apelo direto a K por parte de Vigeveno para um acordo sem passar pelos advogados. Isto era impossível numa fase dessas. Frank Noyes tentou mais tarde, de novo, chegar a um acordo que excluísse os advogados. Negociações mais sérias entre os advogados e vários requerimentos ao Tribunal prosseguiram até 30 de setembro de 1974, altura em que um acordo foi finalmente concertado e aprovado pelo Tribunal em dezembro.

Só ao aceitar este acordo é que o Rajagopal conseguiu evitar responder às perguntas que lhe eram feitas sobre o desaparecimento de ações e de dinheiro que deveriam ter entrado na conta da KWINC mas que, através das transações mais complicadas, tinham terminado sob o controlo pessoal do Rajagopal.

Ao abrigo do acordo, o Rajagopal aceitou que a KWINC fosse dissolvida e todos os seus ativos transferidos para a KFA, exceto certos direitos de publicação que deveriam ir para outro fundo chamado K & R. O Rajagopal tinha formado a K & R em 1967 sem o conhecimento de K e alguns dos ativos da KWINC já tinham sido colocados nela. Aquando da morte do Rajagopal, todos os ativos da K & R deveriam passar para a KFA.

O dinheiro e os títulos a serem entregues à KFA totalizavam mais de 400 000 dólares (embora outros fundos desaparecidos não tivessem sido justificados). Os terrenos, que incluíam o Oak Grove e 150 acres, Arya Vihara e os terrenos circundantes e Pine Cottage estavam também incluídos. Ficou acordado que as custas do Rajagopal seriam pagas pela KWINC e que ele seria autorizado a permanecer na sua casa vitaliciamente; esta tinha sido comprada pela KWINC e continuava como um ativo nos seus livros, embora a propriedade tivesse sido transferida para o nome do Rajagopal.

Ele tinha construído uma caixa-forte nesta casa pela qual a KWINC tinha pago 40 000 dólares e aceitou agora reembolsar 30 000 dólares deste valor à KWINC. Era nesta caixa-forte que ele guardava os arquivos que mais tarde se recusou a entregar, alegando que lhe pertenciam pessoalmente.

Assim, após sete anos, K e os seus administradores pensaram ter recuperado a maior parte do que o Rajagopal tinha indevidamente tomado e se recusava a entregar ou a prestar contas. (O caso não foi resolvido fora do tribunal como RS afirma, p. 304. O acordo foi apreciado e aprovado pelo Juiz Richard Heaton do Tribunal Superior do Condado de Ventura a 26 de dezembro de 1974.)

1974-1980

Quase assim que o acordo foi aprovado, tornou-se claro que o Rajagopal faria tudo o possível para impedir a sua execução. Criou dificuldades em dar acesso a arquivos que não tinham sido entregues e fez alterações não autorizadas num livro de poemas de K que estava prestes a publicar, as quais foram descobertas mesmo a tempo. Também falhou na entrega de uma grande parte do arquivo sob o argumento de que era propriedade pessoal sua, e não da KWINC. Esta situação insatisfatória persistiu até 1980, altura em que os administradores da KFA souberam que o Rajagopal andava a transferir arquivos de Krishnamurti para a *Huntington Library*, alegando que lhe pertenciam pessoalmente e chamando-lhes «A Coleção Histórica Rajagopal» (e, como mais tarde se veio a verificar a partir da sua própria contestação na terceira ação judicial, obtendo uma «vantagem comercial», sem dúvida sob a forma de benefício fiscal).

Quando os administradores da KFA consultaram o seu advogado de Ventura, Stanley Cohen, sobre o que deveria ser feito, foi-lhes dito por este que, se continuassem a permitir que ocorressem violações do acordo, poderiam perder os direitos legais que tinham demorado sete anos a obter. Isto deixou os administradores sem alternativa senão recorrer ao Tribunal para a execução do acordo.

A segunda ação judicial começou com este requerimento em dezembro de 1980. Pouco progresso foi feito durante 1981 devido às alegações de doença por parte do Rajagopal.

Dado que as atividades de K e a sua mudança definitiva para viver em Ojai são descritas em pormenor no último volume da minha biografia, *The Open Door*, não as irei repetir. Resta apenas dizer que o comentário de RS (p. 312) de que Pine Cottage fora «transformada irreconhecivelmente num domicílio luxuoso com pisos de ladrilho e cozinha moderna» é enganador.

A cabana em si não tinha mudado exteriormente; uma bela casinha ligada a ela no lado oposto, invisível a partir da entrada, tinha sido construída por Mary Zimbalist em substituição da sua casa em Malibu, que ela tinha vendido. Esta casa, construída em terrenos da KFA, passará para a KFA aquando da morte de Mary.

Os papéis dos arquivos de Adyar que o Rajagopal tinha reivindicado como propriedade sua revelaram ser, quando finalmente recuperados: manuscritos diversos escritos à mão por K e aqueles relativos a K; cartas da Sra. Besant para K e cartas de K para a Sra. Besant; cartas de K para Leadbeater; cartas de Jinarajadasa to K; cartas do Nitya para a Sra. Besant e Leadbeater; cartas de K para o Nitya; cartas de K e do Nitya para Lady Emily; cartas de Lady Emily para K; os diários de K e de Nitya.

Que o Rajagopal tenha tido o desplante de reivindicar estes papéis como seus e não como parte do arquivo é quase inacreditável. Investigações da KFA junto do Secretário do então Presidente da ST mostraram, através dos recibos dos correios, que todo este material pessoal listado acima tinha sido endereçado ao Sr. Krishnamurti, embora enviado para o então escritório da KWINC.

A opinião de RS (pp. 313 e 314-5) é igualmente absurda: estava «convencida... de que a base de toda a ação de Krishna contra o Raja era o seu medo do que os arquivos continham, do que aconteceria à sua imagem pública se cartas e declarações de seu próprio punho viessem alguma vez a lume». Ela ou ignora ou desconhece o facto de que K nunca ia sozinho

tentar ver os arquivos; os administradores da KFA estavam sempre com ele e por vezes iam a seu pedido tentar vê-los sem ele.

1982

Em março de 1982, K tinha aceitado encontrar-se com o Rajagopal na casa da Sra. Vigeveno para uma discussão final do problema dos arquivos. A 20 de fevereiro, ele tinha sido submetido a uma dolorosa operação de hérnia com uma injeção espinhal no *UCLA Medical Centre* em Los Angeles e tinha quase «desvanecido». (À medida que envelhecia, tornava-se cada vez mais difícil para ele manter-se vivo.) Foi autorizado a regressar a Ojai quatro dias mais tarde, mas continuava com algumas dores e teve de ficar na cama. Devia dar palestras públicas em Nova Iorque no fim de março e Mary Zimbalist, que tinha ficado com ele no hospital, temia que não houvesse tempo suficiente para ele recuperar as forças. Apesar disso, ele levantou-se da cama para ir a casa da Sra. Vigeveno para a reunião porque tinha prometido a RS que o faria.

Mary Zimbalist descreveu este encontro no seu diário. K também o descreveu por telefone a RS (p. 311). Os dois relatos coincidem: quando K e os seus administradores entraram na sala na casa da Sra. Vigeveno, K contou as cadeiras imediatamente e, descobrindo que faltava uma, perguntou onde é que o Rajagopal se ia sentar. A Sra. Vigeveno pediu-lhe que se sentasse e disse que o Rajagopal não vinha. Não foi dado qualquer pedido de desculpas ou explicação. K disse que não havia nada a discutir sem a presença dele, levantou-se e saiu.

K tinha telefonado a RS dois dias mais tarde porque tinha prometido dizer-lhe se algo tinha ficado resolvido na reunião. Tiveram uma conversa bastante longa que ela cita (p. 311) e que, diz ela, datilografou de memória imediatamente a seguir. Porque haveria ela de querer registar o que K acreditava ser uma conversa privada, a menos que pretendesse usá-la de alguma forma? A dada altura K disse: «Ou o Rajagopal está completamente louco ou desonesto ou está a jogar jogos». Esta observação de K,

transmitida por RS ao seu pai, viria a ser a base da terceira ação judicial, movida pelo Rajagopal contra K, exigindo 9 milhões de dólares a ele e a cada um dos seus administradores por difamação.

Em maio deste ano, 1982, enquanto as palestras do Oak Grove decorriam, cinco caixas de documentos foram entregues a K por instruções do Rajagopal. Estas incluíam as cartas pessoais e manuscritos de K enviados para ele a partir dos arquivos de Adyar que foram listados acima. Em troca, foi pedido a K que anunciasse no Oak Grove que tudo estava agora bem entre ele e o Rajagopal. K não podia ser subornado e, passados escassos dias, o advogado do Rajagopal, o Sr. Avchen, exigiu a devolução das caixas, ameaçando que, se fossem retidas, iniciaria procedimentos para a devolução de propriedade roubada.

Um mês mais tarde, a Rosalind, de acordo com a filha (p. 313), decidiu fazer outro esforço «final». Ela temia ver toda a sua vida revelada e sabia que um julgamento «significaria nada menos do que isso». Quantas vezes se tem de repetir que a relação dela com K nunca viria a lume num julgamento a menos que ela ou o Rajagopal a introduzissem?

K estava agora em Gstaad e ela escreveu-lhe uma longa carta para lá e enviou-a num envelope selado a Vanda Scaravelli para lha entregar. Pediu a Vanda que garantisse que K a abrisse, a lêsse ele próprio na presença de Vanda, sem deixar ninguém ver, e a rasgasse. Esta carta, segundo RS, continha um relato da sua relação com K, incluindo abortos e o aborto espontâneo, bem como o comportamento dele «no caso indiano».

A 6 de julho, Vanda respondeu (p. 313): «Esta manhã entreguei a tua carta a K. Ele disse que 'era demasiado longa' mas leu-a quase toda. Depois entregou-a à Sra. — [nome deixado em branco, presumivelmente por RS] dizendo que havia coisas relativas à fundação que ela deveria saber. À tarde, rasgou-a à minha frente». A nota no diário de Mary Zimbalist para 7 de julho de 1982 (e não 1983, como RS afirma) não coincide inteiramente com a resposta de Vanda:

A Vanda ontem entregou a K uma carta de RR que deveria ser lida por K na sua presença e depois destruída. K recusou-se a tocar-lhe. Fez com

que eu a abrisse e lhe dissesse o que era. Era um relato manuscrito de 6 páginas, intitulado «Uma Triste Triste História», da vida dela em relação a K, N e R, cujo objetivo — se é que havia algum — era uma justificação de tudo o que R possa ser «levado em desespero» a fazer em tribunal, difamação de K e inteiramente auto-serviço. Uma clara implicação da ajuda dela a R. K sentiu repulsa até em ouvir qualquer parte da mesma e continuava a pedir-me para lhe contar, e não para lha ler, disse que era algo imundo.

Mais tarde fomos de carro até Gsteig debaixo de chuva e falámos sobre o assunto. RR tinha citado Lady Emily como tendo dito que K era um mentiroso congénito. «Consideras-me isso?», perguntou-me ele. «Menti quando eles me atacaram, me brutalizaram. Não sou uma pessoa violenta e eles eram. Tentei evitar isso». Ele parecia chocado com a carta, mas mais preocupado com o facto de eu poder ficar perturbada com ela. Disse que não estava, mas uma coisa era firme — que quando tudo isto acabar, o caso ou o que quer que aconteça — nunca mais terei nada a ver com essas duas pessoas.

K disse que sentia o mesmo, mas notei que ele é perdoador, capaz de esquecer. Os meus sentimentos não mudariam. Esta manhã ele perguntou novamente se a carta me tinha perturbado. Não lhe disse que me dava náuseas por ele — que ele tivesse caído nas mãos de tais pessoas — mas esse é um sentimento antigo, uma pergunta antiga. Disse que tinha acordado de manhã a pensar na humildade — examinar o que se é ou se tinha feito, sem um centro.

Uma cópia desta carta nunca foi guardada «para ser mal utilizada numa altura posterior», como RS suspeitava (p. 314) que pudesse ter sido. Quem haveria de querer usá-la ou mal usá-la exceto um dos Rajagopal?

Mary soube a 10 de julho, por Erna Lilliefelt, que o advogado da KFA tinha sabido pelo Sr. Avchen, advogado do Rajagopal, que o Rajagopal faria um acordo se obtivesse um pedido de desculpas. Quando Mary relatou isto a K, ele respondeu, de acordo com o diário de Mary: «'Vamos continuar a lutar durante anos?' Disse que o R nunca cederia. 'Vamos

gastar toda esta energia, tempo, dinheiro nisto? Isso mantém-nos em constante contacto com estas pessoas sujas.

Eles são sujos; por isso é que eu não quis ler nem tocar naquela carta da Rosalind. Nunca mais quero ver ou falar com essas pessoas, eles são maus, sujos. ... Estou desgostoso. Faria qualquer coisa para me afastar deles. Não posso estar com isso, com ter algo a ver com eles, e estamos ligados através deste caso. Estávamos certos no início. Senti-me responsável perante aqueles que tinham doado e foi correto termos ficado com as terras e tudo isso. Mas agora isto continua e continua. Não queres estar livre disso?' Disse que tinha uma motivação desde o primeiríssimo momento: protegê-lo a ele e aos ensinamentos, ver acontecer o que ele quer ver feito. Ele disse que isso não era suficiente, 'Tu és parte de mim, deves ver e sentir isto da mesma maneira'. Ele estava a deixar claro que quer terminar a disputa e isso por si só conta totalmente para mim. ... A dada altura ele disse: 'Eu rastejaria para acabar com isto'».

Mais tarde, Mary telefonou a Erna em Ojai e tentou expressar em palavras o sentimento de K e o seu desejo de resolver o caso rapidamente. Erna avisou que, se a ação fosse retirada, o Rajagopal poderia contra-processar por falsas acusações e pelas suas custas.

Sabemos agora pela própria Radha Sloss (p. 313) que o objetivo da carta da Rosalind a K era avisá-lo de que, a menos que o caso fosse retirado, era intenção do lado do Rajagopal garantir que a relação com a Rosalind seria revelada. Quando K, como se disse, tinha falado ao advogado deles e aos administradores no início do primeiro caso sobre a sua ligação com a Rosalind e como esta poderia ser usada, o advogado tinha aconselhado que era totalmente irrelevante para o caso de desvio de fundos, e não tinha sido levantada pelo lado do Rajagopal; pelo que os administradores de K não se deixaram dissuadir pela ameaça na carta da Rosalind e todas as tentativas continuaram para se alcançar um acordo, inclusive aceitando alguma forma de palavras que o Rajagopal aceitasse como «um pedido de desculpas». Mas sempre que um acordo estava prestes a ser alcançado, o Rajagopal introduzia outra exigência — tal como um compromisso por parte da KFA de nunca mais processar o Rajagopal, independentemente do que ele escolhesse fazer.

O caso, portanto, prosseguiu para a fase de depoimentos. No depoimento de K no escritório do Sr. Cohen, no fim de março de 1983, o que tinha necessitado de uma viagem especial a partir da Europa onde se encontrava a caminho da Índia, ele foi submetido pelo advogado do Rajagopal a um interrogatório brutal e injurioso sobre a sua relação com a Rosalind, que nada tinha a ver com o problema dos arquivos e com a violação dos termos do acordo da primeira ação judicial. O Sr. Cohen aconselhou K a não responder. O advogado do Rajagopal leu então uma declaração a K informando que a 8 de abril ele teria de comparecer pessoalmente perante um juiz no Tribunal de Ventura, que decidiria sobre a relevância da pergunta.

Em vez de sujeitar K à perspetiva de uma série de comparências perante advogados inquiridores hostis, juízes e, finalmente, o Tribunal de julgamento, Cohen recebeu instruções para tentar chegar a um acordo mais uma vez. O Rajagopal tentou agora impor novas condições que era impossível aceitar e a ação judicial para a recuperação dos arquivos foi retirada a 1 de abril de 1983. Isto significava que tudo o que o Rajagopal tinha entregue à *Huntington Library* permaneceria lá e tudo o que ele considerasse pertencer-lhe pessoalmente permaneceria com ele.

1983-1986
TRINTA E UM [1]

Seis semanas mais tarde, a 17 de maio de 1983, foi entregue uma notificação judicial a K quando este abandonava o Oak Grove após uma palestra pública, e posteriormente a todos os administradores da KFA. A alegação era de que o acordo de 1974 tinha sido violado pela segunda ação judicial relativa aos arquivos desaparecidos, que as atividades editoriais do Rajagopal tinham sofrido interferência, tal como o seu «negócio» com a

Huntington, que o Rajagopal tinha sofrido desgaste emocional e que K tinha dito a amigos, incluindo a filha do Rajagopal, Radha Sloss, que o Rajagopal «tinha enlouquecido» ou estava com «um ligeiro defeito no cérebro» e era «desonesto». Indemnizações de 9 milhões de dólares foram exigidas a K e a cada administrador.

Dado que a honestidade do Rajagopal era uma questão em disputa, foram-lhe feitas certas perguntas financeiras quando os depoimentos foram tomados em novembro de 1983. Ele recusou-se a responder a estas com base em irrelevância e foi movido um requerimento em tribunal para o compelir a fazê-lo. Após a primeira de duas audiências, o Rajagopal alterou a sua queixa de difamação para o período após 27 de janeiro de 1977 (a data em que houve uma alteração ao acordo da primeira ação judicial). Na segunda audiência, o Tribunal determinou, portanto, que ele deveria ser compelido a responder a perguntas que envolvessem a sua situação financeira apenas após essa data. Ele exigiu então que essa parte do seu depoimento que respondia a perguntas relativas à sua situação financeira pessoal ficasse permanentemente sob segredo de justiça. Só se pode adivinhar as razões do Rajagopal para a insistência neste secretismo.

Notas:

[1] O texto original apresenta a indicação de capítulo por extenso (THIRTY-ONE) saltando a numeração trinta, mantendo a irregularidade de seriação editorial do texto de origem.

Os diversos processos judiciais seguiram então o seu curso. As tentativas de acordo falhavam habitualmente porque o Rajagopal continuava a mudar de ideias quando os advogados pensavam que se tinha alcançado um entendimento. O acordo final não tinha sido concertado, embora parecesse próximo, quando K deixou Ojai em maio de 1985. Um documento foi consensualizado por todos, o qual a Erna Lilliefelt levou para Inglaterra em outubro para ser assinado por K e por Mary Zimbalist. Alterações a este, exigidas pelo Rajagopal, foram telefonadas e o documento foi redatilografado e assinado, mas, aquando do regresso de Erna a Ojai, esta foi informada de que o Rajagopal tinha, mais uma vez, voltado atrás no seu acordo e exigia ainda mais modificações. K tinha, entretanto, partido para Deli.

K adoeceu na Índia e, em janeiro de 1986, regressou a Ojai, onde faleceu a 17 de fevereiro. RS estava na Índia quando leu a notícia. Ela «não tinha esperado que a morte dele fosse um choque tão grande», escreveu (p. 321), «E a vaga de desgosto que se seguiu foi o desgosto por um progenitor perdido. Nunca me tinha apercebido do quão profundamente pensava nele como tal...» Mas «a morte de Krishna», acrescentou ela, «não trouxe a paz ao Raja nem uma resolução para a disputa que existira entre eles durante vinte anos. Até à véspera do julgamento em tribunal, o Raja procurou um acordo...» O Rajagopal era, como é evidente, o autor da ação e poderia ter retirado o processo, bem como a sua exigência de 9 milhões de dólares, em qualquer altura que desejasse.

O caso prosseguiu até 20 de junho, data em que se alcançou um acordo que foi assinado pelo Juiz William L. Peck do Tribunal Superior do Condado de Ventura. Ao abrigo deste, o Rajagopal e os outros administradores da K & R demitiram-se e foram substituídos pelos administradores da KFA, e todos os ativos da K & R, quase 1 milhão de dólares, os direitos de publicação dos livros antigos e as «cinco caixas» de arquivos foram transferidos para a KFA. O Rajagopal manteve a propriedade de outros documentos na sua posse pessoal e os administradores da KFA aceitaram declarar que ele e os seus administradores «não tinham feito nada de errado».

Os dezassete anos de litigância tinham chegado ao fim. O custo, em esforço e ansiedade, recaindo na sua maior parte sobre Erna Lilliefelt, tinha sido enorme, bem como em dinheiro. Mas virtualmente todos os ativos que se sabia terem pertencido à KWINC tinham sido recuperados e podiam ser utilizados para o propósito que originalmente se lhes destinava. O Rajagopal estava agora completamente fora de cena e os administradores preocupavam-se apenas em prosseguir com o seu trabalho para K.

RS escreve o seguinte na p. 322 sobre o acordo:

Por outras palavras, o Raja não só tinha sido ilibado de qualquer irregularidade, como tinha sido julgado correto na sua reivindicação sobre a sua coleção de papéis. Acima de tudo, os seus antigos adversários tinham agora concordado que deviam proteger toda a obra da sua vida de um

potencial ataque por parte de terceiros. Isso teria sido uma pílula amarga para Krishna engolir, da qual ele tinha escapado por casualidade.

Por razões óbvias, não teço comentários sobre o facto de o Rajagopal ter sido ilibado de qualquer irregularidade, deixando isso ao critério do leitor. É verdade que a KFA tinha concordado que o Rajagopal ficasse com os papéis que estavam na sua própria posse, embora os considerassem parte do arquivo de Krishnamurti; este não era um preço alto a pagar para pôr fim ao pesadelo da litigância. Tendo obtido esta concessão, os advogados do Rajagopal teriam sido de facto negligentes se não o protegessem da possibilidade de alguma entidade externa, com ou sem o consentimento dos administradores da KFA, fazer uma tentativa para recuperar os documentos e iniciar uma nova vaga de ações judiciais. Naturalmente, os administradores da KFA não tiveram qualquer dificuldade em concordar fazer o que pudessem para impedir que isso acontecesse.

É o tom do parágrafo que deixo para consideração dos meus leitores, pois é uma pista para o tom de todo o livro de RS. Após a vaga de desgosto que se apoderou de RS após a morte de K, o desgosto por um progenitor perdido, ela escreve sobre a pílula amarga que ele teria tido de engolir caso tivesse vivido. O facto de não se tratar de modo nenhum de uma pílula amarga, mas sim de uma subtileza jurídica com a qual qualquer pessoa teria concordado de bom grado, é irrelevante. Ela pensa, ou pensava, que era uma pílula amarga e delicia-se com o desaponto do seu progenitor perdido. Quanto nos diz ela com estas palavras sobre os seus verdadeiros sentimentos, sobre os seus motivos ao escrever o livro e sobre o «espírito de ternura, justiça, investigação objetiva» que o seu editor elogia; «e não pouco remorso», acrescenta ele, e espero que tenha razão.

1983
TRINTA E DOIS

Dois anos após a notificação judicial ter sido entregue a K pelo Rajagopal, a 17 de maio de 1983, K ditou aquela carta a Mary Zimbalist que nunca foi enviada, cujas passagens já foram citadas anteriormente. Abaixo encontram-se os parágrafos finais da mesma:

Tu deves ter feito intrigas durante anos, ocultando e enganando toda a gente. Estou certo, por aquilo que tenho conhecido de ti, de que não deixaste que os teus amigos que se intitulam administradores soubessem de todas as tuas manobras para conseguires as propriedades para ti próprio. Provavelmente disseste-lhes coisas adversas sobre mim. O que tens, tu seguras. O que tens não te foi dado a ti. Foi dado aos Ensinamentos por generosidade, devoção, e tu exploraste aqueles que se sacrificaram; exploraste-me a mim e tens ainda a audácia de me chantagear. Trouxeste algo para o caso que nada tinha a ver com ele com o propósito de chantagem.

Chamo-te chantagista e outros disseram que és um desfalecedor, ao que tu nada dizes. Naturalmente. Esta manhã o Sr. Bee trouxe-me uma carta com uma declaração para eu assinar pessoalmente. Nessa carta há novamente a ameaça que equivale a chantagem. Olha, Rajagopal, eu não tenho realmente medo de que vás a tribunal, por isso faz o favor de não usar mais essa ameaça. Tu que pretendes ser um brâmane caíste tão baixo que traíste tudo pelo teu próprio poder pessoal, manobras secretas e ciúme egoísta. Isto é tudo o que tenho a dizer. Esta carta não é escrita com nenhum espírito de vingança ou para ferir a tua vaidade. É escrita para apontar o abismo profundo que existe entre ti e qualquer coisa de sagrado e decente. Se houvesse algum sentido de honestidade, de justiça, devolverias tudo, comportar-te-ias como um homem decente e honrado e tornar-te-ias um verdadeiro brâmane.

RS pareceu chocada quando uma notificação para comparecer em tribunal lhe foi entregue a 22 de dezembro de 1983. Ela tinha atraído isto sobre si própria, baseando-se a terceira ação judicial em grande parte no facto de ela ter transmitido ao seu pai a conversa telefónica que tivera com K, a qual este tinha acreditado ser confidencial. A segunda ação judicial contra o Rajagopal tinha sido retirada a 1 de abril de 1983, e não no outono como RS afirma, e a carta da Rosalind, que tinha sido escrita em julho de 1982, não foi responsável pela retirada do caso, como RS gosta de pensar; além disso, não foi K quem «pôs em movimento» o atual estado de coisas; foi o Rajagopal através da sua recusa persistente, desde 1960, em reintegrar K na Direção da KWINC, em mantê-lo informado sobre as suas atividades e em divulgar os seus assuntos financeiros.

Parece de facto que os Rajagopal estavam determinados, por bem ou por mal, a tornar pública a ligação da Rosalind com K, pelo que é ridículo que RS escreva (p. 314) que a Rosalind se sentiu «comovida a permitir» que a filha «usasse a sua memória e as suas cartas neste livro. ... Foi uma decisão dolorosa e terrível para ela tomar e que envolveu a natureza intrinsecamente auto-sacrificada que aqueles que lhe eram próximos conheciam tão bem».

Quando K foi para a Índia a partir de Brockwood Park pela última vez, a 24 de outubro de 1985, tinha menos de quatro meses de vida. Embora muito doente, conseguiu voar para Los Angeles a 10 de janeiro de 1986, após cumprir a sua agenda de palestras na Índia, exceto as de Bombaim que teve de cancelar. RS encontrava-se na Índia muito pouco tempo depois de ele ter partido para Ojai e soube lá que ele estava muito doente. (Ela acreditava que ele tinha noventa e dois anos, ao passo que ele estava no seu nonagésimo ano.) Em Adyar, foi ver Rukmini Arundale, viúva desde a morte de George em 1945, que estava também desesperadamente doente (faleceu pouco depois de K).

Ela contou a RS como K a tinha ido ver «após quarenta anos de afastamento» (na verdade, cinquenta e um), como tinha feito as pazes com todos em Adyar, tinha querido devolver a escola de Rajghat aos teosofistas e tinha pedido ao sobrinho dela para a gerir, embora «ele não saiba nada sobre gerir uma escola». K não tinha oferecido a devolução da escola aos teosofistas, que nunca tinham sido proprietários da mesma, mas uma das primeiras coisas que fizera à chegada à Índia fora pedir ao sobrinho de Rukmini, o Professor P. Krishna, para se tornar Diretor de Rajghat. O Dr. Krishna tinha aceitado e desde o início de 1986 que a tem gerido com muito sucesso. Foi ele quem convenceu K a ir ver Rukmini porque ela estava doente. K tinha achado a visita muito constrangedora, pois não tinha nada para lhe dizer.

Anteriormente no seu livro (p. 306), RS afirma que tinha existido sempre uma certa rivalidade com Rukmini por parte de K. Isto é totalmente falso. K tinha encarado o efémero movimento da Mãe do Mundo, do qual

Rukmini era a figura de proa, apenas como mais um dos planos insensatos de George Arundale.

RS comete outro erro na p. 306: o irmão de Rukmini, N. Sri Ram, não sucedeu a George Arundale como Presidente da ST. Arundale foi sucedido por Jinarajadasa, e Sri Ram tornou-se Presidente apenas após a morte deste em 1953. K tinha escrito a Leadbeater em maio de 1928: «Ouço dizer que a Amma proclamou a Sra. Arundale como a representante da Mãe do Mundo etc. Ouço também que sou arrastado para tudo isso. É obra do George, com as suas mensagens, o resultado do seu cérebro fértil. As suas maquinações são inumeráveis. Não quero estar misturado com nenhuma destas coisas. Vou ficar livre de tais complicações. Apenas desejaria que a Amma não me tivesse misturado com isso, como fez no caso dos chamados Apóstolos.»

Quanto ao facto de K fazer as pazes com a ST, tinha havido uma eleição para um novo Presidente da Sociedade no verão de 1980, sendo as duas candidatas Rukmini e a sua sobrinha, Radha Burnier (prima direita do Dr. Krishna e filha de Sri Ram). K era amigo chegado de Radha Burnier há muitos anos e prometeu-lhe que, se ela ganhasse as eleições, visitaria a ST. Ela ganhou-as e, da vez seguinte em que ele esteve em Madras, em novembro de 1980, cumpriu a sua promessa e, pela primeira vez em quarenta e seis anos, caminhou desde os portões da propriedade com Radha Burnier até à casa desta na praia, seguido por uma multidão de teosofistas acolhedores. A partir daí, passaria de carro pelo complexo até à casa de Radha a fim de caminhar com ela na praia ao entardecer sempre que se encontrava em Madras.

A alegação do Rajagopal, segundo a sua filha (p. 321), de que não sabia o quão doente K estava em Ojai é um pouco estranha, visto que o seu estado de saúde era noticiado no jornal local. Até ao fim, K permaneceu dócil, cortês e sem queixas, embora estivesse por vezes com dores terríveis. Conquistou a devoção do seu médico, de quem se tornou muito afeiçoado e que declarou que fora o último aluno de K, depois de K, num curto período de remissão, lhe ter feito uma exposição de quinze minutos sobre o seu ensinamento. A última coisa que ouvi K dizer a Pupul Jayakar (estávamos ambas em Ojai na altura) foi: «Dá o meu amor a Nandini, o meu verdadeiro amor... não há amor real. O meu amor, profundo amor para com Nandini.»

Pergunto-me se a Rosalind terá alguma vez amado realmente K. Todos sabemos que o ciúme não é amor. Ouvimos falar imenso neste livro sobre o amor dele por ela, e sobre as suas cartas de amor diárias para ela, mas não sobre a frequência com que ela lhe escrevia ou sobre o quanto ela o amava. É-nos dito mais do que uma vez que ela sacrificou a sua vida por ele, mas haverá no amor algum sentido de auto-sacrifício? Ela parece muito mais preocupada com os sentimentos dele por ela e com as suas ilusões de ele ter estado apaixonado por ela mesmo antes da morte de Nitya. Tivesse ela amado-o, poderia tê-lo considerado tanto como garantido e ter estado tão totalmente desinteressada no seu ensinamento?

Durante vinte anos, Mary Zimbalist cuidou de K, viajou para todo o lado com ele, atuou como motorista, secretária e enfermeira, e durante todo esse tempo existiu uma harmonia perfeita entre eles. Ela nunca teve ciúmes dos outros amigos dele, nunca foi possessiva, sempre dócil e discreta. Assistiu a todas as suas palestras e conheceu-o e amou-o em todos os níveis do seu ser. A sua vida continua totalmente dedicada ao trabalho dele.

Chego agora à acusação neste livro que considero imperdoável — isto é, o que é dito sobre o «processo» de K. Antes de mais, RS, de forma inócua, faz a sugestão (p. 61), que acredita ser original, de que este poderia ter sido causado por epilepsia. Descreve um rapaz na sua escola que era sujeito a convulsões aterradoras da doença, acrescentando depois, não de forma tão inócua, que este rapaz lhe confessara que «várias vezes tinha fingido estes ataques para evitar uma situação difícil». Epilepsia, esquizofrenia, histeria, enxaqueca, *kundalini* já foram todas sugeridas para explicar o «processo», mas nenhuma delas se ajusta ao caso. E aqui devo repetir, face ao que RS escreve nesta página e na seguinte, que a experiência de três dias sob a Schinus não foi o «processo» (o «processo» não começou senão duas semanas mais tarde), e que se um médico tivesse sido chamado durante o «processo» o fenómeno teria cessado. A Dra. Mary Rocke foi a única profissional médica que alguma vez o presenciou e ficou muito impressionada, mas não, aparentemente, capaz de dar qualquer explicação física para o mesmo.

RS alega que K queria sempre uma mulher para o ajudar a passar pelo «processo». Existem muitos exemplos em que ele sofreu com isso estando

completamente sozinho, conforme descreve nas suas cartas à Sra. Besant e a Leadbeater. Ele não podia, contudo, «apagar-se completamente» e relaxar para aliviar a dor a menos que tivesse consigo um companheiro de confiança que garantisse que ele não caía e se magoava. Revertendo a um estado infantil quando estava fora do corpo, era natural que quisesse a sua mãe consigo nessas alturas, como qualquer criança faria quando sente dor, e ele poderia, como é óbvio, aceitar mais facilmente uma mulher como sua mãe.

É monstruoso afirmar, como RS faz, que o «processo» se revelaria «altamente bem-sucedido em conquistar a devoção de uma série de mulheres». Queria ele conquistar a devoção de qualquer outra mulher quando o «processo» se manifestou na casa alugada em Wimbledon? Estava alguma mulher envolvida quando ele descrevia a presença do «processo» dia após dia no seu *Notebook*?

O que RS relata pode não ser tanto imperdoável como um exemplo lamentável da sua adoção irrefletida dos esforços rancorosos da sua mãe para desacreditar K e da sua leviandade e obtusidade superficial. Quando RS e o seu marido se encontravam a caminho da Índia em 1981, ficaram alguns dias com Vanda Scaravelli em Il Leccio, e Vanda deixou-os ler a descrição da sua experiência com o «processo» de K (citada em *The Years of Fulfilment*. «Este relato tinha ocorrido em 1961», escreve RS, «numa altura em que ela [Vanda] admitia estar desencantada com o comportamento dele.»

Esta última parte é completamente falsa. In 1961, Vanda e K estavam provavelmente no seu momento de maior proximidade; foi em julho de 1961, quando Vanda tivera a experiência, que ela tinha alugado parte do Chalet Tannegg para K pela primeira vez e eles encontravam-se ali alojados sozinhos, juntos, antes do primeiro e pequeno encontro em Saanen. RS poderia facilmente ter verificado isto. «A experiência de Vanda», continua RS, «embora registada com a máxima sinceridade e convicção da sua parte, pareceu-nos como mais uma provável representação por parte de Krishna. Nisto, como noutros casos, ele tinha tentado atrair para si a devoção de uma determinada mulher que era importante para ele no momento.»

Vanda é uma mulher maravilhosa que é incapaz de discutir com quem quer que seja. Quando lhe contei o que RS tinha escrito (não creio que ela se tivesse dado ao trabalho de ler o livro), limitou-se a rir e disse: «Porque haveria ele de querer atrair a minha devoção quando eu já lhe era dedicada há anos?» Esta foi uma de duas ocasiões em que ela me colocou a mão no joelho e disse, de forma muito séria para ela: «Não ligues a esse livro. A Rosalind está com ciúmes.»

O conselho de Vanda era sábio, e eu estava determinada a segui-lo, embora o ciúme da Rosalind não parecesse justificação suficiente para o livro da sua filha. Apenas quando reli a palavra «representação» na passagem citada acima é que uma força imperiosa se apossou de mim: ninguém capaz, não apenas de ter tal pensamento, mas de o escrever e publicar, poderia ficar sem uma resposta, por mais inadequada que fosse.

Naquele dia de julho de 1961, quando Vanda registava o que tinha vivenciado do «processo» de K, K escrevia no seu *Notebook*:

Acordei cedo esta manhã com um sentido enorme de poder, beleza e incorruptibilidade. ... Porque haveria tudo isto de acontecer a alguém? Nenhuma explicação é suficientemente boa, embora se possa inventar uma dúzia, mas certas coisas são bastante claras. 1. Deve-se ser totalmente indiferente à sua vinda e partida. 2. Não deve existir desejo de continuar a experiência ou de a guardar na memória. 3. Deve haver uma certa sensibilidade física, uma certa indiferença ao conforto. 4. Deve haver uma abordagem autocrítica e bem-humorada. Mas mesmo que se tivesse tudo isto, por acaso, não através de cultivo deliberado e de humildade, mesmo assim, não seriam suficientes. Algo totalmente diferente é necessário ou nada é necessário. Deve vir e nunca se pode ir atrás disso, faça-se o que se fizer. Pode-se também adicionar o amor à lista, mas está para além do amor. Uma coisa é certa, o cérebro nunca o poderá compreender nem o poderá conter. Abençoado é aquele a quem isto é dado.

NOTAS REPLICADAS

1. History of the KFA: Formation of the Krishnamurti Foundation of America and the Lawsuits Which Took Place Between 1968 and 1986 to Recover Assets for Krishnamurti's Work, por Erna Lilliefelt (Ojai, 1995).

2. Besant, por Mary Lutyens (Londres, 1975).

Krishnamurti: The Years of Awakening, por Mary Lutyens (Londres, 1975).

Krishnamurti: The Years of Fulfilment, por Mary Lutyens (Londres, 1983).

Krishnamurti: The Open Door, por Mary Lutyens, (Londres, 1988).

Um resumo dos três volumes, The Life and Death of Krishnamurti, por Mary Lutyens, foi publicado em 1991.

3. A fotografia no livro de Sloss de Leadbeater, da Sra. Besant, de K e de Jinarajadasa foi tirada em Benares em 1911. Estão a usar a insígnia da Ordem Púrpura, um núcleo interno dos seguidores da Sra. Besant, fundada antes da OSE.

4. O grupo a jogar críquete pode de facto ser datado de 1911 devido ao comprimento do cabelo de K. Mas não é em Wimbledon, pois a Miss Dodge não foi para lá senão durante a guerra, em 1914. A Miss Bright está à esquerda da Sra. Besant. Estão provavelmente no jardim dos Bright em Esher.

5. A resposta de Leadbeater, se é que houve alguma, não veio a lume.

6. A fotografia da Sra. Besant, de K e de Nitya a chegar a Bombaim em The Years of Awakening está erradamente datada por mim como sendo de 1924. Deveria ser de 1921.

7. Krishnamurti (Nova Iorque, 1986) pp. 49-57.

8. A fotografia no livro de Sloss com a legenda Raja and Krishna at Arya Vihara, 1925, é na verdade em Ehrwald, 1923.

9. A partir de cópia de carta nos arquivos da Krishnamurti Foundation of America (KFA), Ojai. As cartas de K para Helen estão também nos arquivos da KFA.

10. A fotografia no livro de Sloss de K e de Nitya com a legenda «local desconhecido 1924» foi tirada no exterior de Castle Eerde.

11. Escrevi em pormenor sobre a minha relação com o Nitya em To Be Young, uma autobiografia que vai até aos 17 anos

de idade. Digo coisas adoráveis nela sobre a Rosalind quando a conheci em Sydney.

12. A partir de cópia de uma carta nos arquivos da KFA, Ojai.

13. A fotografia sem data no livro de Sloss de K, Leadbeater e da Sra. Besant sentados num banco foi tirada em Adyar durante esta Convenção de Jubileu de 1925.

14. Nas memórias de Helen Nearing, Loving and Leaving the Good Life (Vermont, 1992), há um capítulo sobre a sua relação com K. Enquanto eu o achei muito mais suave após a morte de Nitya, Helen achou-o «mais velho, mais frio, mais contido. O rapaz que havia nele tinha desaparecido».

15. Ver Years of Awakening, capítulo 29.

16. A partir de cópia de uma carta nos arquivos da KFA, Ojai.

17. Ibid.

18. Ibid.

19. Krishnamurti por Pupul Jayakar, p. 96.

20. Ibid, pp. 125-30.

21. Ibid, p. 154.

22. A partir de cópia de uma carta nos arquivos da KFA, Ojai.

23. Ibid.

24. Jayakar, p. 181.

25. Ibid, p. 189.

26. Ibid, p. 200.

27. Ibid, p. 242.

28. Citado em The Years of Fulfilment e em The Life and Death of Krishnamurti.

29. Ibid.

30. Ibid.

31. A partir de cópia de uma carta de 8 de junho de 1964, de Doris Pratt para o Rajagopal nos arquivos da KFA, Ojai.

32. Esta correspondência é apresentada na íntegra em The Years of Fulfilment, pp. 145-149.

33. A partir de cópia de uma carta para K da parte de Noyes, citando uma carta que ele tinha escrito ao Rajagopal nessa

noite, e de uma cópia do memorando, ambos nos arquivos da KFA, Ojai.

34. A partir de cópias nos arquivos da KFA, Ojai.